

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS

RONALDO ADRIANO RODRIGUES

A INFLUÊNCIA NA IGREJA CATÓLICA: ENTRE O CISMA E A SINODALIDADE

CURITIBA
2025

RONALDO ADRIANO RODRIGUES

A INFLUÊNCIA NA IGREJA CATÓLICA: ENTRE O CISMA E A SINODALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação e Linguagens, na área de concentração: Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais.

Orientação: Prof. Dr. Geraldo Pieroni

CURITIBA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na fonte Biblioteca
"Sidnei Antonio Rangel Santos" Universidade Tuiuti do
Paraná

R696 Rodrigues, Ronaldo Adriano.

A influência na igreja católica: entre o cisma e a
sinodalidade/ Ronaldo Adriano Rodrigues; orientador Prof. Dr.
Geraldo Pieroni.

121f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná,
Curitiba, 2025

1. Igreja católica. 2. Comunicação digital. 3. Sinodalidade.
4. Influenciadores religiosos. 5. Cisma. 6. Modernidade líquida.
I. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Linguagens/ Mestrado em Comunicação
Linguagens. II. Título.

CDD – 302.3

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

“Precisamos de meios de comunicação capazes de construir pontes, defender a vida e abater muros, visíveis e invisíveis, que impedem o diálogo sincero e a verdadeira comunicação [...] meios de comunicação que possam ajudar as pessoas, sobretudo os jovens, a distinguir o bem do mal, a fazer julgamentos corretos, baseados numa apresentação clara e imparcial dos fatos, a compreender a importância do compromisso com a justiça, a concórdia social e o respeito pela Casa comum”.

(PAPA FRANCISCO)

AGRADECIMENTOS

À Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, rendo minha gratidão mais profunda. Foi Ele quem sustentou cada passo desta caminhada, iluminando as escolhas e fortalecendo o ânimo nos momentos de desafio.

Aos meus queridos pais, Maria Joana e Renato, meu alicerce, minha motivação e meu porto seguro, agradeço pelo amor incondicional, pelo exemplo de fé e pela dedicação incansável.

À Diocese de União da Vitória, na pessoa de seu bispo diocesano, Dom Walter Jorge, manifesto minha sincera gratidão pelo apoio, incentivo e confiança depositados ao longo desta jornada acadêmica.

Ao meu estimado orientador Prof. Dr. Geraldo Pieroni, um grande amigo que assumiu a continuidade desta orientação com generosidade e estímulo constante, registro minha profunda gratidão.

Ao Prof. Dr. Mauricio Liesen, que acompanhou com atenção e sabedoria a fase inicial desta pesquisa, deixo meu reconhecimento e apreço.

À Prof. Drª Mônica Fort e ao Prof. Dr. Diogo Pessoto, pela amizade e pelas valiosas contribuições para esta pesquisa.

Aos professores que, com suas aulas, críticas e contribuições, ampliaram meus horizontes acadêmicos e me desafiaram a buscar sempre mais profundidade.

Aos colegas e funcionários da Universidade, pelo companheirismo, pelas partilhas e pela colaboração nas diversas etapas deste trabalho, meu muito obrigado. Cada gesto e cada palavra de incentivo foram essenciais para que esta dissertação se concretizasse.

Por fim, estendo minha gratidão a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio, cada palavra de encorajamento e cada momento de compreensão foram importantes para que esta pesquisa chegasse ao seu término. Que este estudo, possa servir ao crescimento humano, acadêmico e eclesial, e ser instrumento de uma comunicação em diálogo e comunhão na Igreja e no mundo.

RESUMO

Esta dissertação investiga a influência no âmbito da Igreja Católica no contexto da cultura digital, analisando as tensões entre o risco de cisma e a proposta de sinodalidade como paradigma teológico, pastoral e comunicacional. O estudo parte da constatação de que as plataformas digitais, especialmente as redes sociais, transformaram profundamente a forma como a autoridade eclesial é exercida e recebida, favorecendo tanto a evangelização quanto a fragmentação e a polarização interna. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando referenciais teológicos, comunicacionais e sociológicos. Metodologicamente, organiza-se em três eixos: análise teológico-documental dos principais textos magisteriais do Papa Francisco e do Sínodo sobre a Sinodalidade; análise discursiva de conteúdos produzidos por sacerdotes influenciadores digitais no Brasil, com ênfase no Instagram; e revisão crítica da literatura especializada sobre comunicação religiosa, cultura digital e sinodalidade. Os resultados apontam que a sinodalidade, entendida como escuta, participação e corresponsabilidade, apresenta-se como um caminho viável para a Igreja responder aos desafios comunicacionais impostos pela modernidade líquida, marcada pela velocidade, fluidez e fragmentação da informação. Contudo, sua aplicação no ambiente digital exige discernimento e critérios claros, capazes de preservar o “*depositum fidei*”, favorecer a unidade e fortalecer a missão evangelizadora. Conclui-se que a integração entre sinodalidade e comunicação digital pode oferecer à Igreja não apenas um método pastoral adaptado às exigências contemporâneas, mas também uma oportunidade para renovar sua presença e testemunho no mundo, conciliando fidelidade ao Evangelho e diálogo com a cultura digital.

Palavras-chave: Igreja Católica; Comunicação Digital; Sinodalidade; Influenciadores Religiosos; Cisma; Modernidade Líquida.

RESUMEN

Esta disertación investiga la influencia en el ámbito de la Iglesia Católica en el contexto de la cultura digital, analizando las tensiones entre el riesgo de cisma y la propuesta de sinodalidad como paradigma teológico, pastoral y comunicacional. El estudio parte de la constatación de que las plataformas digitales, especialmente las redes sociales, han transformado profundamente la forma en que la autoridad eclesial es ejercida y recibida, favoreciendo tanto la evangelización como la fragmentación y la polarización interna. La investigación adopta un enfoque cualitativo e interdisciplinario, articulando referentes teológicos, comunicacionales y sociológicos. Metodológicamente, se organiza en tres ejes: análisis teológico-documental de los principales textos magisteriales del Papa Francisco y del Sínodo sobre la Sinodalidad; análisis discursivo de contenidos producidos por sacerdotes influencers digitales en Brasil, con énfasis en Instagram; y revisión crítica de la literatura especializada sobre comunicación religiosa, cultura digital y sinodalidad. Los resultados señalan que la sinodalidad, entendida como escucha, participación y corresponsabilidad, se presenta como un camino viable para que la Iglesia responda a los desafíos comunicacionales impuestos por la modernidad líquida, caracterizada por la velocidad, fluidez y fragmentación de la información. Sin embargo, su aplicación en el entorno digital exige discernimiento y criterios claros, capaces de preservar el depositum fidei, favorecer la unidad y fortalecer la misión evangelizadora. Se concluye que la integración entre sinodalidad y comunicación digital puede ofrecer a la Iglesia no solo un método pastoral adaptado a las exigencias contemporáneas, sino también una oportunidad para renovar su presencia y testimonio en el mundo, conciliando la fidelidad al Evangelio con el diálogo con la cultura digital.

Palabras clave: Iglesia Católica; Comunicación Digital; Sinodalidad; Influencers Religiosos; Cisma; Modernidad Líquida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – MAGISTÉRIO E OIKONOMIA: COMUNHÃO, TRADIÇÃO E INOVAÇÃO.....	17
1.1. Ab Influentia ad Communionem (Da influência à Comunhão)	17
1.2. A Administração da Communio.....	19
1.3. A Comunicação Eclesial e os Desafios da Modernidade Líquida: Uma Leitura à Luz da <i>Oikonomia</i> e de Zygmunt Bauman.....	21
1.4. Breve Análise dos Cismas Históricos e seus Reflexos na Comunicação Eclesial.....	26
1.5. A Igreja e os meios de Comunicação Social	27
1.6. Documentos Magisteriais sobre a comunicação	28
1.7. Meios de Comunicação e Corpo Eclesial: A Transformação da Igreja na Era Digital	33
1.8. O Primeiro Papa do Twitter: Bento XVI e a Consolidação da Igreja no Ambiente Digital	36
1.9. A Igreja na Era Digital: O Papa Francisco, a Cultura Midiática e o Combate à Desinformação.....	38
1.10. Como a influência partidária política-ideológica afeta o magistério de Francisco no cenário Nacional	42
1.11. O Papado de Francisco: uma comunicação cismática?.....	47
CAPÍTULO 2: SINODALIDADE E SEU IMPACTO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA MAIS DIALOGAL, INCLUSIVA E COMPROMETIDA COM SUA MISSÃO PASTORAL NO MUNDO ATUAL	53
2.1. Igreja em chave sinodal: fundamentos e horizonte teológico	54
2.2. As redes sociais e a fragmentação da unidade eclesial.....	58
2.3. O Conceito de sinodalidade e sua atualização no magistério de Francisco.....	61
2.4. Impactos da sinodalidade na construção de uma Igreja mais inclusiva.....	66
2.5. A Sinodalidade e a superação do clericalismo	69
2.6. Evangelização digital em chave sinodal: potencialidades e desafios.....	73

CAPÍTULO 3 - INFLUÊNCIA NA IGREJA DO BRASIL: PADRES INFLUENCIADORES E SUAS BATALHAS NARRATIVAS	79
3.1. Um Homem embatinado: Padre Paulo Ricardo.....	80
3.2. Frei Gilson, o influenciador da Madrugada	84
3.3. O Ministério comprometido de Padre Júlio Lancellotti	91
3.4. Frei Betto	96
3.5. Dom Vicente Ferreira	100
3.6. A disputa pelo poder simbólico na Igreja Católica: Uma leitura a partir de Pierre Bourdieu	103
3.7. Sinodalidade e comunicação digital: uma síntese pastoral.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO

O título desta dissertação, *Influência na Igreja Católica: entre o cisma e a sinodalidade*, foi escolhido de modo a refletir tanto a dimensão interna quanto a complexidade relacional do fenômeno estudado. A opção por “na Igreja” e não “da Igreja” é intencional e carrega implicações semânticas e epistemológicas. O uso da preposição “na” indica que o foco da análise recai sobre os processos de influência que se desenvolvem no interior do corpo eclesial, abrangendo relações, interações e disputas que acontecem entre seus membros e estruturas, em vez de tratar apenas da influência exercida pela instituição para fora de si.

Dessa forma, “influência na Igreja” contempla tanto dinâmicas construtivas — que fortalecem a unidade e promovem a comunhão — quanto dinâmicas disruptivas, que podem conduzir à fragmentação ou até o risco de cisma simbólico. Essa formulação ressalta que a questão não é apenas o poder persuasivo da Igreja sobre o mundo, mas também como as forças comunicacionais, culturais e políticas operam dentro dela, impactando sua coesão, sua autoridade e sua missão. Ao articular essa tensão entre polarização e busca de comunhão à luz dos conceitos de “cisma” e “sinodalidade”, o título sintetiza a problemática central que orienta a pesquisa: compreender como, no contexto da cultura digital, a influência se torna um elemento decisivo na configuração da vida eclesial contemporânea.

A Igreja Católica, ao longo de sua história de mais de dois mil anos, tem se caracterizado pela sua capacidade de adaptação às mudanças culturais, sociais e políticas, buscando sempre preservar os valores fundamentais do cristianismo. Entretanto, as transformações contemporâneas, especialmente no campo da comunicação, exigem um novo esforço de repensar suas práticas e sua missão no mundo. Com a chegada da cultura digital, que modificou radicalmente as formas de interação e a construção do conhecimento, a Igreja se vê diante de um novo e complexo cenário, onde a disseminação rápida e global de informações cria tanto oportunidades quanto desafios. A digitalização da sociedade não apenas reconfigura a maneira como as pessoas se comunicam, mas também redefine os espaços e as formas de autoridade, pertencimento e expressão religiosa.

No contexto global, as redes sociais e as plataformas digitais tornaram a comunicação em uma prática interativa e imediata, onde as pessoas não apenas recebem informações, mas também podem compartilhá-las e modificá-las,

participando ativamente da criação de significados. A multiplicidade de vozes presentes nesse ambiente cria uma verdadeira “democratização” da comunicação, mas também resulta em uma fragmentação das narrativas e uma reconfiguração dos espaços de autoridade. Para a Igreja, essa realidade digital representa um grande desafio, pois a presença de líderes religiosos, incluindo padres e bispos, nas redes sociais, altera profundamente a maneira como a autoridade e o ensino eclesial são transmitidos e recebidos pelos fiéis. No entanto, ao mesmo tempo, as plataformas digitais oferecem uma oportunidade inédita para a evangelização, permitindo que a mensagem cristã alcance um público vasto, em muitos casos, além das fronteiras físicas das paróquias e dioceses.

A Igreja Católica, tradicionalmente alicerçada em uma estrutura hierárquica e centralizada, tem se visto confrontada com a desconcentração e a fluidez das novas formas de comunicação. A polarização de discursos, a proliferação de fontes de informação, a criação de novos espaços de interação religiosa online, e o surgimento de influenciadores digitais católicos criam tanto uma oportunidade para alcançar milhões de fiéis quanto um risco de fragmentação e até de cisão simbólica. O papel das plataformas digitais na formação da opinião pública e na construção de novas formas de pertencimento religioso tornou-se um ponto de tensão dentro da Igreja. Se, por um lado, essas plataformas possibilitam uma maior proximidade com os fiéis, permitindo uma interação direta e personalizada, por outro, elas também favorecem a multiplicação de discursos muitas vezes contrários às orientações centrais da Igreja, gerando conflitos internos e polarizações.

No Brasil, essa realidade é ainda mais acentuada devido à complexidade religiosa, social e política do país. A diversidade cultural e religiosa brasileira, somada ao uso crescente das redes sociais como espaços de expressão pública, intensifica a necessidade de um novo modelo de comunicação eclesial, que seja ao mesmo tempo inclusivo e capaz de manter a unidade da Igreja. A Igreja no Brasil, com sua imensa rede de paróquias, movimentos eclesiás e lideranças locais, se vê cada vez mais dependente de estratégias comunicacionais que contemplam a pluralidade de vozes e identidades presentes nas comunidades católicas. As tensões e desafios contemporâneos exigem um discernimento profundo sobre como a Igreja pode, dentro da dinâmica da cultura digital, permanecer fiel aos seus princípios, ao mesmo tempo em que se abre ao diálogo com as novas realidades sociais e tecnológicas.

Nesse contexto, o pontificado do Papa Francisco tem se destacado por sua ênfase na promoção de uma Igreja em saída, voltada para o diálogo e a inclusão, mas também pela sua preocupação em manter a unidade da Igreja em um momento de grandes divisões internas, especialmente sobre questões relacionadas à moral, à doutrina e à administração pastoral. É neste cenário de intensas transformações digitais e culturais que a sinodalidade se apresenta como um horizonte promissor para a Igreja Católica.

Portanto, a questão central que se coloca é como a Igreja, no contexto da cultura digital, pode integrar a sinodalidade como um paradigma teológico, pastoral e comunicacional para enfrentar as tensões internas e os desafios externos. O exame das dinâmicas de autoridade, comunicação e evangelização, bem como da forma como essas se desenvolvem no espaço digital, é fundamental para compreender como a Igreja pode, não apenas sobreviver, mas florescer nesse novo ambiente.

O advento das tecnologias digitais tem ocasionado transformações paradigmáticas nas estruturas sociais e culturais contemporâneas, influenciando de forma substancial as dinâmicas de comunicação e de interação dentro das mais diversas esferas. No contexto eclesial, essas mudanças impõem desafios significativos à Igreja Católica, que, em sua missão de transmitir o Evangelho e manter a unidade doutrinal, se vê confrontada com a fragmentação das narrativas religiosas e a reconfiguração da autoridade tradicional.

O domínio da cultura digital, amplificado pela presença maciça das redes sociais, não apenas modifica as formas de pertencimento, expressão e disseminação da fé, mas também acelera processos de polarização, dispersão e múltiplas interpretações da mensagem cristã.

A Igreja Católica, cuja identidade se construiu historicamente sobre uma estrutura hierárquica e centralizada, precisa, diante desse novo contexto, reconsiderar sua postura comunicacional e pastoral. A emergência de influenciadores, sacerdotes e leigos que ocupam os espaços digitais, produzindo conteúdo religioso de forma autônoma e, muitas vezes, dissociada das orientações eclesiásticas oficiais, reforça o risco de um enfraquecimento da autoridade magisterial e a proliferação de discursos divergentes. Em um cenário em que a comunicação se faz de maneira fluida, rápida e descentralizada, as disputas

simbólicas se tornam uma constante, sendo as plataformas digitais também espaços de fragmentação e dissidência religiosa.

Nesse ambiente de reconfiguração das formas de autoridade eclesial, o conceito de sinodalidade surge como uma resposta teológica e pastoral a ser aprofundada. A sinodalidade, entendida não apenas como um princípio de governo eclesiástico, mas também como uma abordagem comunicacional, propõe um modelo de Igreja fundamentado na escuta mútua, no discernimento coletivo e na corresponsabilidade, com vistas à construção de uma unidade que respeite as diversidades internas, sem sucumbir à tentação da autorreferencialidade ou do isolamento institucional. No entanto, a implementação dessa prática no contexto digital exige uma reflexão aprofundada sobre como a Igreja pode, efetivamente, aplicar os princípios sinodais para superar as dificuldades impostas pela cultura digital, especialmente no que tange ao fortalecimento de uma comunicação que não seja apenas eficiente, mas também fiel à tradição e ao magistério.

Portanto, como a Igreja Católica, particularmente no contexto brasileiro, pode utilizar a sinodalidade como um paradigma teológico, pastoral e comunicacional para responder aos desafios comunicacionais impostos pela cultura digital, caracterizada pela fragmentação dos sentidos, pela multiplicação das disputas simbólicas e pela reconfiguração da autoridade religiosa? Este problema exige uma análise crítica sobre as novas formas de interação entre a Igreja e seus fiéis nas redes sociais, explorando como a sinodalidade pode oferecer um caminho viável para preservar a coesão e a unidade eclesial, ao mesmo tempo em que se adapta às exigências do mundo digital.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, situada na interseção entre teologia, comunicação e ciências sociais da religião, com o objetivo de compreender as dinâmicas comunicacionais da Igreja Católica no contexto digital e de analisar como o paradigma sinodal pode ser aplicado como resposta teológica, pastoral e comunicacional aos desafios impostos pela cultura digital contemporânea. A metodologia desenvolvida para este estudo procura integrar diferentes perspectivas analíticas, visando explorar as complexas relações entre tradição, inovação e prática pastoral dentro da realidade eclesial digital. Nesse sentido, a pesquisa se organiza em três eixos metodológicos distintos, mas complementares, que permitem uma análise profunda das interações e das

estratégias de comunicação utilizadas no ambiente digital, além de um exame das orientações magisteriais que regem essas práticas.

a) Análise teológico-documental: O primeiro eixo metodológico se concentra na análise teológico-documental, com especial atenção para os textos magisteriais e eclesiológicos, que articulam o conceito de sinodalidade dentro do quadro pastoral e comunicacional contemporâneo. A pesquisa incluirá um exame aprofundado de documentos chave do magistério do Papa Francisco, como “*Evangelii Gaudium*”, “*Laudato Si*”, “*Fratelli Tutti*”, bem como os textos preparatórios e conclusivos do Sínodo sobre a Sinodalidade. Esta análise terá como foco central a interseção entre a sinodalidade e as exigências comunicacionais contemporâneas, investigando como a Igreja, através de seus documentos, articula uma comunicação que seja ao mesmo tempo fiel à tradição e capaz de responder às demandas da modernidade líquida.

b) Análise discursiva das práticas comunicacionais digitais: O segundo eixo metodológico se dedica à análise discursiva de conteúdos produzidos por padres influenciadores digitais nas principais plataformas digitais (YouTube, Tik Tok, mas com maior ênfase no Instagram etc.). Esta etapa da pesquisa visa investigar as estratégias comunicacionais utilizadas por esses influenciadores para a construção de seus discursos religiosos, abordando não apenas as temáticas centrais que dominam seus conteúdos, mas também a forma como eles interagem com seus seguidores. A análise discursiva focará em como os influenciadores digitais católicos negociam a autoridade eclesial, como articulam suas práticas pastorais e como suas posturas podem contribuir tanto para a promoção de uma Igreja sinodal quanto para a amplificação de divisões internas. Através dessa abordagem, busca-se entender como a Igreja pode dialogar com as novas dinâmicas de comunicação sem perder sua identidade teológica e pastoral.

c) Revisão crítica da literatura especializada: O terceiro eixo da metodologia consiste em uma revisão crítica da literatura especializada sobre comunicação religiosa, autoridade simbólica, cultura digital e sinodalidade. Esta revisão se concentrará nas contribuições teóricas que abordam a relação entre religião e comunicação digital, explorando as implicações das redes sociais para a formação de identidade religiosa, a negociação de autoridade e a construção de sentidos no ambiente digital. Além disso, serão analisadas as obras que discutem a sinodalidade enquanto conceito teológico e sua aplicação prática na pastoral da Igreja,

especialmente no contexto da comunicação. A literatura escolhida para essa análise incluirá tanto estudiosos da Comunicação e das Ciências Sociais, como, entre outros, Pierre Lévy, Marshall McLuhan e Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Manuel Castells, quanto teólogos e especialistas em pastoral, que abordam a sinodalidade e a missão da Igreja no século XXI, com ênfase nas exigências da modernidade líquida e da sociedade de redes.

A combinação desses três eixos metodológicos permite uma compreensão integrada e aprofundada das transformações que a Igreja Católica enfrenta em relação à sua comunicação na era digital, ao mesmo tempo que oferece uma análise crítica das oportunidades e desafios que surgem da adoção do paradigma sinodal. A metodologia proposta é suficientemente flexível para acomodar a complexidade do fenômeno estudado, permitindo ao mesmo tempo uma reflexão teológica profunda e uma análise empírica das práticas comunicacionais em um contexto de transformação digital acelerada. Com isso, a pesquisa pretende contribuir para o campo da teologia pastoral e da comunicação religiosa, fornecendo subsídios para um desenvolvimento de uma prática sinodal mais eficaz e adaptada às realidades contemporâneas.

O objetivo geral desta dissertação é analisar, de forma crítica e abrangente, os impactos da cultura digital sobre a comunicação eclesial da Igreja Católica, com um foco particular no contexto brasileiro, observando como as transformações comunicacionais contemporâneas afetam a autoridade simbólica da Igreja, suas práticas pastorais e sua relação com os fiéis. A pesquisa investiga como esses fenômenos estão profundamente interligados ao processo de construção e implementação da sinodalidade como um paradigma teológico, pastoral e comunicacional emergente.

A partir da análise das dinâmicas de comunicação digital, o estudo propõe que a sinodalidade, compreendida como um modelo de escuta, participação e corresponsabilidade, pode ser a chave para a Igreja enfrentar os desafios impostos pela modernidade líquida e pela disseminação rápida e fragmentada da informação digital, ao mesmo tempo em que preserva sua identidade e missão universal.

Dessa forma, o objetivo principal é propor caminhos para a adaptação e a reinvenção da Igreja, utilizando os princípios sinodais para uma comunicação mais inclusiva e coerente com os princípios do Evangelho, e, ao mesmo tempo, sensível às exigências culturais e espirituais do contexto contemporâneo, procura-se

também: a) investigar as articulações entre magistério, tradição e inovação pastoral no pontificado de Francisco, à luz da categoria teológica de “*oikonomia*” e do conceito de sinodalidade, buscando compreender como o Papa Francisco tem abordado as novas dinâmicas comunicacionais e o papel da Igreja na sociedade contemporânea. b) analisar o papel dos padres influenciadores digitais no Brasil, observando suas práticas comunicacionais, suas interações com os fiéis e a forma como suas plataformas se tornam espaços de negociação de autoridade religiosa. c) compreender a sinodalidade como um paradigma comunicacional emergente capaz de articular escuta, participação e discernimento coletivo na Igreja do século XXI, especialmente dentro do contexto digital. d) propor uma reflexão crítica sobre as potencialidades e os riscos da sinodalidade no contexto digital, analisando de que maneira ela pode ser aplicada para mitigar as tensões internas da Igreja, como o risco de cisão simbólica e o dilema da autorreferencialidade institucional. e) elaborar diretrizes teológicas e comunicacionais para a Igreja Católica, baseadas no conceito de sinodalidade, que ajudem a promover uma presença digital mais eficaz, inclusiva e integradora.

No capítulo 1, pretendemos explorar as tensões internas da Igreja Católica ao longo da história, enfocando os cismas e divisões teológicas, políticas e culturais. Destacaremos eventos históricos significativos, como o Cisma do Oriente, o Grande Cisma do Ocidente e a Reforma Protestante, e analisaremos como esses cismas moldaram o desenvolvimento da Igreja. O capítulo também pretende discutir como a comunicação tem desempenhado um papel tanto na coesão quanto na ruptura da Igreja, dando ênfase no impacto das redes sociais e das novas formas de comunicação.

No capítulo 2, abordaremos a sinodalidade em sua relação intrínseca com a comunicação digital, analisando de que maneira as redes sociais e demais plataformas online impactam a vida eclesial. A evangelização digital será examinada não apenas em termos de seus desafios e oportunidades, mas como expressão de uma Igreja em saída, que busca, por meio da escuta e da comunhão, configurar-se como rede de relações. Nesse horizonte, a sinodalidade desponta como modelo comunicacional capaz de superar a fragmentação e a polarização, orientando-se por uma lógica de participação e corresponsabilidade. Essa dinâmica sinodal está profundamente vinculada ao *ethos* eclesial (Maingueneau) e o reconhecimento mútuo como condição de alteridade (Ricoeur), entendido como o caráter ético e

coletivo que se manifesta nas práticas comunicativas da comunidade. Trata-se de um ethos fundamentado na escuta atenta, no diálogo autêntico e no reconhecimento da alteridade como condição para a unidade. Assim, propõe-se uma Igreja que, ao integrar sinodalidade e *ethos*, enraíza sua presença digital em relações marcadas pela hospitalidade, pelo discernimento conjunto e pela construção de sentido comum.

No capítulo 3, abordaremos a crescente influência dos sacerdotes nas plataformas digitais no cenário contemporâneo da Igreja Católica no Brasil. A análise foca na atuação de sacerdotes influenciadores, como o Padre Paulo Ricardo e Frei Betto, e a maneira como utilizam as redes sociais para propagar doutrinas religiosas e envolver seus seguidores em debates teológicos e sociais. A comunicação digital, entendida como um campo de disputa simbólica, é analisada à luz da teoria da guerra híbrida e das ideias de Pierre Bourdieu e Manuel Castells, que ressaltam a luta por visibilidade e autoridade no espaço religioso.

CAPÍTULO 1: MAGISTÉRIO E OIKONOMIA: COMUNHÃO, TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

O magistério da Igreja, enquanto serviço à verdade revelada e à comunhão eclesial, sempre se moveu na tensão criativa entre a fidelidade à tradição e a necessidade de responder aos desafios de cada época. Essa tensão encontra, na categoria teológica da “*oikonomia*”, uma chave interpretativa fecunda: administrar a casa de Deus implica discernir como anunciar o Evangelho de modo íntegro e, ao mesmo tempo, pastoralmente eficaz.

No contexto contemporâneo, marcado por transformações aceleradas na cultura comunicacional e pela emergência de novas formas de influência, a missão magisterial é interpelada a integrar tradição e inovação de modo orgânico, preservando o depósito da fé enquanto atualiza suas linguagens e práticas.

É nesse horizonte que se insere a reflexão sobre a passagem “*ab influentia ad communionem*”, na qual o ato de influenciar — inevitável em qualquer interação humana — é reconduzido à sua finalidade eclesial: edificar a unidade do corpo de Cristo, fortalecer a *communio* e testemunhar, no mundo líquido e fragmentado, a perenidade da esperança cristã.

1.1 Ab Influentia ad Communionem (Da influência à Comunhão)

A etimologia do termo “influenciador” remonta ao latim “*influere*”, expressão que significa “fluir para dentro”¹, evocando a ideia de um movimento dinâmico de penetração e transformação no outro. Essa raiz linguística, longe de ser apenas uma curiosidade filológica, permite compreender a centralidade e o crescimento do conceito na contemporaneidade, particularmente no ecossistema comunicacional digital, onde fluxos simbólicos e discursivos moldam percepções, atitudes e formas de pertencimento.

Historicamente, a capacidade de influenciar constitui um elemento estrutural da experiência humana. Desde as sociedades pré-históricas, as formas de

¹ Essa raiz etimológica é composta pela preposição *in* (dentro) e o verbo *fluere* (fluir), remetendo à ideia de algo que se transfere ou afeta de maneira contínua e profunda. Na tradição latina, *influere* era utilizado para descrever fenômenos naturais ou espirituais, como os movimentos das estrelas e seus supostos efeitos sobre os eventos terrenos. Posteriormente, a noção de influência passou a abranger também contextos sociais e interpessoais, em que uma pessoa ou instituição exerce poder sobre o comportamento ou pensamento de outra. O sufixo “-dor” é um elemento característico do português que indica o agente de uma ação. Assim, “influenciador” designa aquele que realiza o ato de influenciar.

comunicação não apenas registravam fatos, mas configuravam-se como práticas sociais orientadas para moldar comportamentos e assegurar a coesão do grupo. As pinturas rupestres, por exemplo, ultrapassavam a função de registro estético: eram instrumentos de orientação coletiva, capazes de induzir práticas de caça e estratégias de sobrevivência. Tal dimensão performativa da comunicação evidencia que influenciar é, antes de tudo, partilhar sentidos que geram ação.

Nesse horizonte, Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson (2002, p. 49)² recordam o axioma fundamental da teoria da comunicação: “não podemos não comunicar”. Essa premissa revela que todo comportamento — seja verbal, não verbal ou simbólico — possui valor comunicativo e, portanto, potencial de influência. Essa inevitabilidade da comunicação encontra, na tradição cristã, um paralelo conceitual na noção de “*communio*”, que remete não apenas a uma ligação espiritual, mas também a um vínculo relacional que integra os sujeitos em uma unidade.

Mauricio Liesen (2008, p. 14)³ explicita essa ligação etimológica ao demonstrar que “comunicação” deriva do latim *communio*, a mesma raiz de “comunhão”.

“A palavra comunicação, que teve sua primeira aparição em português registrada no século XV (*comunicaçã*), tem sua origem na palavra latina *communio*, a mesma da palavra comunhão, grafada no século XIII como *comoyon*. Esta relação fica ainda mais clara na língua alemã, na qual o verbo *kommunizieren* não se traduz apenas como comunicar, mas também pode ser entendido como ir à comunhão cristã, como comungar — guardando, de certa forma, ainda a mesma origem das palavras *Kommunion* e *Kommunikant* (aquele que comunga pela primeira vez). *Communio* também está na origem da *communitas*, que seria traduzida ao português como comunidade.” (LIESEN, 2008, p.14)

Essa conexão é particularmente expressiva em línguas como o alemão, onde “*kommunizieren*” não designa apenas o ato de comunicar, mas também o de participar da comunhão cristã (*Kommunion*), preservando a relação originária entre comunicar e comungar. A noção de *communio* também fundamenta o termo “*communitas*”, que designa a comunidade, compreendida como espaço de partilha de valores, símbolos e experiências.

² WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 49.

³ LIESEN, Mauricio. *Comunicação: seus significados e sentidos*. In: MACHADO, Elizeu Clementino de Souza; CATELLI JR., Roberto (Orgs.). *Comunicação e Intereração Humana*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 14.

A comunicação, assim como o organismo humano, estrutura-se em uma lógica circular, na qual “todas as partes do organismo formam um círculo. Portanto, toda e qualquer parte é um princípio e um fim” (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2002, p. 41)⁴. Esse princípio de circularidade indica que, no processo comunicativo, não é sempre possível — nem necessariamente relevante — determinar a origem de um comportamento ou mensagem, já que cada ato comunicativo é, ao mesmo tempo, causa e consequência, estímulo e resposta.

Transpondo tal perspectiva para o âmbito eclesial, percebe-se que, para que haja *communio* autêntica no seio da “*communitas*”, é necessária uma administração consciente e intencional desses fluxos comunicativos. Na tradição católica, ao longo dos séculos, a administração da comunhão — entendida tanto no sentido sacramental quanto no sentido comunitário — foi acompanhada pelo desenvolvimento de estratégias de influência pastoral. Essas estratégias visaram não apenas a transmissão de conteúdos doutrinários, mas também a formação de uma mentalidade e de uma práxis coerentes com a fé, de modo que a influência se tornasse instrumento de edificação da unidade eclesial.

Assim, a passagem de “*ab influentia ad communionem*” não é apenas um deslocamento conceitual, mas um itinerário histórico e teológico que revela como o ato de influenciar, quando orientado por valores transcendentais e por uma ética comunitária, deixa de ser mera persuasão e se transforma em mediação de comunhão. No contexto atual, em que os ambientes digitais potencializam tanto a dispersão quanto a coesão simbólica, a Igreja é convocada a repensar sua presença comunicativa, integrando a lógica da influência às exigências da *communio*, a fim de que o “fluir para dentro” não seja mero influxo informacional, mas verdadeira inserção no mistério de uma comunidade que vive e comunica a fé.

1.2 A administração da *Communio*

No âmbito teológico, o termo “*oikonomia*” — proveniente do grego “*oikonomía*” (*oikos*, “casa”, e *nomos*, “lei” ou “administração”) — remete, na tradição cristã, à forma como Deus ordena e conduz a história da salvação, revelando-se progressivamente através de palavras e ações no tempo. Transposta ao campo da comunicação eclesial, essa noção oferece um paradigma fecundo para compreender

⁴ WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 49.

a necessidade de uma administração criteriosa da mensagem e dos ensinamentos da Igreja, de modo a preservar a unidade e a integridade da fé.

Tal administração não se restringe à função meramente transmissiva. Uma comunicação eficaz, no contexto eclesial, é necessariamente mediadora e interpretativa: envolve não apenas a repetição fiel do depósito da fé (*depositum fidei*)⁵, mas também a sua tradução pastoral para linguagens acessíveis e culturalmente situadas, sem deturpar o conteúdo doutrinal. Essa tarefa exige equilíbrio delicado entre fidelidade e atualização, evitando tanto o imobilismo que paralisa quanto a inovação desordenada que fragmenta.

É nesse horizonte que se insere o apelo do Concílio Vaticano II ao “aggiornamento”, termo que, como recorda o magistério conciliar, exprime a urgência de “atualizar” as formas de presença eclesial em diálogo com as exigências do mundo contemporâneo. Essa atualização, contudo, não pode ser confundida com mero deslumbramento ou adesão acrítica às modas culturais e tecnológicas. Como observa Melo (2005, p. 62)⁶, existe o risco de um “deslumbramento ingênuo” no campo da comunicação, que, seduzido pela novidade, negligência a profundidade e a coerência do conteúdo evangelizador.

A era digital intensifica tal desafio. Vivemos em um cenário no qual a informação circula em velocidade inédita, proveniente de múltiplas e, muitas vezes, conflitantes fontes de autoridade. Nesse contexto, a “*oikonomia*” da comunicação adquire relevância estratégica para a própria compreensão e transmissão da teologia. O Catecismo da Igreja Católica (n. 236)⁷ esclarece a relação intrínseca entre “*oikonomia*” e teologia:

“É pela ‘*Oikonomia*’ que nos é revelada a ‘*Theologia*’; mas, inversamente, é a ‘*Theologia*’ que esclarece toda a ‘*Oikonomia*’. As obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo; e, inversamente, o mistério do seu Ser íntimo ilumina o entendimento de todas as suas obras. Analogicamente, é o que se passa com as pessoas humanas: a pessoa revela-se no que faz, e, quanto mais conhecemos uma pessoa, tanto melhor comprehendemos o seu agir.”

⁵ “*depositum fidei*” (em português, depósito da fé) é uma expressão teológica da tradição católica que designa o conjunto das verdades de fé reveladas por Deus e confiadas à Igreja para serem guardadas, defendidas e transmitidas fielmente ao longo dos tempos.

⁶ MELO, José Marques de. *A comunicação e a Igreja no Brasil: perspectivas históricas e desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

⁷ *Catecismo da Igreja Católica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000

Essa perspectiva reforça que a comunicação eclesial não é um apêndice funcional da pastoral, mas parte integrante da própria missão salvífica. Administrar bem a mensagem não significa apenas organizar conteúdos, mas oferecer ao mundo um testemunho coerente, no qual a forma e o conteúdo se correspondam. A “*oikonomia*”, nesse sentido, é não apenas um princípio teológico, mas também um critério comunicacional: a revelação de Deus se dá em atos e palavras intrinsecamente ligados, e a Igreja, como continuadora dessa missão, é chamada a manter essa unidade no seu anúncio.

Assim, compreender a comunicação eclesial sob a ótica da “*oikonomia*” implica reconhecer que a administração da mensagem é inseparável da administração da comunhão. É nesse ponto que se abre a necessidade de dialogar com as categorias sociológicas contemporâneas, especialmente no que diz respeito às transformações culturais e comunicacionais que caracterizam a chamada “modernidade líquida”. Nesse cenário, marcado pela fluidez das relações, pela volatilidade das identidades e pela instabilidade das verdades compartilhadas a “*oikonomia*” da comunicação se torna não apenas um recurso pastoral, mas um imperativo estratégico para que a Igreja possa discernir, no mar revolto da hipermodernidade, caminhos de fidelidade criativa à sua missão.

1.3 A Comunicação Eclesial e os Desafios da Modernidade Líquida: Uma Leitura à Luz da “*Oikonomia*” e de Zygmunt Bauman

A sociedade contemporânea vive um tempo de profundas transformações nas estruturas sociais, culturais e religiosas. A comunicação, cada vez mais mediada por tecnologias digitais, redefine as formas de interação entre os indivíduos e entre estes e as instituições. Nesse contexto, consideramos a necessidade de refletir sobre como a Igreja Católica pode se posicionar em meio às dinâmicas da modernidade líquida, conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman para descrever o cenário atual de fragilidade, fluidez e instabilidade social. (BAUMAN, 2001, p. 8).⁸

Diante da volatilidade característica dos tempos modernos, a Igreja, cuja missão é transmitir a fé de modo fiel e contínuo, encontra desafios na preservação

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.p.8.

de sua identidade e na manutenção da comunhão eclesial. O conceito teológico de *oikonomia*, entendido como a administração prudente e pastoral da mensagem de Cristo e das realidades eclesiás, mostra-se um recurso importante para se enfrentar os desafios da modernidade líquida.

Como a Igreja pode agir com sabedoria diante da fragmentação dos vínculos sociais, do consumismo religioso e da instabilidade das identidades pessoais?

O termo modernidade líquida foi cunhado por Zygmunt Bauman no final do século XX para descrever um novo estágio da modernidade, no qual as estruturas sociais e culturais tornaram-se instáveis, flexíveis e voláteis. Em contraposição à modernidade sólida, caracterizada pela busca de ordem, segurança e estabilidade, a modernidade líquida é marcada pela imprevisibilidade, pela fragilidade dos vínculos e pela constante sensação de incerteza (BAUMAN, 2001. p.9)⁹.

Bauman se distancia da ideia de pós-modernidade, frequentemente usada para descrever o mundo contemporâneo. Para ele, não se trata de uma ruptura com a modernidade, mas sim de uma nova fase em que os princípios modernos foram radicalizados: "a modernidade não foi substituída, ela se transformou" (BAUMAN, 2001, p. 15)¹⁰.

Nesta nova configuração, tudo o que era sólido se desmancha no ar, como já haviam afirmado Marx e Engels (2005)¹¹ no *Manifesto Comunista*. Instituições como a família, a classe social e a comunidade de bairro — outrora fontes de identidade e segurança — tornam-se *instituições zumbi*, que persistem fisicamente, mas que perderam suas funções sociais originais (BAUMAN, 2001, p.12)¹².

A vida humana, portanto, passa a ser vivida em episódios descontínuos, e os projetos de vida individuais não encontram terreno firme para sua realização. Surge uma cultura do improviso e da adaptação constante, na qual a estabilidade é vista não como objetivo, mas como obstáculo à liberdade individual.

Essa mudança estrutural impacta todas as esferas da vida, inclusive as relações afetivas, o trabalho e, naturalmente, a religião.

⁹ Ibid., p. 9.

¹⁰ Ibid., p. 15.

¹¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2005

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.p. 12.

Nesse contexto de instabilidade, José Tolentino Mendonça propõe uma espiritualidade em que a fé não se ancora em grandes estruturas ou planejamentos rígidos, mas na abertura radical ao presente como lugar da promessa. Em tempos líquidos, ele convida a Igreja e os fiéis a reencontrarem no instante vivido um espaço de escuta e de epifania, onde Deus se manifesta não no controle do tempo, mas no acolhimento do inesperado. (MENDONÇA, 2014, p. 33-60)

Uma das principais características da modernidade líquida é a substituição da sociedade de produtores pela sociedade de consumidores. O consumo deixa de ser apenas uma necessidade de sobrevivência para se tornar o eixo em torno do qual se organizam os desejos, as identidades e as relações sociais (BAUMAN, 2001, p. 97)¹³.

É importante distinguir entre consumo e consumismo. O consumo é um ato natural e inevitável da vida humana. Já o consumismo, segundo Bauman (BAUMAN, 2001, p 95)¹⁴, é um fenômeno específico da sociedade líquida, em que o ato de consumir torna-se o principal mecanismo de construção identitária. Não se trata mais apenas de possuir bens, mas de usar o consumo para afirmar uma identidade social mutável, fragmentada e, muitas vezes, superficial.

Max Weber (1999)¹⁵ já havia diagnosticado que a insatisfação permanente é o motor da ação humana no capitalismo moderno. Esse diagnóstico se radicaliza na modernidade líquida: a insatisfação não é mais um efeito colateral, mas sim o objetivo deliberado do sistema. Para que o ciclo de consumo se mantenha, é necessário que nenhum desejo seja plenamente satisfeito.

Essa lógica tem implicações profundas para a vivência da fé. A religião, nesse contexto, corre o risco de ser reduzida a mais um produto de consumo, em que os fiéis escolhem experiências religiosas de forma tão volátil quanto escolhem produtos ou serviços. Surge o fenômeno da "fé de prateleira", em que o compromisso profundo com uma tradição é substituído por adesões superficiais e transitórias.

David Lyon contribui para essa análise ao mostrar como as tecnologias digitais moldam os modos de discipulado contemporâneo. A vigilância digital, antes exclusiva do campo da segurança, agora se infiltra também nas práticas religiosas, através de

¹³ Ibid., p.97.

¹⁴ Ibid., p.95.

¹⁵ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Mário de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.45.

aplicativos devocionais, transmissões ao vivo de cultos e algoritmos que definem quais conteúdos espirituais são visíveis ou ocultos. Segundo Lyon, essa vigilância modela comportamentos religiosos, cria formas de controle e redefine o que significa ser fiel num ambiente de constante rastreamento e exposição. (LYON, 2015, p. 98-115)

No campo da comunicação eclesial, as mudanças provocadas pela modernidade líquida e pelo advento das mídias digitais apresentam desafios consideráveis. A instantaneidade da comunicação, a multiplicidade de vozes e a fragmentação dos públicos tornam cada vez mais difícil a transmissão de uma mensagem unificada e coerente.

Bauman observa que, na sociedade líquida, a comunicação perde sua função de construir laços duradouros e passa a ser um exercício efêmero de contatos passageiros: "as conexões são múltiplas, mas frágeis; abundantes, mas superficiais" (BAUMAN, 2001, p. 64)¹⁶. As redes sociais, por exemplo, oferecem conexões fáceis e rápidas, mas são incapazes de garantir relações profundas e comprometidas.

Ainda José Tolentino Mendonça, ao abordar a espiritualidade em tempos fluidos, observa que o ser humano contemporâneo está saturado de palavras e estímulos, mas sedento de sentido. Por isso, propõe uma mística da escuta, em que o silêncio, a contemplação e a atenção ao outro sejam recuperados como formas de resistência ao ruído digital e ao consumo superficial do sagrado. (MENDONÇA, 2014, p. 45-50)

Na Igreja, essa dinâmica gera efeitos ambíguos. Por um lado, as mídias digitais abrem novas possibilidades de evangelização e de alcance global. Por outro lado, favorecem a proliferação de discursos individualizados e, em certos casos, a fragmentação da unidade eclesial. (BITTAR, 2007, p. 122)¹⁷ Influenciadores digitais católicos, por exemplo, podem tanto reforçar a comunhão da Igreja quanto promover cisões e polarizações.

David Lyon alerta que, nesse novo ecossistema digital, os fiéis tornam-se ao mesmo tempo usuários e objetos de vigilância: suas práticas religiosas são monitoradas por métricas de engajamento, curtidas e visualizações. A lógica das

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.p. 64.

¹⁷ BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *Metamorfoses da cultura jurídica: direito, pós-modernidade e a condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

plataformas molda a performance da fé, muitas vezes mais orientada para a visibilidade do que para a interioridade. (LYON, 2015, p. 108-112)

Nesse cenário, torna-se imprescindível recorrer ao conceito de “*oikonomia*”, isto é, à administração prudente da comunicação e da vida eclesial, a qual exige que a Igreja use os meios de comunicação com discernimento pastoral, sem se deixar capturar pela lógica do mercado ou pelas tendências efêmeras.

O Concílio Vaticano II, no decreto *Inter Mirifica*, já advertia sobre a necessidade de uma comunicação eclesial ética e responsável: "A comunicação deve ser honesta e conveniente, respeitando escrupulosamente as leis morais, o legítimo direito e a dignidade das pessoas" (*Inter Mirifica*, 1963, n. 5)¹⁸.

Essa responsabilidade ganha ainda mais peso na modernidade líquida, em que a própria noção de verdade corre o risco de dissolver-se em meio a uma multiplicidade de narrativas concorrentes.

A modernidade líquida oferece uma chave de entendimento essencial para compreender os desafios que a Igreja enfrenta na sociedade contemporânea. A fragilidade dos vínculos, a lógica consumista, a volubilidade das identidades e a precariedade das relações interpessoais são realidades que impactam diretamente a missão evangelizadora da Igreja.

A comunicação eclesial se quiser permanecer fiel à sua vocação, deve ser conduzida com sabedoria e prudência, orientada pelo princípio da *oikonomia*. Mais do que adaptar-se superficialmente às modas digitais, a Igreja é provocada a oferecer ao mundo a solidez e a esperança que ele perdeu.

Como lembra Mendonça, a fé cristã não é uma resposta imediata, mas um caminho de amadurecimento, onde a promessa de Deus se realiza no tempo e no encontro. Em tempos apressados e desconectados, a Igreja é chamada a repreender o valor da espera, do cuidado e da presença verdadeira. (MENDONÇA, 2014, p. 58-60). Em meio aos fluxos incessantes e à fluidez das verdades, a Igreja é chamada a ser um referencial sólido, não em oposição ao mundo, mas como proposta de vida plena fundamentada no Evangelho. Sua resposta à modernidade líquida deve ser o discernimento missionário, que evita tanto a resistência passiva quanto a adaptação irrefletida, transformando a fragilidade em oportunidade de anúncio e comunhão:

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Inter Mirifica*. Decreto sobre os meios de comunicação social, 1963. Disponível em:https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 15 /01/2025.

"Por isso, eu me comprazo nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias por causa de Cristo. Pois, quando estou fraco, então é que sou forte." (2Coríntios 12,10 – Bíblia de Jerusalém)

1.4 Breve Análise dos Cismas Históricos e seus Reflexos na Comunicação Eclesial

É comum que haja divergências e divisões no campo da comunicação, e no decorrer da história da Igreja Católica, também não foi diferente. Alguns cismas na história da Igreja, representam momentos de ruptura que remetem à profundas divisões teológicas, políticas e culturais.

Ao longo da história, alguns cismas se destacam por seu impacto duradouro e pela maneira como moldaram o desenvolvimento da Igreja. O primeiro grande cisma, conhecido como o Cisma do Oriente, ocorreu em 1054. Este evento marcou a separação entre a Igreja Ocidental, liderada pelo Papa em Roma, e a Igreja Oriental, sob o Patriarca de Constantinopla. As divergências teológicas, como a disputa sobre a procedência do Espírito Santo (*Filioque*) e questões de autoridade papal, foram agravadas por diferenças culturais e políticas.

O cisma resultou na formação da Igreja Ortodoxa Oriental e na Igreja Católica Romana, uma divisão que persiste até hoje, apesar de esforços recentes para o diálogo e a reconciliação.

Outro cisma significativo foi o Grande Cisma do Ocidente (1378-1417). Este período de 39 anos foi caracterizado pela existência simultânea de dois e, posteriormente, três papas rivais, cada um com sua própria corte e seguidores. A confusão e a divisão dentro da Igreja foram desencadeadas pela eleição controversa de Urbano VI e a subsequente eleição do antipapa Clemente VII.

A resolução do cisma veio com o Concílio de Constança, que depôs os papas rivais e elegeu Martinho V, restaurando a unidade da Igreja.

O Cisma Protestante, ou Reforma Protestante, iniciado em 1517 por Martinho Lutero, foi talvez o mais impactante em termos de mudanças duradouras. Lutero, um monge agostiniano, desafiou a autoridade da Igreja e suas práticas, como a venda de indulgências. Suas 95 teses e outras obras subsequentes catalisaram uma série de reformas e a formação de várias denominações protestantes.

O Concílio de Trento (1545-1563) foi a resposta da Igreja Católica, marcando o início da Contrarreforma, que buscou reformar internamente a Igreja e reafirmar doutrinas contestadas.

Cada uma dessas rupturas da unidade eclesial teve consequências profundas, não apenas para a estrutura e a teologia da Igreja, mas também para a história cultural e política do Ocidente. Sublinham a complexidade da manutenção da unidade em uma instituição global e diversa, bem como a importância do diálogo e da reforma contínua para responder aos desafios internos e externos. Hoje, na Igreja, há também uma “fragilidade” intensificada pela influência das redes sociais que se manifesta numa busca constante por aprovação pública, que muitas vezes substitui o verdadeiro compromisso com o Evangelho. É ponderável considerar como a Igreja Católica tem administrado sua comunicação diante das realidades contemporâneas de uma sociedade vulnerável. Nesse contexto, José Casanova destaca que “a modernidade não apenas não marginalizou a religião, como produziu formas múltiplas de ressurgência e reconfiguração religiosa na esfera pública” (CASANOVA, 2005, p. 45), apontando para a necessidade de uma presença religiosa mais crítica e reflexiva diante dos novos desafios sociais e comunicacionais.

1.5 A Igreja e os meios de comunicação social

Recordando um pouco da sua história, se torna possível identificar, de maneira sintética, três momentos bem definidos na trajetória histórica da relação entre a Igreja Católica e os meios de comunicação. Essas etapas estão intimamente relacionadas ao surgimento e à evolução dos instrumentos de reprodução simbólica, começando com a imprensa no século XV.

Ao longo do tempo, os novos meios de transmissão do conhecimento foram sendo progressivamente assimilados e instrumentalizados pela Igreja, sempre em consonância com os paradigmas comunicacionais predominantes em cada época. Esse processo revela a constante interação – e por vezes tensão – entre a instituição eclesial e as transformações tecnológicas e sociais.

A primeira fase é marcada pela postura de censura e repressão, característica de um período longo e intenso, simbolizado pela atuação da Inquisição. Nesse contexto, a Igreja posicionava-se como intermediária entre a produção e a

disseminação do saber, exercendo controle não apenas sobre o conhecimento teológico, mas também sobre outros campos.

Já na segunda fase, observa-se uma mudança significativa, ainda que marcada por desconfiança. A Igreja começou a aceitar, de forma cautelosa, os novos meios de comunicação, como a imprensa, o cinema e o rádio. Embora mantivesse certo controle sobre essas tecnologias, passou a utilizá-las como instrumentos de propagação de sua mensagem, em um movimento que refletia as pressões de uma sociedade em rápida transformação.

A terceira fase é caracterizada por uma aceleração sem precedentes nas mudanças tecnológicas e sociais, exigindo da Igreja uma adaptação mais rápida e profunda. Essa necessidade de "aggiornamento" – termo popularizado pelo Concílio Vaticano II – trouxe uma reconfiguração da postura eclesial frente aos meios de comunicação. O que antes era uma relação predominantemente marcada por resistência deu lugar a uma abertura significativa.

Segundo Marques de Melo (2005), esse período foi acompanhado por um certo "deslumbramento ingênuo" (MELO, 2005, p. 62)¹⁹, à medida que a Igreja reconhecia o potencial da comunicação eletrônica como uma ferramenta poderosa para amplificar sua mensagem evangelizadora. Essa nova postura, que incluía a incorporação ativa dos meios modernos de comunicação, contrastava fortemente com a resistência inicial, evidenciando uma transformação no modo como a Igreja dialogava com o mundo contemporâneo.

1.6 Documentos Magisteriais sobre a comunicação

Ao analisarmos os documentos da Igreja Católica, se percebe uma história que foi marcada por orientações normativas sobre como imperadores, reis, bispos e fiéis deveriam lidar com produções culturais como escritos, livros e representações teatrais, era uma das fases da Igreja que remetiam a censura e proibição em relação aos meios de comunicação²⁰.

¹⁹ MELO, José Marques. Comunicação Eclesial - Utopia E Realidade. Ed. Paulinas, 2005.p.62.

²⁰ Gomes, ao analisar a visão da comunicação presente nos documentos eclesiás e sua respectiva evolução, observa que esses escritos refletem uma constante preocupação pastoral, orientada para a educação do senso crítico. Para esse autor, a trajetória dessa abordagem revela uma evolução em três fases distintas na relação da Igreja com os meios de comunicação, evoluindo do enfoque no "saber" para o "fazer" e culminando no "pensar". No primeiro período, o importante era o "saber" e a

Com o surgimento da imprensa, a atenção da Igreja voltou-se especialmente para os meios impressos, evidenciando preocupações com a preservação da vida espiritual dos católicos e com o impacto cultural dessa nova tecnologia.

Dentre alguns documentos, um marco desse período é a bula “*Inter Multiplices*”, publicada em 1487 por Inocêncio VIII, endereçada aos bispos alemães, o pontífice expressou seu apreço pela “descoberta providencial” da prensa de Gutenberg (1439) e ofereceu diretrizes sobre a responsabilidade pastoral dos bispos no que diz respeito à supervisão do material impresso. No texto, dizia o pontífice que “no campo do Senhor, deve-se semear apenas aquilo que possa alimentar espiritualmente as almas fiéis, sabendo-se arrancar o joio e cortar a estéril oliveira selvagem”²¹

Leão X, na encíclica “*Inter Sollicitudine*” (1515), escreve e decreta diante da liberdade de imprensa sobre as questões relacionadas a fé, para “que ninguém imprima nem ouse mandar imprimir livro ou qualquer outra matéria escrita, tanto em Roma como nas outras cidades e dioceses, sem exame prévio” aplicando ainda as consequências de uma desobediência.

“Quem, no entanto, presumir outra coisa, além da apreensão dos livros impressos, que serão queimados em praça pública, e o pagamento de cem ducados à Fábrica da Basílica de São Pedro em Roma, sem esperança de perdão, terá sua licença de impressor suspensa por um ano e ficará sujeito à pena de excomunhão. Finalmente, havendo a agravante de contumácia, seja de tal forma castigado por seu bispo ou pelo nosso Vigário, respectivamente, com todos os remédios canônicos, que ninguém mais

ênfase recaía nos conteúdos, compreendendo a comunicação como transmissão unidirecional de informações e valores entre gerações. A preocupação central era a qualidade das mensagens, resguardando a moral, os bons costumes e o pensamento cristão. O segundo modelo, por sua vez, não condenava os meios de comunicação, mas destacava suas potencialidades como instrumentos de difusão de ideias, privilegiando o “fazer” e visando persuadir os receptores. O terceiro modelo avança para uma compreensão mais abrangente da comunicação, focando na transformação das pessoas e comunidades. Este modelo prioriza a interação dialética, o desenvolvimento intelectual e a consciência social, adotando o método Ação-Reflexão-Ação e valorizando o pensamento. Nessa perspectiva, a concepção da comunicação é bilateral, reconhecendo o ser humano como emissor e receptor simultaneamente, com esforços para garantir o direito fundamental à comunicação e compreender os mecanismos sociais que limitam a atuação ativa dos indivíduos, grupos ou comunidades. Notavelmente, as diferentes fases dessas compreensões coexistem na abordagem contemporânea da Igreja Católica em relação à comunicação social, carecendo de uma diretriz clara. GOMES, Pedro Gilberto. Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 130-142.

²¹ INOCÉNCIO VIII. *Inter Multiplices*. In: DALE, Romeu (org.). Igreja e Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 34.

tenha a ousadia de imitar-lhe o exemplo”²² (INTER SOLlicitudines. (PAPA LEÃO X – 04/05/1515. In: DALE, Romeu. 1973. p. 39 – 41)

Mais tarde, em 1766, Clemente XIII reforçou essas preocupações na encíclica “Christianeae Republicae”, condenando obras consideradas anticristãs e orientando os bispos a combater a literatura moralmente prejudicial. Parecia que a Igreja estava na contramão do que emergia na sociedade, como diz Silva, 2010.

Enquanto a sociedade acelerava seu processo de transformação, a Igreja insistia numa tentativa de conter o que irremediavelmente consolidava nova face para a sociedade. Essa atitude da hierarquia retardou o ingresso eclesiástico no processo de modernização pelo qual vinha passando a sociedade e manteve na Igreja uma perspectiva negativa em relação às inovações da comunicação social. (Silva, 2010, p.25)²³

Com o avanço das tecnologias de comunicação, a postura da Igreja foi se transformando. Leão XIII²⁴ destacou a necessidade de utilizar os mesmos meios que veiculavam mensagens negativas para difundir os valores cristãos, inaugurando uma estratégia de enfrentamento baseada na contraposição de mensagens. Essa nova abordagem indicava uma tentativa de adaptação, ainda que cautelosa, ao uso das tecnologias como ferramentas para a missão evangelizadora. Durante o período de 1878 a 1939, houve uma crescente aceitação das inovações tecnológicas, como o rádio e o cinema, embora com reservas.

Já o Papa Pio XI, impressionado pelo impacto do cinema, fundou em 1928 a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC) e, em sua encíclica “Vigilanti Cura”²⁵ (1936), destacou o potencial dessa mídia, especialmente em iniciativas como a Legião da Decência, que buscava combater conteúdos moralmente questionáveis. Apesar desses avanços, a confiança da Igreja nas novas tecnologias ainda era limitada.

²² INTER SOLlicitudines. (PAPA LEÃO X – 04. mai. 1515). In: DALE, Romeu. Igreja e comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1973. p. 39 – 41

²³ SILVA, Fábio Gleiser Vieira. A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada: Formação e Competência. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

²⁴ Leão XIII, em 1879, foi o primeiro papa a receber oficialmente um grupo de jornalistas em audiência. Em sua encíclica “*Etsi nos*”, de 1882, o pontífice enfatiza a relevância da ampla promoção da “imprensa benéfica”, destaca a necessidade de usar a liberdade de forma correta e exorta os fiéis a exercerem o “mais cuidadoso discernimento quanto ao que deve ser lido”. Também foi o primeiro papa a ter sua voz gravada e o primeiro a ser filmado com uma câmera de cinema em 1896;

²⁵ Encíclica que fala sobre o cinema, sendo considerado o primeiro documento pontifício que trata dos modernos meios de comunicação além da imprensa. Não se limita a tratar dos perigos trazidos por esse meio, mas ressalta os valores e oportunidades que podem ser oferecidos por este moderno meio de comunicação.

Vale ainda insistir que essa encíclica, ainda que expresse marcada preocupação com a moralidade cristã e em alguns trechos apresente-se com certo rigor moral em seus posicionamentos, está disposta ao diálogo com diversos sujeitos sociais. Desde o diálogo com os produtores, os diretores e, até mesmo, os que levam os filmes ao público, aqui chamado de espectador. Isso mostra forte mudança na maneira como a Igreja se faz presente na sociedade com caráter mais flexível e ciente de um mundo de diversidades que se constrói. Ao pensar o espectador, alguém facilmente envolvido pelo conteúdo cinematográfico de caráter negativo, na perspectiva da Igreja, verifica-se também uma forte iniciativa eclesial em relação à preocupação com a formação dos espectadores, para que sejam capazes de um pensar crítico em relação ao que lhes é oferecido como lazer e diversão pelo cinema. (Silva, 2010, p.44)²⁶

Foi somente durante o pontificado de Pio XII que a Igreja aprofundou sua reflexão sobre o papel dos meios de comunicação em sociedades democráticas. Reconhecendo a influência dessas ferramentas na formação da opinião pública, Pio XII abordou o tema em diversos discursos e consolidou sua visão na encíclica *Miranda Prorsus* (1957). Este documento, que explora o potencial pastoral do cinema, rádio e televisão, marcou um ponto de virada na relação da Igreja com os meios eletrônicos. Pela primeira vez, a Igreja adotou uma postura explicitamente positiva, reconhecendo as possibilidades dessas tecnologias na promoção de valores humanos e espirituais. A encíclica é considerada a gênese da Pastoral da Comunicação, pois enfatiza a necessidade de preparar os receptores para uma interação crítica e ética com os conteúdos midiáticos. Assim, a Igreja começou a integrar os meios de comunicação em sua missão evangelizadora, ajustando-se aos desafios de um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia.

Diante de tantos momentos importantes de recuos e avanços da parte da Igreja Católica, destaca-se o importante decreto publicado pelo Concílio Vaticano II, assim intitulado “*Inter Mirifica*”, onde mesmo sendo um documento de poucos artigos, foi amplamente discutido e debatido antes de sua aprovação²⁷. É o primeiro

²⁶ SILVA, Fábio Gleiser Vieira. *A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada: Formação e Competência*. 2010. 186f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

²⁷ O decreto *Inter Mirifica* foi preparado antes da primeira sessão do Vaticano II pelo Secretariado Preparatório para a Imprensa e Espetáculos (novembro de 1960 a maio de 1962). O esboço do documento foi aprovado pela Comissão Preparatória Central do Concílio. Posteriormente, em novembro de 1962, o documento foi debatido na primeira sessão do concílio e o esquema, aprovado, mas o texto foi considerado muito vasto. A drástica redução do texto é permeada por profundas

documento da Igreja com alcance universal sobre os meios de comunicação social, que assegura a importância de sua utilização, dentro do contexto eclesial.

"A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar retamente estes meios. À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas" (Concílio Vaticano II, *Inter Mirifica*, n. 3)²⁸

E é dessa forma, que o diálogo da Igreja vai se aproximando ainda mais das realidades sociais presentes no campo comunicacional. Tal decreto favoreceu uma autêntica construção de diálogo onde as barreiras das incertezas foram cedendo espaços a discussões de grande importância no cenário da comunicação social.

Ao utilizar-se de terminologias como "mass media", "meios audiovisuais", "técnicas de difusão" e ainda de "comunicação em massa", expressou sua intenção de abranger todas as tecnologias de comunicação, incluindo atos humanos decorrentes que são sua principal preocupação na ação pastoral.

Deve-se destacar que uma grande contribuição do decreto, foi sem dúvida suas reflexões acerca do direito à informação.

"É evidente que tal informação, em virtude do progresso atual da sociedade humana e dos vínculos mais estreitos entre os seus membros, resulta muito útil e, na maioria das vezes, necessária, pois a comunicação pública e oportuna de notícias sobre acontecimentos e coisas facilita aos homens um conhecimento mais amplo e contínuo dos factos, de tal modo que pode contribuir eficazmente para o bem comum e maior progresso de toda a sociedade humana. Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade. No entanto, o uso reto deste direito exige que a informação seja

conotações e deixa margem para as mais variadas conclusões. O texto de 114 artigos foi reduzido para 24 artigos e submetido, novamente, à assembleia, em novembro de 1963. A apuração dos votos registrou 1598 "sim" contra 503 "não". Entretanto, ao contrário de demonstrar que isto seria um "ganho folgado", é preciso relevar que o *Inter Mirifica* foi o documento do Vaticano II aprovado com o maior número de votos contrários'. (*Baragli, Enrico. L'Inter Mirifica. Roma: Studio Romano della Comunicazione Sociale, 1969*)

²⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Inter Mirifica*. Decreto sobre os meios de comunicação social, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 15 /01/2025, n. 3.

“sempre objetivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra.”
(Concílio Vaticano II, *Inter Mirifica*, n. 5)²⁹

1.7 Meios de Comunicação e Corpo Eclesial: A Transformação da Igreja na Era Digital

A evolução das tecnologias de comunicação transformou radicalmente as dinâmicas sociais, culturais e religiosas, levando a Igreja Católica a repensar sua presença no mundo contemporâneo. A inserção da Igreja nos meios de comunicação não é apenas uma adaptação às novas ferramentas tecnológicas, mas um processo que reflete sua própria natureza enquanto corpo místico de Cristo.

A relação entre comunicação e Igreja também pode ser compreendida à luz da teoria de Marshall McLuhan, para quem os meios de comunicação são extensões do corpo humano. Aplicando essa noção ao contexto eclesiológico, pode-se argumentar que os meios de comunicação se tornam uma extensão também do assim chamado “corpo eclesial”, permitindo que a Igreja amplifique sua voz e sua ação evangelizadora em um mundo marcado pela mediação digital.

“Os meios, ao alterar o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e de agir – o modo de perceber o mundo” (MCLUHAN, 1969, p. 69)³⁰.

McLuhan argumenta que cada nova tecnologia da comunicação altera a percepção humana e reorganiza os sentidos, pois os meios são mais do que meros veículos de transmissão de informação: eles estruturam a maneira como os indivíduos interagem com o mundo e com os outros³¹.

A partir dessa perspectiva, a Igreja, enquanto comunidade de fé, não apenas utiliza os meios de comunicação como ferramentas, mas é, ela mesma, transformada por essas novas dinâmicas. Se, historicamente, a Igreja teve receio de diversas

²⁹ Ibid., n. 5.

³⁰ MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *O Meio é a Mensagem*. Trad. Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro: Record, 1969. p. 69.

³¹ Analogamente, qualquer instrumento técnico, ferramenta ou aparato é uma extensão do corpo. A caneta, a faca, a roda, o martelo etc. Tudo aquilo que escreve é uma extensão da nossa capacidade de fala, de armazenamento, de memória. A faca, o martelo, o machado, qualquer outra ferramenta manual são extensões das nossas mãos. A roda é uma extensão dos nossos pés, da nossa capacidade de andar. A cadeira é uma extensão da nossa coluna vertebral. E, por sua vez, os meios de comunicação também podem vir a ser uma extensão das ações eclesiás em seu corpo. A voz, os ouvidos, a visão, a memória. O rádio estende a nossa voz. A televisão, a nossa visão, a nossa audição. O livro, a nossa memória. Então, portanto, seguindo essa teoria, o meio deve ser pensado a partir do diálogo que ele estabelece com o corpo.

formas de comunicação, na era digital ela se vê desafiada a integrar as plataformas digitais sem perder sua identidade e sua missão, encarando-as como “dons de Deus” na medida em que, segundo intenção providencial, “criam laços de solidariedade entre os homens, pondo-se assim ao serviço da sua vontade salvífica” (*Communio et Progressio*, 1971, n. 2)³².

O conceito de corpo místico de Cristo, desenvolvido na tradição teológica cristã, enfatiza que a Igreja é um organismo vivo, constituído por diferentes membros unidos em comunhão. Essa concepção ressoa com a ideia mcluhaniana de que os meios de comunicação são extensões do corpo, pois, assim como um novo meio modifica a forma como os sentidos humanos se relacionam com o ambiente, os meios digitais transformam a maneira como os fiéis interagem entre si e com a própria fé. Nesse sentido, as plataformas digitais não apenas facilitam a comunicação eclesial, mas reconfiguram a experiência do sagrado, alterando a maneira como os fiéis vivenciam a liturgia, a catequese e a pastoral.

“Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada. O meio é a mensagem. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como meio ambiente.” (MCLUHAN, 1969, p. 54)³³.

A midiatização da fé, nesse contexto, torna-se um fenômeno que merece análise crítica. A Igreja, ao expandir sua presença nas redes digitais, amplia seu alcance, permitindo que sua mensagem atinja públicos antes inacessíveis. No entanto, esse processo também implica riscos, pois os meios digitais tendem a favorecer a fragmentação e a personalização da experiência religiosa. A autoridade eclesial, historicamente centralizada na hierarquia, precisa lidar com o surgimento de novas figuras mediadoras, como influenciadores religiosos e pregadores digitais, que assumem papéis de liderança na formação espiritual de milhões de fiéis.

Além disso, a lógica algorítmica das redes sociais seleciona e prioriza conteúdos que geram maior engajamento emocional, o que pode levar à espetacularização da fé e à disseminação de discursos polarizados. A ampliação da

³² Comissão Pontifícia dos Meios de Comunicação Social. (1971). *Communio et Progressio: Instrução Pastoral*. São Paulo: Paulinas. n. 2.

³³ MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. *O Meio é a Mensagem*. Trad. Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro: Record, 1969. p. 54.

presença da Igreja nos meios digitais, se por um lado permite que sua mensagem seja veiculada a um público mais amplo, por outro, desafia a instituição a manter a coesão doutrinal e comunitária em um ambiente caracterizado pela dispersão e pela efemeridade das interações.

O conceito de corpo eclesial também ajuda a compreender os desafios e possibilidades da comunicação digital na Igreja. Assim como o corpo humano se adapta às novas extensões proporcionadas pela tecnologia, a Igreja percebe que precisa encontrar formas de integrar essas novas mídias sem comprometer sua unidade e integridade. Para isso, desenvolve instruções e documentos que orientam uma utilização consciente dos meios, o que implica não apenas a adoção estratégica de novas plataformas, mas também uma reflexão teológica e pastoral sobre como esses meios afetam a vivência da fé e a identidade eclesial.

Nesse ponto, é relevante recordar que a atenção da Igreja à comunicação social não é recente. Ainda em 1929, Pio XI publicou a carta apostólica *“Antiqua et Nova”*, reconhecendo a importância dos novos meios — então, o rádio e o cinema — e afirmando a necessidade de que fossem orientados por princípios morais e eclesiás para servirem ao bem comum. Esse documento, pioneiro em seu tempo, já antecipava a preocupação de que cada inovação tecnológica exigiria um discernimento pastoral adequado, preparando o caminho para a vasta tradição magisterial sobre comunicação que se seguiria.

De forma mais recente, a exortação apostólica *“Evangelii Gaudium”* (2013), de Francisco, reforça a centralidade da comunicação no exercício missionário da Igreja, propondo uma “revolução da ternura” e um estilo comunicativo capaz de estabelecer proximidade e escuta. Nesse sentido, ela se torna uma chave hermenêutica para pensar as “relações direcionadas” que a Igreja deve cultivar no ambiente digital, não apenas como transmissão de conteúdos, mas como construção de vínculos que expusessem a dimensão sinodal e missionária do Evangelho.

As extensões que os meios exigem do corpo eclesial demandam novas relações de equilíbrio com os demais grupos e órgãos que compõem a Igreja Católica em sua estrutura organizacional, pois o diálogo proposto e as considerações suscitadas por essas novas interações podem mudar completamente a maneira de

se pensar e agir diante das realidades sociais, evocando uma proporção única do sentido da percepção (MCLUHAN, 1969, p. 178)³⁴.

Documentos pontifícios, como a encíclica “*Redemptoris Missio*” (1990), destacaram a importância das novas mídias na propagação do Evangelho, considerando-as como um novo areópago³⁵ que precisa ser mais valorizado pela Igreja:

“O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está unificando a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na ‘aldeia global’. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-media. Talvez se tenha descuidado, um pouco, desse areópago: deu-se preferência a outros instrumentos” (PAPA JOÃO PAULO II, 1990, n. 37)³⁶.

Assim, percebe-se que a compreensão da comunicação como extensão do corpo eclesial tem raízes tanto na tradição magisterial quanto nas teorias contemporâneas. O desafio atual consiste em conjugar essa herança com as exigências do presente, respondendo às transformações aceleradas do ambiente digital sem perder a fidelidade ao Evangelho. É nesse cenário que se torna relevante observar como o magistério recente, especialmente a partir de Bento XVI, inaugura um novo patamar de presença institucional nas redes sociais — marco simbolizado pela abertura de sua conta oficial no Twitter —, consolidando a Igreja no ambiente digital.

1.8 O Primeiro Papa do Twitter: Bento XVI e a Consolidação da Igreja no Ambiente Digital

³⁴ MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. Editora Cultrix, 1969, p. 178.

³⁵ referia-se a uma colina em Atenas onde se reunia um tribunal aristocrático na Grécia Antiga. Este tribunal era responsável por julgar questões civis e criminais, especialmente casos de homicídio. Com o tempo, o termo passou a ser associado a um espaço de debate público e de deliberação sobre questões de grande relevância social.

³⁶ PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso sobre os meios de comunicação social*, 1990. Encíclica sobre a missão da Igreja no mundo atual, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 12/01/2025.

Com o pontificado de Bento XVI, chamado inclusive de Primeiro papa do Twitter³⁷, a Igreja consolidou sua presença digital com iniciativas como o uso do Twitter, e causou grande repercussão no cenário mundial, pois seria a primeira vez que um Papa se utilizava de uma plataforma digital para transmissão de mensagens voltada aos fiéis, ganhando diversas menções e matérias digitais como foi na coluna pop da revista Veja³⁸.

“O primeiro texto foi escrito às 11h28 locais (8h28 no horário brasileiro de verão) na conta do Papa, @pontifex, que já tem mais de 700 mil seguidores, e reproduzida em vários idiomas. Em inglês, o tuíte foi compartilhado 23 mil vezes na rede.”

Em sua primeira postagem, traduzida inclusive para a língua portuguesa o Pontífice mencionou sua alegria em utilizar a plataforma para se comunicar com os fiéis do mundo inteiro.



(Figura 1. Print do post do Papa <https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/papa1.jpg>)

Considerado por muitos como uma figura conservadora dentro da Igreja, Bento XVI inaugurou uma nova fase na atuação eclesial no campo da comunicação. Seu pontificado não apenas consolidou a presença da Igreja nos meios digitais, mas também reforçou a importância da comunicação interpessoal na disseminação de conteúdo e na formação de opinião. Esse movimento confirma a noção de que “a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais

³⁷ Citado pelo portal de notícias G1. <https://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/primeiro-papa-do-twitter-bento-xvi-nao-postou-sobre-sua-renuncia.html>. Acesso em 02/12/2024.

³⁸ VEJASP. Papa Bento XVI estreia no Twitter e vira meme na rede social. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/papa-bento-xvi-estreia-no-twitter-e-vira-meme-na-rede-social>. Acesso em 02/12/2024.

os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam" (Braga, 2006, p. 11)³⁹. Dessa forma, Bento XVI demonstrou que a Igreja, mesmo enraizada em uma tradição milenar, deve estar atenta às transformações tecnológicas já que as redes se tornaram a forma organizacional predominante de todos os campos da atividade humana (Castells, 2015, p. 35)⁴⁰, e assim manter sua missão evangelizadora em um mundo cada vez mais interconectado.

Bento XVI reconhece que a comunicação não se limita à simples transmissão de informações, mas se insere em um contexto mais amplo de interação humana e construção de sentido. Ao destacar o desejo inato do ser humano de se relacionar e ultrapassar a si mesmo, o Papa aponta para a necessidade de a Igreja acompanhar as transformações da cultura midiática, sem perder sua essência evangelizadora. Assim, compreender a comunicação em seus diferentes espaços implica reconhecer que a evangelização, na era digital, não ocorre apenas nos templos e nas estruturas tradicionais, mas também nos ambientes virtuais, onde se desenvolvem novas formas de diálogo, pertencimento e vivência da fé.

Dessa maneira, a presença da Igreja nos meios digitais não deve ser vista como uma mera adaptação tecnológica, mas como uma resposta pastoral ao chamado de estar onde as pessoas estão, ressignificando sua missão no mundo contemporâneo, tendo presente que "as tecnologia de comunicação construíram a virtualidade como uma dimensão fundamental da nossa realidade" (Castells, 2010, p.30)⁴¹

1.9 A Igreja na Era Digital: O Papa Francisco, a Cultura Midiática e o Combate à Desinformação

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado enfatiza a internet como uma ferramenta para a promoção da fraternidade e da solidariedade global, sendo considerado um clérigo progressista, ao expor suas ideias, vem advertindo contra os

³⁹ BRAGA, J. L. Mediatação como processo interacional de referência. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 5(2). <https://doi.org/10.5902/2175497790408> acesso em 15/02/2025

⁴⁰ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, v. 1 p. 35

⁴¹ OLIVÁN, Manuel Castells. Prefácio à edição de 2010 de *A sociedade em rede*. In: OLIVÁN, Manuel Castells. *Sociedade em Rede: A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 30. Tradução de: Marcelo Lino.

perigos da desinformação com as fakenews, da cultura de cancelamento, e dos discursos de ódio, os quais rebate fortemente em seus discursos.

O melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas: pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga dum diálogo sincero, deixam emergir a verdade; pessoas que, atraídas pelo bem, se mostram responsáveis no uso da linguagem. Se a via de saída da difusão da desinformação é a responsabilidade, particularmente envolvida está quem, por profissão, é obrigado a ser responsável ao informar, ou seja, o jornalista, guardião das notícias. No mundo atual, ele não desempenha apenas uma profissão, mas uma verdadeira e própria missão (PAPA FRANCISCO, 2018)⁴².

Com sua atuação e preocupação na utilização dos ambientes digitais, o Papa Francisco, se torna também uma das grandes influenciadores da Igreja Católica, pelo seu status de chefe de estado e líder religioso que vem estimulando seus fiéis a uma conversão não só na espiritualidade como também nas grandes discussões sociais. Mesmo não utilizando um aparelho celular, conforme afirmou numa entrevista que concedeu a Daniel Hadad, criador do site Infobae, da argentina, sua influência no mundo é reverenciada.

“—¿Es cierto que no usa teléfono celular? —Nunca lo tive.—¿Nunca? — Cuando me hicieron o bispo me regalaron uno, en el [año] 94, 92. En aquel momento era un zapato. Yo dije “Esto jamás lo voy a usar”. “Bueno, hacé una llamada”. Ahí, delante del que me lo regaló, llamé a mi hermana: “¿Cómo te va?”. ¡Pum!, corté. Se lo devolví. Y nunca más. Me da una libertad muy grande. Porque me entero de todo: tiene mi teléfono o deja el [recado] y yo llamo después. O sea, para mí no es un impedimento. Eso sí, reconozco que mis secretarios tienen celular.”⁴³

Mesmo não sendo o responsável por postar nas redes sociais oficiais, Francisco respondeu na entrevista: “—Eso significa que no ve Twitter, Instagram, Facebook. —No, ese mundo no.—Pero alguien le cuenta.—Sí, sí, estoy al día. Y escribo a mano.”⁴⁴

⁴² FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o 52º Dia Mundial Das Comunicações Sociais.

Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso: 15/01/2025

⁴³ HADAD, Daniel. El Papa Francisco opinó sobre Nicaragua: “Es como las dictaduras comunistas o hitlerianas, grosera” Disponível em: <https://www.infobae.com/america/mundo/2023/03/10/el-papa-francisco-opino-sobre-nicaragua-es-como-las-dictaduras-comunistas-o-hitlerianas-grosera/> acesso em 17/01/2025.

⁴⁴ Ibid.,

Francisco, mesmo não utilizando de forma direta as plataformas, demonstra proximidade entre os fiéis. Recuero (2009), aponta que a rede social é composta por atores, (pessoas ou grupos) e conexões (interação entre os atores), e esse espaço virtual possui "mecanismos de individualização e mostram as redes sociais de cada ator de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações nesses sistemas" (RECUERO, 2009, p. 103)⁴⁵.

Diante dos conflitos armados entre Ucrânia e a Rússia, em discursos oficiais Francisco envolve o mundo todo a uma reflexão e pedido de paz.

"O Papa Francisco expressou a sua dor pelo sentimento de desamparo vivido face à guerra, 'uma coisa do diabo, que quer destruir', com um pensamento particular para as crianças ucranianas encontradas durante as audiências: 'eles te olham e esqueceram o sorriso' e acrescentou: 'Este é um dos frutos da guerra: tirar o sorriso das crianças'".⁴⁶

Assim o envolvimento do líder religioso no twitter, facebook, instagram e outros, só comprova que a mudança social causada pelas plataformas, colaboram para uma propagação de forma mais rápida e com alta interação, e isso, "criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais" (RECUERO, 2009, p. 116)⁴⁷.

Recentemente o Pontífice apresentou um quadro de saúde preocupante, sendo um líder religioso bastante influente, chamou a atenção da mídia global e houve grande comoção da comunidade católica que através das plataformas digitais, confirmam o que destacamos anteriormente no que diz respeito a proximidade e interatividade nos meios digitais.

⁴⁵ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 103.

⁴⁶ DÍAZ, Ary Waldir Ramos. ACI Digital. A guerra na Ucrânia é "uma coisa do diabo", diz o papa Francisco. Disponível em <https://www.acidigital.com/noticia/56104/a-guerra-na-ucrania-e-uma-coisa-do-diabo-diz-o-papa-francisco>. Acesso em 13/03/2025

⁴⁷ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 116.

(Figura2: Comentários da publicação das condições de saúde do santo padre. Fonte: Instagram @Vaticannewspt, dia 25/02/2025)

A proximidade encontrada na pessoa do Papa Francisco, sua seriedade em tratar temas espinhosos da Igreja Católica, faz com que sua reputação seja reforçada estreitamente na confiança, destacando ainda mais que as redes sociais, tem se tornado um forte veículo de comunicação, onde a credibilidade da informação é tão importante quanto o que se dissemina. (Solove, 2007)⁴⁸

Assim, quanto mais as informações são disponibilizadas, mais será exposta e vulnerável. Marteletto (2001, p.72)⁴⁹ enfatiza que as redes sociais são como que “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”

Com isso, abre-se a porta para o que Francisco tanto tenta combater ao falar dos ambientes digitais,

“o ambiente digital é um contexto de participação sociopolítica e de cidadania ativa, e pode facilitar a circulação de informações independentes capazes de proteger com eficácia as pessoas mais vulneráveis, expondo as violações de seus direitos”. (FRANCISCO, Christus Vivit, n.87)⁵⁰

⁴⁸ SOLOVE, Daniel J. O futuro da reputação: fofocas, rumor, e privacidade na internet. New Haven, Connecticut, EUA: Yale University Press, 2007

⁴⁹ MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 72, jan./abr. 2001.

⁵⁰ FRANCISCO, Papa. Christus Vivit: Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus. Disponível em

Demonstra ainda, sua preocupação com a contato humano, e que,

O encontro virtual não substitui e jamais poderá substituir aquele em presença. Estarmos fisicamente presentes ao partir o pão eucarístico e o pão da caridade, o olhar nos olhos um do outro, o abraçar-se, o estar um ao lado do outro ao servir Jesus nos pobres, apertando a mão dos doentes, são experiências que pertencem à nossa experiência diária e nenhuma tecnologia ou rede social jamais poderá substituí-las. (Bolzetta, 2022, p. 12, Tradução Nossa)⁵¹

Sua influência global atinge diversos setores comunicacionais e ao combater as fakenews e os discursos de ódio, na mensagem por ocasião da 13ª edição do Festival de Doutrina Social em 2023, citou: "Que ninguém seja promotor de uma comunicação de descarte através da difusão de mensagens de ódio e da distorção da realidade na web!" (Francisco, 2023)⁵²

Porém, como vimos anteriormente, a rede social favorece uma grande exposição da pessoa, e do papa não é diferente, como vimos sua proximidade e interatividade com os fiéis de forma muito "carinhosa" nos faz deparar também com a ampla cobertura acerca de seu adoecimento, um fenômeno que se destacou nas plataformas digitais, algo nunca tido como relevante, mas que ganhou repercussão no cenário católico nacional.

1.10 Como a influência partidária política-ideológica afeta o magistério de Francisco no cenário Nacional

O crescimento das ideologias partidárias políticas de esquerda ou direita tem causado grande aquecimento de discussões no Brasil. A ascensão de uma extrema direita ao poder, no meio de um longo governo esquerdista, dividiu a sociedade brasileira de uma forma muito incisiva. A utilização de termos como comunismo e fascismo, cresceram de forma significativa no país. E uma vez inserida na sociedade, a Igreja também se torna alvo de extremistas políticos.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em 20/02/2025.

⁵¹ BOLZETTA, Fábio. La Chiesa nel digitale: Strumenti e proposte. Via Umbria, Tau Editrice 2022, p.12.

⁵² FRANCISCO, Papa. Mensagem aos participantes no XIII Festival da Doutrina Social da Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20231105-messaggio-festival-dottrinasociale.html> Acesso em 23/02/2025

A preocupação do Magistério de Francisco com os pobres, com a comunidade LGBTQIA+, com os refugiados, e seus discursos considerados de alta influência liberal na ala católica, levou muitos da extrema direita e desconhecedores da doutrina social, a considerar o papa como um propagador do sistema comunista. Nas redes sociais, areópago da atualidade, comentários de críticas ao papado ficaram ainda mais evidentes neste período de doença, inclusive com discursos desejando a morte do papa.

Conforme em matéria no Portal de notícias Uol, Leonardo Sakamoto citou algumas mensagens de ódio direcionadas ao Pontífice:

"Não irei citar o nome dos santos, apenas trazer trechos dos seus milagres, para não acender vela para quem não merece: "Vou festejar muito o dia em que esse papa for para o inferno", "papa comunista tem que morrer", "todo sofrimento do mundo é pouco para essa desgraça", "espero que morra agonizando", "nunca foi papa, foi um vagabundo comunista que adora terrorista", "logo este papa comunista vagabundo sem vergonha que cagou no trono de Pedro vai comer capim pela raiz", "vou rezar para que ele morra logo" ⁵³

O termo comunista, associado incisivamente aos partidos esquerdistas é muito utilizado para se gerar inquietação e se considerar alguém como não confiável, porém vale lembrar que a Igreja Católica em seu magistério, voltando em Pio IX, condenou as ações relacionadas ao comunismo:

"Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana"⁵⁴ (Encíclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, vol. I, pág. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, pág. 170).

E ainda, Leão XIII, na encíclica *Quod Apostolici muneris*⁵⁵,

"Peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo"; e com a clarividência do seu espírito luminoso demonstrou que o movimento precipitado das multidões para a impiedade

⁵³ Sakamoto, Leonardo. 20025 Torcida pela morte do Papa Francisco nas redes mostra escalada do ódio. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/leonardo-sakamoto/2025/02/23/torcida-pela-morte-do-papa-francisco-nas-redes-mostra-escalada-do-odio.htm> acesso em 25/02/25.

⁵⁴ Encíclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, vol. I, pág. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, pág. 170).

⁵⁵ Leão XIII, Encíclica *Quod Apostolici muneris*, 28/12/1878: Acta Leonis XIII, vol. I, pág. 40

do ateísmo, numa época em que tanto se exaltavam os progressos da técnica, tivera origem nos desvios duma filosofia que de há muito porfia por separar a ciência e a vida da fé da Igreja." (Leão XIII, Encíclica *Quod Apostolici munera*, 28/12/1878: Acta Leonis XIII, vol. I, pág. 40)

O Papa Francisco mantém a posição tradicional da Igreja Católica em relação ao comunismo, reconhecendo os desafios que ideologias materialistas e ateias podem representar para a fé cristã. No entanto, seu enfoque pastoral destaca a importância do diálogo e da inclusão, buscando construir pontes em vez de erguer muros. Em 2016, ao ser questionado sobre uma possível afinidade entre o cristianismo e o marxismo, Francisco afirmou: "São os comunistas os que pensam como os cristãos. Cristo falou de uma sociedade onde os pobres, os frágeis e os excluídos sejam os que decidam."⁵⁶

Essa declaração ressalta a convergência de preocupações sociais entre o cristianismo e algumas propostas comunistas, especialmente no que diz respeito à atenção aos pobres e marginalizados. A proposta de Cristo de uma sociedade mais justa e inclusiva se alinha com algumas das críticas mais centrais do marxismo, como a busca por justiça social e a superação das desigualdades.

O compromisso do Papa com a inclusão é evidente em suas ações e ensinamentos. Em 2013, na sua exortação apostólica intitulada: a *Alegria do Evangelho*, ele enfatizou que não se deveria excluir ninguém e que a Igreja deve seguir esse exemplo, promovendo o diálogo aberto com todos, sem julgamentos ou exclusões. (FRANCISCO, 2013, n. 23)⁵⁷

O Papa, mais uma vez, reflete sobre o papel da Igreja em promover uma sociedade inclusiva, a tornando como um hospital de campanha que acolhe a todos sem julgamento, e onde a dignidade humana de todos, independentemente de sua origem ou crença, seja respeitada (Papa Francisco, discurso aos membros da fundação AVSI para o projeto "hospitais abertos" na Síria, 2022)⁵⁸

⁵⁶BRASIL DE FATO. São os comunistas que pensam como os cristãos. 2016. Disponível em: <https://www.brasildedefato.com.br/2016/11/11/papa-francisco-comunistas-pensam-como-os-cristaos/> Acesso em: 05/05/2025

⁵⁷ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangeli Gaudium*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 03/04/2025. n. 23.

⁵⁸ FRANCISCO, Papa. Discurso aos membros da fundação AVSI para o projeto "hospitais abertos" na Síria, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220903-fondazione-avsi.pdf>. Acesso em 05/04/2025

Na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), Francisco reforça a necessidade de fraternidade universal e amizade social, convidando todas as pessoas, independentemente de suas convicções ideológicas, a trabalharem juntas pelo bem comum. Ele destaca que a reflexão proposta se abre ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade: "A reflexão sobre a fraternidade e a amizade social deve ser aberta a todos, sem exclusões, e buscar sempre o bem de todos." (FRANCISCO, 2020, n. 94)⁵⁹

Portanto, embora mantenha a cautela tradicional da Igreja em relação a ideologias que possam conflitar com os princípios cristãos, o Papa Francisco busca promover a comunhão e o entendimento mútuo, sem excluir ninguém, alinhando-se ao espírito inclusivo que caracteriza seu pontificado.

Se, como contraponto, analisamos os discursos do Papa Francisco, é perceptível que ele também critica a ideologia consumista do capitalismo. Em diversas ocasiões, ele tem sido um crítico consistente das consequências negativas do consumismo e das falhas do sistema capitalista neoliberal. Ele enfatiza como essas ideologias podem levar à exclusão social, degradação ambiental e perda de valores humanos essenciais.

Em uma homilia na Casa Santa Marta, em novembro de 2018, o Papa Francisco alertou sobre os perigos do consumismo desenfreado, classificando-o como uma "doença séria" que impede a generosidade e promove uma vida centrada no materialismo. Ele destacou a necessidade de uma vida mais austera e generosa, sugerindo que as pessoas revisem seus bens e compartilhem com os necessitados: "O consumismo é uma doença séria. Ele nos impede de ver o essencial da vida e nos faz focar apenas no que é material."⁶⁰

Durante o Angelus de 20 de dezembro de 2020, o Papa refletiu sobre como o consumismo tem desvirtuado o verdadeiro significado do Natal. Ele enfatizou que o frenesi das compras e a preocupação excessiva com presentes desviam o foco do essencial: a celebração do nascimento de Jesus e os valores de simplicidade, pobreza e amor que ele representa. Francisco convidou os fiéis a preparam os

⁵⁹FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html acesso em 07/04/2025.

⁶⁰ DONINNI, Débora. Vatican News. Papa: atenção com o consumismo; a generosidade alarga o coração. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-11/papa-francisco-missa-santa-marta-consumismo.html> . Acesso em: 07/04/2025.

corações, evitando serem levados pelo consumismo que "sequestrou o Natal": "O consumismo sequestrou o Natal. O verdadeiro espírito natalino não está nos presentes, mas na simplicidade e no amor." (FRANCISCO, 2020)⁶¹

Além disso, na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), o Papa Francisco questiona a eficácia do mercado livre em resolver os problemas sociais. Ele argumenta que "o mercado, por si só, não resolve tudo" (FRANCISCO, 2020, n. 168)⁶², criticando a crença neoliberal de que as forças de mercado são suficientes para promover o bem-estar social. Francisco destaca que essa abordagem tem mostrado suas limitações, especialmente diante das crises globais, e enfatiza a necessidade de colocar a dignidade humana no centro das políticas econômicas: "O mercado, por si só, não resolve tudo. A dignidade humana deve ser o centro de todas as políticas econômicas." (FRANCISCO, 2020, n. 168)⁶³

Em seu livro "A Esperança nunca desilude", publicado em novembro de 2024, o Papa Francisco aborda a gentrificação urbana e critica o aumento dos aluguéis sem controle estatal. Ele aponta como o mercado transforma áreas comunitárias em zonas de luxo, deslocando famílias originais e exacerbando problemas habitacionais para as classes médias. Francisco acusa o capitalismo de promover um egoísmo extremo em detrimento dos mais vulneráveis e defende políticas tributárias justas, além de denunciar paraísos fiscais: "O capitalismo, ao promover a gentrificação, cria uma sociedade onde os mais pobres são deslocados e as áreas comunitárias são transformadas em zonas de luxo." (FRANCISCO, 2024, p. 113)⁶⁴

Esses exemplos evidenciam a preocupação do Papa Francisco com as implicações sociais e espirituais do consumismo e das práticas capitalistas que negligenciam os valores humanos e a justiça social, alinhando seu discurso com uma visão crítica das desigualdades e dos excessos promovidos por um sistema econômico que prioriza o lucro sobre o bem comum.

Argumentar que o Papa Francisco, seria um papa comunista, é uma autêntica falta de conhecimento da doutrina social que rege a Igreja, e ainda, aplicar um

⁶¹ FRANCISCO, Papa. Angelus, 20/12/ 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201220.html. Acesso em: 07/04/2025

⁶² FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. 2020. n. 168. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html acesso em 07/04/2025.

⁶³ Ibid.,

⁶⁴ FRANCISCO, Papa. *A Esperança nunca desilude*. Paulus, 2024. p. 113.

sistema político do século passado aos ensinamentos trazidos pelo fundador da Igreja, Jesus Cristo, seria uma espécie de covardia histórica.

Quem dera se o desafio do líder influenciador, fosse apenas lidar com desconhecedores da doutrina magisterial que rege a instituição da Igreja Católica. Sua aparente posição a ala progressista da Igreja, não deixou de gerar também discussões “acaloradas” no interior da própria Igreja.

Charles Taylor, ao refletir sobre a secularização no mundo contemporâneo, destaca como os espaços públicos se tornaram campos de disputa simbólica entre formas distintas de espiritualidade e racionalidade política. Ele mostra que, em sociedades democráticas pluralistas, a fé cristã é frequentemente reduzida a uma ideologia ou identificada com posições políticas específicas, o que compromete sua universalidade e profundidade espiritual. Taylor observa que a espiritualidade pública precisa se mover para além das trincheiras ideológicas para oferecer um horizonte de sentido que une em vez de dividir (TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, cap. 15, p. 707-739).

1.11 O Papado de Francisco: uma comunicação cismática?

O discurso do Papa Francisco marcado por uma linguagem pastoral e inclusiva, desafia muitas das tradições rígidas consideradas essenciais para a fé católica conforme pensa a ala mais conservadora da Igreja. Como pôde identificar o jornalista e escritor Austen Ivereigh ao escrever que “todos os papas desde o Concílio Vaticano II vêm sendo atacados pelos tradicionalistas, mas a ferocidade e intensidade da oposição contra Francisco é uma das características mais notáveis do seu pontificado”.⁶⁵

O papa enfrenta grandes críticas vindas da ala conservadora da Igreja, e em uma entrevista, os conceitua dizendo que "conservador é aquele que se apega a algo e não quer ver além. É uma atitude suicida, porque uma coisa é levar em conta a tradição, considerar as situações do passado, outra é se fechar numa caixa dogmática".⁶⁶

⁶⁵ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fake-news-e-escandalos-a-midia-catolica-dedireita-ataca-francisco/>. Acesso em 22/07/2024

⁶⁶ Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-05/papa-entrevista-cbs-bencao-homossexuais-guerra-abusos.html> . Acesso em 13/02/2025

O Papa enfatiza sempre uma abordagem de misericórdia, acolhimento e diálogo aberto com todos os segmentos da sociedade, incluindo aqueles tradicionalmente tidos como marginalizados pela Igreja, como os divorciados e recasados, a comunidade LGBTQ+, e os não-crentes.

Sua exortação apostólica "Amoris Laetitia" é um exemplo claro dessa tendência, ao sugerir uma abertura para que indivíduos em situações irregulares possam participar mais plenamente na vida sacramental da Igreja, não sendo conivente com o que considera pecado, mas dando espaço ao ser humano.

deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto dum a misericórdia "imerecida, incondicional e gratuita". Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem. (Francisco, 2016, n. 297)⁶⁷

Esta posição é vista por muitos contraditores de Francisco como uma diluição dos ensinamentos tradicionais da Igreja e uma ameaça à pureza doutrinal. Além disso, o Papa tem reiterado a necessidade de uma Igreja em saída, que vá ao encontro das periferias existenciais e sociais, rompendo com uma postura de isolamento e auto referencialidade, como afirmou em sua primeira encíclica, sobre a alegria do evangelho, quando disse

"prefiro uma Igreja accidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos" (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 49)⁶⁸

Ele frequentemente critica o clericalismo e incentiva a descentralização do poder dentro da Igreja, promovendo uma maior sinodalidade⁶⁹ e participação dos

⁶⁷ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Amoris Laetitia. 2016, n.297. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html Acesso: 02/01/2025.

⁶⁸ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 03/04/2025. n. 23.

⁶⁹ A sinodalidade, segundo a Comissão Teológica Internacional, "designa o modo específico de viver e operar da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza concretamente o seu ser comunhão, caminhando juntos, reunindo-se em assembleia e participando ativamente de todos os seus membros na missão evangelizadora" (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, 2018, n. 6). Trata-se, portanto, de um princípio eclesiológico que exprime a corresponsabilidade e a participação de todos os batizados no discernimento e na tomada de decisões, em comunhão com os pastores e sob a guia do Espírito Santo.

leigos. Esta visão contrasta fortemente com a visão mais hierárquica e estática defendida por muitos, que veem essas reformas como uma erosão da autoridade tradicional da Igreja.

O Papa também tem se envolvido em questões sociais e ambientais, como evidenciado na encíclica "Laudato Si'", onde ele chama a atenção para a crise ecológica e a necessidade de uma conversão.

As convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – grandes motivações para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis... Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções. (FRANCISCO,2015, n. 64)⁷⁰

Outro ponto de contenção é a atitude de Francisco em relação ao diálogo interreligioso. Sua abertura para o diálogo com outras religiões, especialmente com o Islã, como visto no Documento sobre a Fraternidade Humana assinado com o Grande Imã de Al-Azhar, é interpretada pelos sedevacantistas como uma traição ao mandamento de evangelização exclusiva e uma aceitação do indiferentismo religioso. Eles veem tais gestos como concessões que minam a singularidade da fé católica.

"Francisco tem plena convicção de que suas ações são ações que representam o Cristo, esse tipo de opção pelos oprimidos, pelos pobres, pelos excluídos. E os ultraconservadores acham que isso é um discurso demagógico, populista. Por isso as divisões e as oposições" (VEIGA,2023)⁷¹

O papado de Francisco, portanto, representa uma comunicação que, ao buscar ser inclusiva e acolhedora, desafia e incomoda profundamente os ultraconservadores. A sua visão de uma Igreja mais pastoral e dogmática é percebida como uma ruptura com a tradição, levando a um sentimento de alienação entre aqueles que mantêm uma visão mais conservadora e intransigente da fé. Seus discursos diante de diversas tensões internas evidenciam as dificuldades de manter a unidade dentro da Igreja diante das diversas interpretações e expectativas sobre seu papel no mundo contemporâneo.

⁷⁰ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Sí. 2015,n. 64. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso: 10/01/2025.

⁷¹VEIGA, Edison. Papa Francisco: A guerra subterrânea entre conservadores e progressistas na Igreja Católica. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmjp2p75rkno> acesso em 10/02/2025

Surge então uma forte intimação à Igreja Católica na sua relação com a internet, para aprimorar-se na sua capacidade de se reinventar frente às demandas da modernidade, sem renunciar a seus princípios fundamentais.

Além do mais, cresce o número de influenciadores “religiosos” no ambiente digital, um novo areópago, onde não mais se deparam com os filtros da Igreja, e falam o que pensam e defendem seus próprios pontos de vista, mesmo que isso signifique ocasionar tensões internas dentro da instituição.

Como destaca Martín-Barbero, a cultura midiática fragmentada desafia os modelos tradicionais de autoridade e doutrina, obrigando a Igreja a negociar constantemente o sentido de sua mensagem. Nesse novo contexto, o espaço comunicacional é partilhado por múltiplas vozes que disputam a interpretação da fé e dos valores eclesiás.

Diante do discurso de Francisco e da ascensão dos influenciadores também na Igreja Católica, alguns clérigos e outros pertencentes ao laicato entram numa crise preocupante, onde progressistas, liberais, tradicionais e negacionistas trocam suas “farpas”, causando uma divisão interna na Igreja.

O ambiente digital, caracterizado pela pluralidade de vozes e pela instantaneidade das interações, exige da instituição um esforço contínuo de adaptação para preservar sua mensagem em meio a ruídos e polarizações. Nesse contexto, a autoridade simbólica da Igreja já não se impõe automaticamente, como nos modelos comunicacionais unidireccionais do passado, mas precisa dialogar com os sentidos produzidos nas práticas culturais dos sujeitos contemporâneos.

Como adverte Jesús Martín-Barbero, é necessário deslocar o foco da análise da comunicação religiosa “dos meios às mediações”, compreendendo que o poder simbólico da Igreja se realiza não apenas pela emissão de sua mensagem, mas pela forma como ela é apropriada, negociada e ressignificada pelos diferentes grupos sociais. Para o autor, “as mediações são o lugar onde se articulam as práticas sociais com os processos de produção de sentido” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 189).

No caso da comunicação da Igreja Católica, isso significa reconhecer que os fiéis, especialmente no ambiente digital, não são apenas receptores passivos, mas sujeitos ativos que interpretam, contestam e até reconfiguram o discurso eclesial com base em suas experiências culturais e suas inserções nas redes sociais. A fragmentação e a diversidade das práticas comunicativas contemporâneas impõem, assim, um novo desafio à instituição: “reconhecer a cultura como o lugar dos conflitos

de sentido, onde o religioso se joga sua eficácia simbólica” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 182).

Essa perspectiva crítica propõe uma escuta mais atenta às formas como os discursos religiosos circulam e são vivenciados, deslocando o eixo da autoridade do emissor para as práticas cotidianas dos sujeitos que produzem sentido, especialmente em um espaço comunicacional tão fluido e descentralizado como o digital.

Surge então, uma forte intimação à Igreja Católica na sua relação com a internet, para aprimorar-se na sua capacidade de se reinventar frente às demandas da modernidade, sem renunciar a seus princípios fundamentais.

Além do mais, crescem o número de influenciadores “religiosos” no ambiente digital, um novo areópago, onde não mais se deparam com os filtros da Igreja, e falam o que pensam e defendem seus próprios pontos de vista, mesmo que isso signifique ocasionar tensões internas dentro da instituição.

Diante do discurso de Francisco e a ascensão dos influenciadores também na Igreja Católica, alguns clérigos e outros pertencentes ao laicato, entram numa crise preocupante, onde progressistas, liberais, tradicionais e negacionistas trocam suas “farpas” causando uma divisão interna na Igreja.

O ambiente digital, caracterizado pela pluralidade de vozes e pela instantaneidade das interações, exige da instituição um esforço contínuo de adaptação para preservar sua mensagem em meio a ruídos e polarizações, uma vez que também está exposta a questionamentos e “haters”, dos quais nem mesmo Francisco está imune.

Nesse contexto, a postura de Francisco representa um deslocamento estratégico do enfrentamento ideológico para a construção de processos participativos, nos quais o anúncio da fé se articula com escuta e discernimento comunitário. A superação das polarizações requer mais que apelos morais: exige a criação de estruturas e práticas que reconheçam a corresponsabilidade de todo o Povo de Deus na vida e missão da Igreja.

Essa mudança encontra sua expressão mais consistente no paradigma da sinodalidade, que se apresenta como eixo estruturante da eclesiologia contemporânea. Ao propor uma Igreja que “caminha junto” — bispos, presbíteros, consagrados e leigos — Francisco sugere não apenas uma mudança de método pastoral, mas uma transformação do ethos eclesial. A sinodalidade, enquanto prática

de escuta mútua, discernimento comunitário e partilha de responsabilidades, oferece um caminho para enfrentar a fragmentação comunicacional, recompor a unidade interna e reafirmar a credibilidade da Igreja no espaço público.

CAPÍTULO 2: SINODALIDADE E SEU IMPACTO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA MAIS DIALOGAL, INCLUSIVA E COMPROMETIDA COM SUA MISSÃO PASTORAL NO MUNDO ATUAL.

A emergência da sinodalidade como eixo estruturante da eclesiologia contemporânea representa um dos movimentos mais significativos do magistério do Papa Francisco. Este capítulo propõe uma reflexão aprofundada sobre os impactos da sinodalidade na configuração da Igreja no século XXI, especialmente diante dos desafios da cultura digital, das tensões internas e da urgente necessidade de inclusão e corresponsabilidade. Ao longo da análise, são exploradas as interfaces entre comunicação, pastoral e discernimento eclesial, demonstrando como o ethos sinodal pode renovar as práticas missionárias da Igreja em sua relação com o mundo.

A sinodalidade como núcleo articulador da teologia da Igreja no contexto presente aqui interpretada à luz de Dominique Maingueneau, como uma reconfiguração profunda do ethos discursivo da Igreja. Para Maingueneau, o ethos não se limita à imagem que o locutor constrói de si no discurso, mas constitui uma instância fundamental de legitimação da enunciação, vinculada ao modo como o sujeito discursivo se inscreve numa cena de enunciação específica. Como ele afirma, “o ethos é inseparável da cena de enunciação, constituindo a maneira como um dizer se autoriza a ser dito” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70).

A prática sinodal, enquanto ação comunicativa e discernimento comunitário, instaura uma nova cena enunciativa na vida eclesiástica. Nesse contexto, o ethos deixa de ser marcado predominantemente por uma autoridade vertical, centrada na univocidade da doutrina, e passa a incorporar elementos de escuta, diálogo e corresponsabilidade. Essa transição discursiva reflete uma mudança profunda na forma como a Igreja se apresenta ao mundo e a seus próprios membros: não apenas como instituição que fala, mas como comunidade que escuta, discerne e caminha junto. O *ethos* expressa uma nova forma de habitar o espaço público, condizente com os desafios da cultura digital, as tensões internas e os apelos por inclusão.

Nesse sentido, a proposta sinodal representa um novo caminho que além do ethos tradicional da Igreja abre espaço para um *ethos* coenunciativo e comunitário, em que a autoridade se constrói não por imposição, mas por partilha de sentido e responsabilidade. Isso confirma a perspectiva de Maingueneau de que o ethos não

é uma simples estratégia retórica, mas uma dimensão constitutiva da legitimidade do discurso, especialmente em contextos institucionais complexos como o da Igreja contemporânea (MAINGUENEAU, 2008, p. 72)

2.1 A Igreja em chave sinodal: fundamentos e horizonte teológico

No contexto eclesial contemporâneo, marcado por tensões doutrinárias e disputas por autoridade, o ambiente digital emerge como campo de potência e desafio para a unidade da Igreja. O uso das redes sociais por clérigos influenciadores, como vimos anteriormente, tem gerado movimentos de grande adesão popular, mas também de divisão interna. Se por um lado essas plataformas possibilitam o diálogo direto com fiéis, por outro, também se tornam espaços de protagonismo e polarização, com risco de cisma simbólico, entendido aqui como a emergência de discursos e práticas que, embora não formalizem uma ruptura institucional, operam uma dissociação simbólica em relação ao magistério eclesial, alimentando representações divergentes de autoridade e verdade. Nesse sentido, a teoria de Pierre Bourdieu oferece uma chave interpretativa decisiva: ao conceber o campo religioso como espaço de expressão por legitimidade simbólica, Bourdieu demonstra como diferentes agentes, munidos de capitais específicos (carisma, visibilidade, linguagem de autenticidade), podem instaurar tensões internas que desestabilizam a hegemonia da instância oficial do sagrado (BOURDIEU, 2003; 2011). Assim, o cisma simbólico se configura não como ruptura visível, mas como reconfiguração velada da autoridade eclesial, especialmente em ambientes digitais marcados pela lógica da performance, da segmentação e da influência individualizada.

A atuação religiosa nas redes sociais representa um fenômeno complexo e multifacetado. Conforme aponta Recuero (2009), “as redes sociais na internet são formadas a partir de interações mediadas por tecnologias, que produzem laços sociais diversos e dinâmicos” (Recuero, 2009, p. 23)⁷². Nesse contexto, a atuação dos padres influenciadores deve ser compreendida não apenas como um fenômeno comunicacional, mas também como expressão de uma nova configuração do campo religioso no ambiente digital, favorecendo que as redes sociais, possam ir além de

⁷² RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.23.

um instrumento de evangelização, e a tornando assim “um fator de desenvolvimento humano.” (Bento XVI, 2013)⁷³

Recuero afirma que as redes sociais online se baseiam na “manutenção de vínculos sociais através da troca de informação e da construção de reputações” (Recuero, 2009, p. 52)⁷⁴, o que mostra como o capital social está no centro da construção da presença digital. Assim, a visibilidade conquistada por figuras religiosas está diretamente relacionada à sua capacidade de formar e manter uma comunidade online engajada. É o que ocorre com influenciadores como Frei Gilson, Padre Paulo Ricardo, Padre Júlio Lancellotti, Frei Betto e Dom Vicente, que reúnem milhares de seguidores ao unir fé, espiritualidade e estética comunicacional em uma performance pastoral contínua, a fim de tornar a “comunicação não só uma troca de dados, mas cada vez mais uma partilha” (Bento XVI, 2011)⁷⁵

Essa performance é moldada pelas lógicas algorítmicas da plataforma. Como destaca Recuero, “os sites de redes sociais são sistemas estruturados, compostos por perfis públicos e listas de conexões, onde a informação circula de forma rápida e seletiva” (Recuero, 2009, p. 85)⁷⁶. O conteúdo publicado por padres influenciadores torna-se, assim, parte de uma dinâmica de circulação e retroalimentação simbólica que confere autoridade e carisma ao comunicador, ainda que isso represente riscos de personalização excessiva da mensagem cristã.

O risco, nesse processo, é a diluição da mensagem evangélica em estratégias de marketing pessoal, nas quais o conteúdo da fé é adaptado a formatos de consumo rápido, afetivo e performático. Como adverte o Diretório de Comunicação da CNBB, “os comunicadores católicos devem estar comprometidos com o princípio da unidade da Igreja, em contraposição a uma postura individualista e ideológica, que promove a divisão e a polarização” (CNBB, 2014, n. 159)⁷⁷. Essa preocupação é corroborada por Recuero ao afirmar que “o controle da informação nas redes está sujeito a uma lógica de relevância algorítmica, que privilegia popularidade e não necessariamente profundidade” (Recuero, 2009, p. 94)⁷⁸.

⁷³ VATICANO. Bento XVI. Mensagem para o 47º dia Mundial das Comunicações.2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html Acesso em: 13/03/2025

⁷⁴ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.52.

⁷⁵ VATICANO. Bento XVI. Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais.2011. Disponível em: Acesso em:

⁷⁶ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.85.

⁷⁷ CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2014

⁷⁸ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.94.

Contudo, quando adequadamente utilizados, os recursos da cultura digital podem favorecer a escuta pastoral, a inclusão de novos sujeitos e a promoção da sinodalidade. No Instagram por exemplo, através de lives, caixinhas de perguntas, transmissões de oração e posts interativos vão se configurando espaços de escuta e comunhão, especialmente quando mediados por critérios éticos e fidelidade ao magistério. Segundo Recuero, “a visibilidade é a chave para a participação e manutenção de laços sociais online” (Recuero, 2009, p. 112)⁷⁹, de modo que o uso consciente da visibilidade pode reforçar o compromisso eclesial com a missão evangelizadora.

Outro ponto importante a ser destacado é a performatividade da identidade religiosa nas redes. A construção de um “eu pastoral” online exige coerência entre linguagem, comportamento e testemunho, uma vez que “a capacidade de utilizar as novas linguagens requer-se não tanto para estar em sintonia com os tempos, como sobretudo para permitir que a riqueza infinita do Evangelho encontre formas de expressão que sejam capazes de alcançar a mente e o coração de todos.” (Bento XVI, 2013)⁸⁰. Recuero lembra que “os perfis são, em grande parte, apresentações de si, controladas pelos usuários com vistas à construção de reputação e pertencimento” (Recuero, 2009, p. 65)⁸¹. Isso exige dos padres influenciadores um cuidado constante com a autenticidade e a responsabilidade de sua presença pública.

Dessa forma, torna-se urgente refletir sobre a formação pastoral e comunicacional dos clérigos influenciadores, a fim de que possam exercer sua missão com responsabilidade e coerência, já que “as lideranças católicas operam um certo nível de influência no campo da política e no comportamento social” (Medeiros et al., 2024, p. 40)⁸². A presença digital deve ser entendida como extensão do ministério, e não como substituição da vida comunitária e sacramental. A fidelidade ao Evangelho, a comunhão eclesial e o discernimento permanente devem ser os critérios orientadores dessa nova forma de evangelização.

⁷⁹ Ibid..

⁸⁰ VATICANO. Bento XVI. Mensagem para o 47º dia Mundial das Comunicações.2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html Acesso em: 13/03/2025.

⁸¹ RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.65.

⁸² MEDEIROS, Fernanda; SILVA, Aline Amaro da; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELLOTTO, Moisés; GOMES, Vinicius Borges. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024, p. 40.

"a performance e o alcance crescente dessas figuras também apontam para valores socialmente compartilhados, os quais merecem ser observados com mais atenção. Entram em jogo, desse modo: o conteúdo comunicado por essas pessoas em torno de um determinado elemento religioso; a mistura promovida tanto com pautas humorísticas e políticas, por vezes preconceituosas, quanto com outras pautas que beiram um "psicologismo" superficial, que simplifica a complexidade da existência humana; e ainda as motivações que levam as pessoas em geral a seguirem influenciadores digitais da fé." (MEDEIROS et al., 2024, p. 42)⁸³

É nesse cenário que a CNBB tem manifestado preocupação pastoral e iniciativa concreta. A compreensão de que o ambiente digital, especialmente nas redes sociais, pode tanto favorecer a comunhão quanto intensificar divisões levou a instituição a propor diretrizes claras para a ação evangelizadora no meio virtual.

Como destaca o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, num contexto em que se desenvolve e cresce a cada dia uma 'cultura dos influenciadores' que trazem características que desafiam a ética cristã, como o narcisismo e a economia da atenção, os comunicadores precisam promover a unidade (CNBB, 2014, n. 159).

Essa orientação sustenta ações como o Encontro com os Padres que evangelizam no ambiente digital, realizado em outubro pela Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação, que visa articular comunhão, escuta e corresponsabilidade entre os presbíteros presentes nas redes.



⁸³ Ibid., p.42.

(Figura 9. "Encontro com os padres que evangelizam no Ambiente Digital" promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB. Fonte: CNBB, 2024)⁸⁴

Na ocasião Dom Amilton Manoel da Silva⁸⁵ expressou o espírito do evento como "um momento histórico, de aproximação maior, momento de conhecimento e partilha"⁸⁶, um verdadeiro "exercício de sinodalidade às portas do Jubileu da Esperança"⁸⁷, comentou padre Joãozinho⁸⁸, scj.

Muitos desses clérigos, estão nas mais diversas plataformas, mas percebemos que o Instagram, é uma das plataformas mais utilizadas, e que merece destaque dentre as demais plataformas, por sua ênfase na comunicação visual e no engajamento rápido, sendo hoje um espaço estratégico para a promoção da sinodalidade.

Com suas funcionalidades (*posts, stories, reels*), a plataforma favorece a escuta ativa, a circularidade comunicacional e a mobilização de comunidades em torno da experiência de fé. Como afirma Recuero, "as redes sociais na Internet são caracterizadas pelas interações e laços sociais que surgem e se mantêm por meio de fluxos comunicacionais" (Recuero, 2009, p. 30). A visibilidade digital transforma o influenciador religioso em um "nó central" de uma rede de pertencimento, onde se constroem sentidos, autoridade e, também, oposições.

2.2 As redes sociais e a fragmentação da unidade eclesial

A ascensão das redes sociais digitais tem provocado profundas transformações no interior da Igreja Católica, especialmente no que tange às dinâmicas de autoridade, pertença e mediação da fé. Essas plataformas reconfiguraram as formas de escuta, debate e ensino doutrinário, muitas vezes deslocando o centro da autoridade magisterial para personalidades carismáticas e canais digitais que operam com critérios de popularidade e engajamento algorítmico,

⁸⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *CNBB promove encontro com os padres que evangelizam no ambiente digital*. Brasília: CNBB, 29 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-promove-encontro-com-os-padres-que-evangelizam-no-ambiente-digital/>. Acesso em: 13/03/2025.

⁸⁵ Bispo da Diocese de Guarapuava, no Paraná e atual referencial para as comunicações na CNBB.

⁸⁶ BONFIM, Willian. CNBB promove encontro com os padres que evangelizam no ambiente digital em sua sede em Brasília (DF) Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-promove-encontro-com-os-padres-que-evangelizam-no-ambiente-digital>. Acesso em 13/02/2025.

⁸⁷ Ibid.,

⁸⁸ Sacerdote do Sagrado Coração de Jesus. Doutor em Teologia pela PUC-SP, Doutor em Educação pela USP e Doutor em Espiritualidade pela Gregoriana (Roma), também é músico, escritor e apresentador de TV;

mais do que fidelidade ao *sensus ecclesiae*. Como observa Pierre Lévy, “a inteligência coletiva da rede não é necessariamente harmoniosa” (Lévy, 1998, p.28)⁸⁹, e no contexto eclesiástico, isso se traduz em uma pluralidade de vozes que nem sempre caminham em sinodalidade.

A lógica das redes — marcada por velocidade, polarização e espetáculo — favorece a emergência de discursos religiosos simplificados e dicotômicos, frequentemente apresentados como oposição ao magistério pontifício, pois como se tem percebido, “para muitos fiéis, a palavra de um influenciador ou influenciadora da fé tem mais peso do que a dos bispos de sua diocese e até do que a do Papa” (Medeiros et al., 2024, p. 42)⁹⁰

O teólogo italiano Massimo Borghesi, em entrevista, aponta que a oposição a Francisco ganhou fôlego especialmente em ambientes digitais de matriz norte-americana, onde “grupos ultraconservadores desenvolveram verdadeiras campanhas



⁸⁹ LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Loyola, 1998, p. 28.

⁹⁰ MEDEIROS, Fernanda; SILVA, Aline Amaro da; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELLotto, Moisés; GOMES, Vinicius Borges. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024, p. 42.

(Figura 10. O ex-arcebispo Carlo Maria Viganò, o cardeal aposentado Raymond Leo Burke e o ex-bispo Joseph E. Strickland estavam entre os opositores mais veementes de Francisco dentro da Igreja. Fonte: BBC NEWS BRASIL, 2025)⁹¹

de deslegitimação contra o Papa, ancoradas em uma crítica ideológica à Doutrina Social da Igreja” (Zampieri, Paola, 2018)⁹². Essas narrativas, ao se difundirem em escala global, promovem um novo tipo de dissenso intraeclesial: não mais local e institucional, mas midiático e descentralizado.

Nessa perspectiva, podemos introduzir o conceito de “cismas não sacramentais” para descrever situações em que a ruptura com o Papa e com a Igreja acontece não por declaração formal, mas por uma prática reiterada de desobediência, hostilidade e desinformação. Trata-se de uma fragmentação “virtual” da comunhão eclesial, cuja gravidade pastoral se acentua quando fiéis e ministros aderem a interpretações conflitantes da fé e da moral cristã. Como o próprio Papa Francisco alertou, “não tenho medo de cismas, mas rezo para que não aconteçam” (Papa Francisco, 2019)⁹³, reconhecendo que há hoje uma polarização interna que se alimenta de visões ideológicas e leitura seletiva do Evangelho.

Esse fenômeno de ruptura não institucionalizada aproxima-se do que Yves Congar definiu como *cismas subterrâneos* — processos de distanciamento que não se formalizam como cisão canônica, mas que corroem silenciosamente a comunhão eclesial. “O cisma não é apenas um evento pontual, mas um lento processo de estranhamento recíproco”, escreveu o teólogo dominicano, ao refletir sobre as formas contemporâneas de desagregação eclesial (SOUZA; DIAS, 2021, p. 5)⁹⁴.

As redes sociais, nesse sentido, tornam-se não apenas plataformas de comunicação, mas arenas de conflito teológico e pastoral, em que a lógica do confronto tende a prevalecer sobre a da escuta mútua, “podendo gerar clima de extremização e discórdia entre os membros da Igreja, promovendo ações de ‘exco-

⁹¹ BBC NEWS. Porque maior oposição a Papa Francisco dentro da Igreja Católica vinha dos EUA. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2ew4nnpwzvo>. Acesso em 25/04/2025.

⁹² ZAMPIERI, Paola. O “pensamento” do Papa Francisco. Entrevista com Massimo Borghesi. Tradução: Luisa Rabolini. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/579298-o-pensamento-do-papa-francisco-entrevista-com-massimo-borghesi> acesso em 03/04/2025.

⁹³ PAPA FRANCISCO. Coletiva de imprensa no voo de retorno da viagem apostólica à África. 10 set. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-menos-filhos-por-causa-do-apego-excessivo-ao-bem-estar.html>. Acesso em: 23/04/2025.

⁹⁴ SOUZA, Ney de; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. O cisma na Igreja Católica Apostólica Romana e o nascimento da Igreja Ortodoxa: uma releitura histórica e as tentativas de reaproximação. *Caminhos de Diálogo*, v. 2, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/download/28630/25258/62278>. Acesso em: 24/04/2025

municação' recíproca, que caracterizam uma verdadeira anti-evangelização." (Medeiros et al., 2024, p. 42)⁹⁵.

Além disso, os mecanismos de autoafirmação digital reforçam uma tentação do protagonismo eclesial individualista, onde líderes religiosos midiáticos constroem autoridade fora dos processos de escuta e discernimento comunitário próprios da sinodalidade. O risco não está apenas na desobediência explícita, mas na substituição da comunhão por adesões ideológicas filtradas por bolhas de opinião, criando verdadeiras "Igrejas paralelas", com a construção de seus "valores como celebridades" (Medeiros et al., 2024, p. 35)⁹⁶ conectadas mais por afinidades políticas e estéticas do que pela fé comum.

Assim, a fragmentação comunicacional representa hoje um dos maiores desafios eclesiológicos do catolicismo global. Não se trata de combater a presença digital em si, mas de discernir, como Igreja, os critérios que assegurem a comunhão na pluralidade, a fidelidade ao Evangelho na cultura da imagem, e o papel do Espírito Santo nas novas mediações da fé, buscando o que pede o magistério de Francisco, a sinodalidade.

2.3 O conceito de sinodalidade e sua atualização no magistério de Francisco

A sinodalidade, como recorda o Papa Francisco, é "o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio"⁹⁷. Essa afirmação, sintetiza a dimensão espiritual, pastoral e institucional dessa proposta. A sinodalidade não se reduz a uma metodologia administrativa, mas aponta para uma eclesiologia de comunhão, enraizada na Trindade e expressa na escuta mútua entre todos os membros do povo de Deus, inclusive na utilização das redes sociais.

Para a conceituação de sinodalidade, podemos recorrer inicialmente ao documento da Comissão Teológica Internacional, intitulado *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (2018), no qual este princípio é compreendido como uma característica essencial da própria identidade eclesial. Segundo o texto, trata-se de um "*modus vivendi et operandi*" da Igreja, ou seja, um modo específico de viver e

⁹⁵ MEDEIROS, Fernanda; SILVA, Aline Amaro da; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELLotto, Moisés; GOMES, Vinicius Borges. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024, p. 42.

⁹⁶ Ibid., p. 35.

⁹⁷ VATICAN NEWS. A "Carta ao Povo de Deus": a sinodalidade é o caminho do terceiro milênio Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-10/sinodo-publicada-carta-povo-deus.html> Acesso em 12/02/2025.

agir enquanto Povo de Deus. Nesse horizonte teológico, a sinodalidade expressa-se concretamente quando “a Igreja manifesta e realiza em concreto o seu ser comunhão quando caminha em conjunto, quando se reúne em assembleia e quando todos os seus membros participam ativamente na sua missão evangelizadora” (CTI, 2018, n. 6).⁹⁸

A retomada da sinodalidade está em continuidade com o Concílio Vaticano II, especialmente com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que desloca o eixo eclesial de uma visão piramidal para uma compreensão do povo de Deus em caminho.

“Aprouve a Deus santificar e salvar os homens não individualmente e separados de todo o vínculo mútuo, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse em santidade. [...] Cristo institui este novo pacto, ou seja, a nova aliança no seu sangue, chamando de judeus e gentios um povo que não segundo a carne, mas no Espírito, adquirisse unidade. [...] Este povo messiânico, embora não compreenda de fato todos os homens e com frequência pareça pequeno rebanho, é, todavia, para todo o gênero humano o germe fortíssimo de unidade, de esperança e de salvação.” (*LUMEN GENTIUM*, 1964, n. 9)⁹⁹

Francisco atualiza e aprofunda esse impulso conciliar ao propor que toda a Igreja seja sinodal em sua estrutura e dinâmica.

Segundo Michael Czerny (2022), a sinodalidade no magistério de Francisco é inseparável da escuta do Espírito Santo, da descentralização das decisões e do compromisso missionário. É nesse horizonte que se inscreve a convocação para o sínodo sobre a sinodalidade, que propõe não apenas uma reforma institucional, mas uma conversão espiritual: escutar todos, especialmente os que vivem às margens da Igreja. Como ele mesmo afirma,

“procura-se destacar a natureza essencialmente ‘relacional’ (antes que ‘instrumental’) da sinodalidade, a qual deve ser compreendida não como uma tática com o intuito de conter os excessos do clericalismo, mas como retorno às origens autênticas da Igreja e de seu modo de proceder. [...] A

⁹⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. n. 6

⁹⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. Tradução oficial da CNBB. São Paulo: Paulus, 2006. n. 9.

sinodalidade expressa a identidade mesma do Deus da comunhão e da misericórdia que a Igreja proclama ao mundo" (CZERNY, 2022, p. 67-88)¹⁰⁰

A Igreja é, por essência, uma comunhão e não uma organização hierárquica rígida. A sinodalidade, portanto, emerge como expressão visível da ontologia da alteridade: cada membro é escutado e tem valor porque participa da mesma dignidade batismal. Como destaca Koller (2022),

"a sinodalidade não se trata, de fato, de mero estilo de gestão, mas de um modo de ser que corresponde à vocação humana de viver uma existência comunal. [...] A verdade mesma se constitui como realidade de comunhão. [...] Isso requer aquela disposição quenótica de que fala Zizioulas, capaz de realizar a Igreja como existência na comunhão" (Koller, 2022, p.275-294)¹⁰¹

Essa teologia da comunhão é fortalecida pelo conceito de *sensus fidei*, ou senso da fé do povo de Deus, que o Papa Francisco retoma como base para o discernimento eclesial coletivo, apontando que não se trata de mera opinião pública, mas manifestação da presença do Espírito na comunidade dos fiéis.

A vitalidade da proposta sinodal no pontificado de Francisco encontra sustentação tanto em fundamentos teológicos robustos quanto em experiências pastorais concretas que reconfiguram o modo de ser Igreja no século XXI. Entre os pilares mais relevantes desse processo, destacam-se a ontologia da alteridade, junto ao *sensus fidei*, as práticas de comunhão e participação efetiva nas Igrejas locais.

A teologia da alteridade, propõe que a identidade cristã se constitui na relação com o outro. A Igreja, enquanto ícone da comunhão trinitária, é chamada a integrar as diferenças em unidade, reconhecendo e acolhendo a singularidade de cada fiel, é uma comunhão de pessoas distintas, onde cada um é reconhecido na sua singularidade e dignidade.

É um movimento de saída ao encontro do Outro divino e também do outro humano. É estar atento ao outro. Mas não se trata de atender as "necessidades" de um "consumidor da fé", para a sua "satisfação completa", como pode iria defender o marketing. Depois do encontro de Jesus com o jovem rico, este "ficou abatido e foi embora cheio de tristeza" (Mateus 19,16-

¹⁰⁰ CZERNY, Michael. *Uma Igreja que “caminha junto”: sinodalidade na era do Papa Francisco*. Perspectiva Teológica, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022. DOI: 10.20911/21768757v54n1p67/2022.

¹⁰¹ KOLLER, Felipe Sérgio. *A ontologia da alteridade como fundamento de uma Igreja Sinodal: contribuições de Ioannis Zizioulas no quadro do magistério do Papa Francisco*. Encontros Teológicos, v. 37, n. 2, p. 275-294, maio/ago. 2022.

30; Marcos 10,17- 31; Lucas 18,18-30). Jesus subverteu as necessidades pessoais daquele jovem. Mostrou a ele que a "sua" necessidade não devia estar em si mesmo, como busca de uma salvação pessoal, mas devia ser descentralizada, devia estar nos pobres e no seguimento de Jesus. As "suas" necessidades deviam se voltar para as necessidades alheias. Muitas vezes, evangelizar é frustrar as necessidades do outro, por serem autorreferenciais. A própria conversão, como evangelização pessoal, não é satisfazer as necessidades próprias, mas é colocar-se em atitude constante de 'saída'" (EG, n. 27), mediante "a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo" (EG, n. 21). (Sbardelotto,2020, p.53)¹⁰²

Essa dimensão relacional é diretamente reforçada pelo *sensus fidei*, entendido como a capacidade espiritual do povo de Deus de intuir e discernir a verdade da fé. Essa sensibilidade é um dom do Espírito presente em todos os batizados e deve ser considerada nos processos de discernimento magisterial.

O Papa Francisco tem reiterado que os fiéis não são apenas receptores passivos da Palavra, mas agentes ativos na evangelização e na vida da Igreja: "o *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*" (FRANCISCO, 2015)¹⁰³.

Na prática pastoral, essas intuições se traduzem em processos de escuta popular, assembleias comunitárias, sínodos diocesanos e experiências de discernimento coletivo. A Igreja latino-americana tem sido particularmente sensível a esse chamado, como evidenciam os documentos de Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2007). Tais experiências reconhecem nos pobres, nos jovens, nas mulheres e nos povos originários interlocutores legítimos, cujas vozes devem ser acolhidas nos caminhos eclesiais.

No campo da comunicação, essas práticas adquirem novos contornos. As redes digitais, como o Instagram, tornam possível a formação de comunidades de fé e escuta que ultrapassam os limites físicos das paróquias. Orientadas por uma espiritualidade sinodal, essas experiências pastorais no ambiente digital tornam-se

¹⁰² SBARDELOTTO, Moisés. Comunicar a Fé. Por que? Para que? Com Quem? Ed. Vozes. 2020, p. 53)

¹⁰³ FRANCISCO, Papa. Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos - discurso do Papa Francisco. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html acesso 10/04/2025.

verdadeiros laboratórios de comunhão eclesial, conectando carismas diversos em torno do anúncio do Evangelho.

A partilha, o *ethos* e a teologia da alteridade são conceitos profundamente interconectados no contexto eclesial contemporâneo. A partilha, entendida como o princípio de unidade e solidariedade entre os membros da Igreja, exige uma comunhão não apenas dos bens materiais, mas, sobretudo, das experiências, das vivências de fé e das responsabilidades. A comunhão se configura como uma prática que transcende a simples divisão de recursos, tornando-se uma ação simbólica que fundamenta a sinodalidade como vivência concreta da solidariedade e da inclusão.

Nesse contexto, o *ethos*, o caráter coletivo e ético que se manifesta nas práticas de uma comunidade, ganha uma relevância especial. Propõe uma Igreja que, por meio da escuta e do diálogo, fundamenta sua unidade na relação, na alteridade e no reconhecimento mútuo. Essa abordagem se alinha à teologia da alteridade, que se foca na experiência de acolhimento e respeito ao outro, na aceitação da diferença como constitutiva da identidade comunitária.

Dominique Mangueneau (2008, p. 28), ao falar da construção de um modelo discursivo, explica como, na comunicação, o *ethos* se constrói por meio da interação simbólica e dos significados atribuídos aos discursos dentro de um dado contexto. Em um contexto eclesial, isso se traduz na prática comunicativa da Igreja, que deve ser orientada pela escuta, pelo acolhimento das diversidades e pela construção contínua da unidade.

A comunhão e a partilha, nesse sentido, constituem-se como elementos essenciais da prática constante de reconhecer a alteridade e de aceitar a pluralidade como um valor central para a vivência cristã. Também a Teologia da Alteridade ressoa com a proposta de um *ethos* relacional, ou seja, o outro não é um obstáculo ou uma ameaça à identidade, mas um elemento constitutivo da própria identidade. Nesse processo de reconhecimento e acolhimento, a alteridade não apenas desafia a Igreja a se abrir ao outro, mas também a levar em consideração o outro como sujeito de dignidade e de expressão de fé. A comunhão, então, se torna uma prática de reconhecimento do diferente de si.

Em síntese, as contribuições teológicas e pastorais que sustentam a sinodalidade delineiam um modelo de Igreja mais fiel ao Evangelho, mais próxima das realidades humanas e mais comprometida com sua missão transformadora no mundo. Como afirma o Cardeal Dom Orani Tempesta (2022),

“Ser Igreja sinodal é o esforço coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos”, como irmãos e irmãs. É um jeito de ser Igreja no qual cada pessoa é importante, tem voz, é ouvida, capacitada e envolvida na realização da missão. Já não se trata de estar uns acima dos outros, mas de nos colocarmos unidos para juntos, fazermos a experiência de fé diante dos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia.”

(Tempesta, 2023)¹⁰⁴

Nessa perspectiva, a sinodalidade assume três dimensões fundamentais: a comunhão (*koinonia*), a participação (*participatio*) e a missão (*missio*). Como afirma o Documento Preparatório para o Sínodo de 2023, “a sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os seus membros são chamados a participar.”¹⁰⁵

2.4 Impactos da sinodalidade na construção de uma Igreja mais inclusiva

O processo sinodal promovido por Francisco não visa apenas reconfigurar estruturas eclesiás, mas introduzir um novo modo de ser Igreja: que escuta mais, é mais compassiva e inclusiva. Um dos eixos mais sensíveis dessa transformação diz respeito à acolhida de grupos historicamente marginalizados, como os divorciados recasados, pessoas LGBTQIA+, mulheres em posição de liderança, pobres e povos originários.

A exortação apostólica *Amoris Laetitia* representa um marco dessa virada pastoral. Em lugar de uma moral normativa e excludente, Francisco propõe uma ética do cuidado e da misericórdia, enraizada na escuta das realidades concretas das famílias. Ele afirma:

“Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem. Obviamente, se alguém ostenta um pecado objetivo como se fizesse parte do ideal cristão ou quer impor algo diferente do que a Igreja ensina, não pode pretender dar catequese ou pregar e, neste sentido, há algo que o separa da comunidade (cf. Mt 18, 17). Precisa de voltar a ouvir o anúncio do Evangelho e o convite à conversão. Mas, mesmo para esta pessoa, pode haver alguma maneira

¹⁰⁴ TEMPESTA, Orani. In: Revista Vida Pastoral. Por uma Igreja Sinodal: Reflexão pastoral. janeiro-fevereiro de 2023 - ano 64 – n. 349 - p.: 16-23.

Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/por-uma-igreja-sinodal-reflexao-pastoral>. Acesso 20/03/2025.

¹⁰⁵ VATICAN NEWS. Documento preparatório Sínodo 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html> Acesso em 13/02/2025.

de participar na vida da comunidade, quer em tarefas sociais, quer em reuniões de oração, quer na forma que lhe possa sugerir a sua própria iniciativa discernida juntamente com o pastor. Quanto ao modo de tratar as várias situações chamadas ‘irregulares’, os Padres sinodais chegaram a um consenso geral que eu sustento: ‘Na abordagem pastoral das pessoas que contraíram matrimónio civil, que são divorciadas novamente casadas, ou que simplesmente convivem, compete à Igreja revelar-lhes a pedagogia divina da graça nas suas vidas e ajudá-las a alcançar a plenitude do desígnio que Deus tem para elas’ sempre possível com a força do Espírito Santo. (Francisco. *Amoris Laetitia*, n. 297).¹⁰⁶

Essa compreensão pastoral da misericórdia como critério de inclusão foi reforçada por propostas sobre a possibilidade de reconciliação sacramental para casais em nova união, desde que haja arrependimento sincero, impossibilidade de reconciliação anterior, compromisso com o cuidado familiar e discernimento acompanhado pelos ministros da Igreja. Segundo a análise teológica do processo sinodal, “o debate foi mais intenso porque se deu no contexto de uma reavivada polarização teológica [...] entre os partidários da verdade doutrinária absoluta e os que defendiam a recuperação da misericórdia evangélica como critério pastoral.” (BRIGHENTI, 2022)¹⁰⁷

A Igreja sinodal, ao incluir esses sujeitos nas decisões e caminhos eclesiais, rompe com uma eclesiologia elitista e autorreferencial. Nesse sentido, a sinodalidade torna-se instrumento de superação do clericalismo e da rigidez normativa, valorizando o protagonismo dos leigos e a dignidade dos batizados. O Documento Final do Sínodo da Amazônia (2019) reforça essa direção ao afirmar que,

“Para caminhar juntos, a Igreja precisa hoje de uma conversão à experiência sinodal. É necessário fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão para encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais. Assim, se fomentará a corresponsabilidade na vida da Igreja num espírito de serviço. Urge caminhar, propor e assumir as responsabilidades para superar o clericalismo e as imposições arbitrárias. A sinodalidade é

¹⁰⁶ FRANCISCO, Papa. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL ‘AMORIS LAETITIA’. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html acesso em 20/03/2025.

¹⁰⁷ BRIGHENTI, Agenor. *Sinodalidade como refrão: um novo modo de ser Igreja para uma nova sociedade*. Perspectiva Teológica, v. 54, n. 1, p. 133-154, jan./abr. 2022.

uma dimensão constitutiva da Igreja. Não se pode ser Igreja sem reconhecer um efetivo exercício do Sensus fidei de todo o Povo de Deus.”¹⁰⁸

Esse impulso é reforçado pelo reconhecimento da diversidade cultural e pela valorização das periferias. A Igreja em saída, sonhada por Francisco, caminha com os últimos e aprende com suas histórias. O próprio conceito de “inclusão” ganha densidade teológica ao ser entendido como fidelidade ao estilo de Jesus, que comia com pecadores, tocava os impuros e escutava os excluídos.

A inclusão, na ótica sinodal, não é concessão, mas critério de autenticidade evangélica. Como recorda o Documento Preparatório do Sínodo 2023, “a escuta das vozes daqueles que são frequentemente excluídos [...] é uma condição essencial para o discernimento eclesial”¹⁰⁹. Isso implica em revisão das linguagens, dos critérios morais e das estruturas de participação. Como destaca Agenor Brighenti, “é precisamente nos sulcos cavados pelos sofrimentos de todos os tipos [...] que florescem novas linguagens da fé e renovados percursos” (Brighenti, 2022, p. 133-154)¹¹⁰, sendo a sinodalidade a via para que todos, especialmente os marginalizados, encontrem espaço na Igreja

A fidelidade ao Evangelho, na perspectiva sinodal, exige um discernimento constante não apenas do conteúdo doutrinário a ser anunciado, mas também das formas comunicacionais e das mediações culturais que qualificam a missão evangelizadora da Igreja contemporânea. Nesse horizonte, o ambiente digital, frequentemente caracterizado pela fragmentação e superficialidade, pode tornar-se um verdadeiro areópago missionário, desde que os sujeitos eclesiás que nele atuam estejam enraizados na escuta do Espírito e comprometidos com a comunhão eclesial.

A cultura do encontro, reiteradamente evocada por Francisco, demanda que os ministros da Palavra, sobretudo aqueles com influência nas redes sociais, assumam uma postura pastoral que une coerência testemunhal e sensibilidade evangélica, contribuindo assim para uma Igreja mais próxima, misericordiosa e inclusiva, em consonância com a lógica do Reino e com a estrutura participativa

¹⁰⁸ Segreteria Generale del Sinodo. Documento Final do Sínodo para a Amazônia. Disponível em : <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.pdf> Acesso em: 15/03/2025.

¹⁰⁹ SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Preparatório para a XVI Assembleia Geral Ordinária: Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. Roma, 2021

¹¹⁰ BRIGHENTI, Agenor. *Sinodalidade como refrão: um novo modo de ser Igreja para uma nova sociedade*. Perspectiva Teológica, v. 54, n. 1, p. 133-154, jan./abr. 2022.

proposta pela sinodalidade. Trata-se, portanto, de integrar a comunicação digital ao “*ethos sinodal*”¹¹¹, não como apêndice funcional, mas como expressão do “caminhar juntos” no anúncio e no testemunho da fé.

2.5 A sinodalidade e a superação do clericalismo

Um dos maiores obstáculos à construção de uma Igreja verdadeiramente sinodal é o clericalismo. O Papa Francisco denuncia com frequência essa distorção da autoridade, que transforma o ministério ordenado em privilégio e domínio, afastando os fiéis do protagonismo e da corresponsabilidade eclesial. Segundo ele, “o clericalismo, longe de dar impulso às diferentes contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual toda a Igreja é chamada a dar testemunho” (Francisco, 2018)¹¹².

Em muitos casos, é necessário um profundo discernimento para que a presença e a influência de presbíteros, religiosas e religiosos, leigas e leigos em rede não manifeste aquilo que o Papa Francisco denuncia como mundanismo espiritual. Isto é, aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja que não buscam a glória do Senhor, mas promovem apenas a glória humana, os próprios interesses, o bem-estar pessoal, um cuidado excessivo com a aparência ou um exibicionismo com a liturgia, a doutrina e o prestígio da Igreja, um elitismo narcisista e autoritário do ponto de vista moral ou doutrinal. Em tais casos, “já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica”. Pelo contrário, a presença cristã nos ambientes digitais deve trazer estampado “o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado”, de modo que “o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história”. CNBB, 2014, n.254)¹¹³

A sinodalidade, nesse contexto, representa uma correção de rota. Ao reconhecer o *sensus fidei* como expressão da presença do Espírito em todo o povo de Deus, abre-se espaço para o discernimento comunitário, onde bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, leigos e leigas são chamados a escutar e a falar

¹¹¹ O conceito de *ethos sinodal* refere-se ao conjunto de atitudes, disposições espirituais e práticas eclesiás que orientam a vivência concreta da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja. Trata-se de um estilo e uma cultura eclesial que privilegiam a escuta mútua, o discernimento comunitário, a corresponsabilidade e o diálogo em todos os níveis da vida eclesial.

¹¹² FRANCISCO, Papa. Discurso do Santo Padre: Encontro com os Bispos do Chile. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html Acesso 01/05/2025.

¹¹³ CNBB- Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Brasília. Edições CNBB. 2014. n.254.

com *parresia*¹¹⁴. Isso não elimina os ministérios ordenados, mas redefine seu papel como serviço e escuta.

O processo sinodal em curso propõe, portanto, uma reconfiguração da autoridade, inspirada no modelo trinitário de comunhão. Trata-se de substituir a lógica da imposição pela lógica do cuidado; do monopólio da palavra pela partilha do discernimento; da rigidez hierárquica pela circularidade da escuta. Como afirma o Documento de Aparecida, “a conversão pastoral exige que não nos sintamos donos, mas servidores do mistério de Deus”. (CNBB, 2007, n. 371)¹¹⁵

Nesse sentido, a valorização dos conselhos pastorais, das assembleias participativas, dos sínodos locais e das iniciativas de escuta popular são expressão concreta de uma Igreja que supera o clericalismo e caminha para uma corresponsabilidade efetiva. A sinodalidade é, portanto, não apenas uma estrutura, mas um estilo de ser Igreja.

O ambiente digital, mais uma vez, revela então contradições e possibilidades. De um lado, há influenciadores que reproduzem práticas clericalistas, onde a figura do sacerdote torna-se quase intocável, promovendo uma dependência espiritual e emocional dos seguidores. De outro, existem experiências virtuosas de padres e religiosos que descentralizam sua presença, promovendo diálogo, escuta e discernimento conjunto com os fiéis.

E sobre isso, o diretório da CNBB destacou:

“O mundanismo espiritual também leva alguns membros da Igreja a estarem em guerra aberta e muitas vezes violenta contra seus próprios irmãos e irmãs de fé nos ambientes digitais. Mais do que manifestar sua comunhão com a Igreja inteira e com a sua rica diversidade, tais cristãos comunicam o seu pertencimento a este ou àquele grupo que se sente diferente ou especial. Isso se explicita em rede por meio de “várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos?” Espera-se da comunidade cristã “um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente [...] de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas”. Isso também diz respeito a

¹¹⁴ do grego παρρησία, significa franqueza, coragem para dizer a verdade, mesmo que seja desagradável ou perigoso. É a capacidade de falar abertamente, assumindo o risco de contrariar, desagradar ou mesmo provocar a ira do interlocutor.

¹¹⁵ CNBB. Documento de Aparecida., São Paulo, Paulinas, Paulus, 2007, n.371

um testemunho de fidelidade e coerência ao magistério dos bispos quando se pronunciam de modo colegiado por meio da CNBB, assim como – e principalmente – ao magistério do Sumo Pontífice.” (CNBB, 2014, n.255)¹¹⁶

O encontro em Brasília, como vimos anteriormente, visou justamente fortalecer a comunhão e oferecer diretrizes que favoreçam uma evangelização sinodal também nas redes sociais. E buscando evitar as divisões, alcançar a superação do clericalismo, que nesse campo, passa pela formação dos agentes, pela espiritualidade da escuta e pelo testemunho de humildade. Como sublinhado por Dom Amilton Manoel da Silva, tais experiências têm valor quando enraizadas na comunhão e na formação contínua, evitando riscos de interpretações paralelas ao magistério e de clericalismos midiáticos travestidos de popularidade pastoral.

No atual contexto comunicacional e eclesial, os influenciadores digitais clericais – especialmente os padres com forte presença nas redes sociais – se consolidam como novos mediadores simbólicos entre o magistério da Igreja e a cultura contemporânea digitalizada. Sua atuação vai se inserindo em um ambiente marcado por aceleradas transformações nos modos de comunicação e pertença religiosa, onde a imagem, a afetividade e o testemunho pessoal muitas vezes se sobrepõem à instituição e ao discurso teológico sistematizado. Esses novos ambientes de disseminação do evangelho, representam uma fronteira missionária fundamental do cristianismo contemporâneo.

No entanto, a tensão entre visibilidade e responsabilidade é um ponto crítico a ser observado. A lógica das plataformas prioriza o engajamento, a emoção e a viralização, o que pode deslocar o centro da comunicação evangelizadora da Palavra para a figura do comunicador, fazendo o padre entrar em um processo de celebrização de sua vida.

Com isso, ela ganha consistência social e até mesmo eclesial ao se (re) produzir segundo as lógicas e os códigos midiáticos, moldando-se às telas e aos formatos audiovisuais e digitais. As plataformas online nas quais o presbítero se faz presente transformam-se, para ele, em “instâncias de autoexposição”, compondo uma lógica de vida (a midiatização de seu cotidiano), assim como uma logística de vida (a programação da influência digital mediante uma agenda de postagens, eventos etc.), na

¹¹⁶ Ibid., n.255.

indeterminação e no apagamento de fronteiras entre existência privada (a pessoa) e midiática (a persona). (Medeiros et. Al., 2024, p.165)¹¹⁷

Tal deslocamento, quando não discernido, tende a reforçar uma eclesiologia baseada na autoridade carismática e na celebridade religiosa, fragilizando a compreensão comunitária e sinodal da Igreja.

“Assim, a própria missão presbiteral passa a ser vivida e produzida cada vez mais nas e para as telas, autoespetacularizando-se de modo crescente e convertendo-se em uma sequência de performances conectadas, tornando cada vez mais frequentes as situações do cotidiano do padre em que uma câmera está presente e em ação. O modo de vida midiático contemporâneo leva o presbítero a também emoldurar seus atos cotidianos mais banais como se estivessem sempre prestes a serem projetados em uma tela - e muitas vezes de fato o são -, estimulando um estilo performático de viver o presbiterado. O risco é de que a vida cristã perca sua naturalidade e sua imediaticidade, já que as ações cotidianas passam a ser midiaticamente estudadas, ensaiadas e emolduradas em imagens e vídeos a serem visualizados, “curtidos”, comentados e, preferencialmente, compartilhados pelos seguidores em rede.” (Medeiros et. Al., 2024, p.165)¹¹⁸

Diante disso, a presença de padres influenciadores deve ser compreendida à luz de uma eclesiologia pneumatológica, ou seja, uma visão da Igreja fundamentada na ação do Espírito Santo como princípio vital que anima, orienta e renova a comunidade eclesial. Conforme afirmado no Concílio Vaticano II, é o Espírito quem “distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer ordem” e “torna aptos e prontos os fiéis para assumirem os diversos ofícios e funções” em vista do bem comum (*Lumen Gentium*, n. 12).

Nessa perspectiva, o protagonismo na missão não deriva de carisma pessoal ou influência midiática, mas do discernimento comunitário e da escuta do Espírito. A sinodalidade, iluminada por essa teologia conciliar, exige a superação do protagonismo individualista e promove uma cultura de participação e corresponsabilidade, em que todos os batizados são chamados a contribuir, em comunhão, para a missão evangelizadora da Igreja.

¹¹⁷ MEDEIROS, Fernanda; SILVA, Aline Amaro da; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELLOTTO, Moisés; GOMES, Vinicius Borges. *Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024, p. 165.

¹¹⁸ Ibid.,

A tensão entre tradição e inovação também se manifesta nesse campo. Enquanto alguns influenciadores assumem uma postura de promoção da ortodoxia e da moral tradicional como forma de resistência ao espírito do tempo, outros se colocam como pontes entre a experiência religiosa e os desafios contemporâneos. Ambos, porém, podem cair em armadilhas discursivas se desconectados do horizonte da escuta e do discernimento eclesial.

A partir disso, torna-se necessário construir uma pedagogia da comunicação sinodal que reconheça o valor da criatividade e da iniciativa pastoral, mas que também reforce a dimensão comunitária, eclesial e formativa da missão. O ambiente digital não é apenas um espaço de transmissão de conteúdo, mas também de formação de imaginários, afetos e identidades.

Por isso, evangelizar nesse espaço exige muito mais do que presença: exige coerência, espiritualidade e fidelidade ao Evangelho em chave sinodal, afinal os padres e bispos atuantes nas redes sociais,

"não representam apenas a si mesmos, mas toda a Igreja. Por causa disso, a imagem deles não pode ser usada descuidadamente sem prejuízo para a evangelização, especialmente quando se dispõe a estimular o consumo de um produto" (CNBB, 2018, p.15)¹¹⁹.

Esse panorama abre caminho para refletirmos, a seguir, como a prática da evangelização digital pode se configurar como um dos principais espaços contemporâneos de expressão da sinodalidade eclesial, com seus desafios, potencialidades e limites.

2.6 Evangelização digital em chave sinodal: potencialidades e desafios

A evangelização digital se apresenta como um dos maiores campos de expressão da sinodalidade nos tempos atuais. Ao utilizar plataformas, a Igreja é desafiada a adaptar sua linguagem, ampliar sua escuta e repensar sua atuação pastoral diante das novas formas de sociabilidade. A sinodalidade, nesse contexto, fornece os critérios fundamentais para o uso responsável e evangelizador dos meios digitais.

No Instagram, por exemplo, a arquitetura comunicacional favorece o engajamento comunitário: os *stories* permitem a interação imediata, os comentários

¹¹⁹ CNBB. Orientações Pastorais para as mídias católicas: imprensa, rádio, TV e novas mídias. Estudos da CNBB, n.111. Brasília: Edições CNBB, 2018. p.15.

ampliam a escuta e os *reels* possibilitam a difusão criativa do conteúdo da fé. Segundo Mariana Vassallo Piza, a força do Instagram como fenômeno sociotécnico reside em sua capacidade de articular a criação de redes simbólicas de pertencimento, a partir da partilha de imagens com valor emocional, estético e social. O Instagram conecta usuários por meio de afetividades visuais que favorecem a “construção de identidades e comunidades digitais”. (PIZA, 2012, p.16)¹²⁰

Contudo, essa mesma lógica visual e emocional acarreta cada vez mais desafios pastorais. A lógica algorítmica das plataformas prioriza conteúdos de alta carga emocional, favorecendo a espetacularização da fé e a disseminação de discursos polarizados. A presença pastoral nesse ambiente exige, portanto, vigilância e discernimento. A Igreja, ao mesmo tempo em que amplia sua presença digital, é chamada a preservar sua identidade missionária e a fidelidade ao Evangelho num espaço marcado pela efemeridade, fragmentação e consumo simbólico.

Nesse sentido, a CNBB, propõe uma postura evangelizadora enraizada na escuta e na caridade, onde a comunicação eclesial não é neutra. Ela deve ser marcada pela escuta, pelo testemunho e pela caridade. Os agentes pastorais devem reconhecer os novos areópagos digitais como lugares legítimos de missão e anúncio, mas sempre iluminados pela ética cristã.

Experiências como transmissões ao vivo de orações, catequeses, lives interativas e atendimentos espirituais demonstram como a evangelização no ambiente digital pode se configurar como um prolongamento natural do espírito sinodal. Quando os influenciadores — sobretudo os clérigos — assumem uma postura de escuta, diálogo e humildade, suas redes tornam-se verdadeiros espaços de missão.

Como aponta o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “a Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que também é celebração da atividade evangelizadora e fonte de renovado impulso missionário” (Francisco, 2013, n. 24)¹²¹, o que implica integrar também as linguagens digitais na vivência dessa missão.

¹²⁰ PIZA, Mariana Vassallo. O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica. São Paulo, 2012, p. 16. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf. Acesso em 13/04/2025.

¹²¹ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.* n.24. Disponível em:

Além disso, a evangelização digital permite alcançar públicos historicamente distantes da estrutura eclesial: jovens desengajados, católicos não praticantes, pessoas em busca de espiritualidade, ateus curiosos ou feridos, e sujeitos em situação de exclusão ou sofrimento. Trata-se de um verdadeiro areópago contemporâneo, como indicou São João Paulo II: “O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações [...] que está unificando a humanidade e se tornando o principal instrumento de informação e inspiração de comportamentos.” (João Paulo II, n. 37)¹²²

O Papa Francisco reconhece esse potencial e alerta para o cuidado com o uso dos meios digitais. Em sua mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2023), ele exorta: “precisamos de uma comunicação que saiba colocar-se ao serviço da verdade e que promova a escuta, o respeito e o diálogo, e que ajude a construir uma cultura de paz”¹²³. Essa orientação deve inspirar não apenas os canais oficiais da Igreja, mas todos os que se apresentam como evangelizadores nas redes.

Evangelizar nas redes sociais de forma sinodal, é um desafio que exige discernimento, formação e espiritualidade. Não basta adaptar conteúdos religiosos a formatos atrativos: é preciso comunicar com coerência, ouvir com atenção e testemunhar com autenticidade. Só assim a presença digital da Igreja poderá ser verdadeiramente sinal do Reino no mundo conectado.

Nesse horizonte da evangelização digital em chave sinodal, torna-se especialmente significativo o recente encontro entre o padre Júlio Lancellotti e o Frei Gilson, ocorrido em abril de 2025.

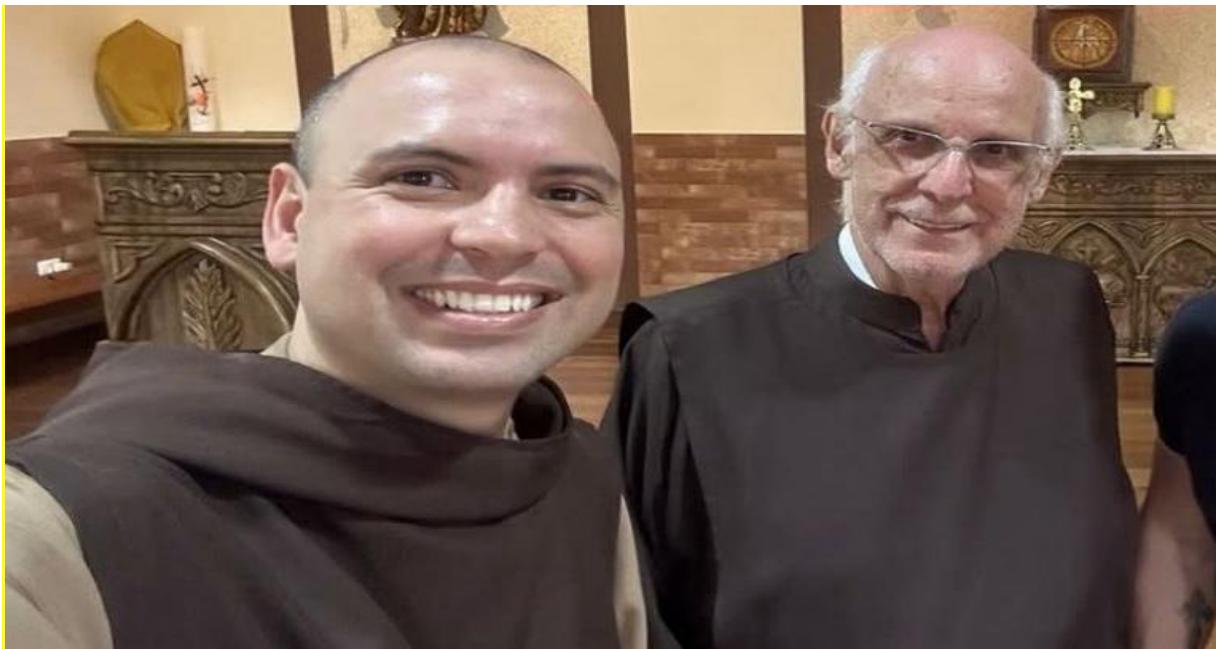
Ambos, conforme vimos no capítulo anterior, amplamente reconhecidos por sua atuação pastoral nas redes sociais, possuem perfis e abordagens distintas: o primeiro, vinculado à pastoral urbana e à defesa profética dos marginalizados; o segundo, identificado com uma espiritualidade devocional e carismática que mobiliza multidões, sobretudo entre os jovens. No entanto, o gesto de aproximação entre os

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso 20/03/2025.

¹²² JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio: sobre a permanente validade do mandato missionário*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990. n. 37

¹²³ FRANCISCO, Papa. MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 57º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Díspõivel em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso: 20/04/2025.

dois religiosos demonstra a potência da comunicação digital como espaço de reconciliação e testemunho de comunhão.



(Figura 11. Frei Gilson e Padre Júlio Lancellotti. Fonte: Instagram, perfil @freigilson_somdomonte, 2025)¹²⁴

Segundo a cobertura da CNN Brasil, padre Júlio afirmou após a visita: “Nós estamos unidos, e unidos no seguimento de Jesus. Nós não somos fotocópias um do outro, mas somos irmãos”. Essa declaração sintetiza o espírito sinodal proposto pelo Papa Francisco de uma Igreja que caminha junto, reconhecendo a pluralidade de carismas e práticas pastorais como riquezas, e não como ameaças à unidade.

A disposição de ambos para o encontro revela que mesmo em contextos de alta exposição midiática e possíveis tensões ideológicas, é possível testemunhar a comunhão sem uniformidade, fortalecendo o que Francisco chama de “cultura do encontro” (*Evangelii Gaudium*, n. 220). Nesse sentido, o gesto de ambos também pode ser lido à luz da filosofia de Paul Ricoeur, para quem o reconhecimento é um processo relacional e ético, que ultrapassa a simples identificação e culmina no reconhecimento mútuo como condição de alteridade: “ser reconhecido por outro, reconhecer o outro e reconhecer-se como outro” (RICOEUR, 2005, p. 18). A atitude de Frei Gilson e padre Júlio, portanto, encarna esse percurso do reconhecimento, no qual a diferença não é obstáculo, mas possibilidade de construção de uma comunhão mais profunda.

¹²⁴ INSTAGRAM. Perfil @freigilson_somdomonte. 29/04/2025. Acesso em: 10/05/2025.

Do ponto de vista comunicacional, esse episódio exemplifica a superação da lógica polarizante frequentemente amplificada pelas redes sociais. A imagem dos dois padres rezando juntos, publicada nas redes e replicada por diferentes veículos de mídia, torna-se um ícone da sinodalidade comunicada, não como discurso abstrato, mas como gesto concreto, publicamente acessível e pastoralmente edificante.

Esse tipo de acontecimento não apenas comunica a unidade desejada pela Igreja, mas também oferece uma contranarrativa ao modelo de influência digital baseado em disputas de autoridade, protagonismos e cancelamentos. Ao preferirem o diálogo ao embate, padre Júlio e Frei Gilson reafirmam que a evangelização nas redes deve ser guiada por uma lógica eclesial e evangélica, e não pelas dinâmicas de visibilidade a qualquer custo.

A sinodalidade, nesse sentido, torna-se critério tanto do conteúdo quanto da forma da presença digital da Igreja, comunicar-se como corpo, escutando as dores, os clamores e as possibilidades de reconciliação que emergem no mundo conectado.

Nesse horizonte da evangelização digital em chave sinodal, torna-se especialmente significativo o recente encontro entre o padre Júlio Lancellotti e o Frei Gilson, ocorrido em abril de 2025.

Ambos, conforme vimos no capítulo anterior, amplamente reconhecidos por sua atuação pastoral nas redes sociais, possuem perfis e abordagens distintas: o primeiro, vinculado à pastoral urbana e à defesa profética dos marginalizados; o segundo, identificado com uma espiritualidade devocional e carismática que mobiliza multidões, sobretudo entre os jovens. No entanto, o gesto de aproximação entre os dois religiosos demonstra a potência da comunicação digital como espaço de reconciliação e testemunho de comunhão.

Segundo a cobertura da CNN Brasil, padre Júlio afirmou após a visita: “Nós estamos unidos, e unidos no seguimento de Jesus. Nós não somos fotocópias um do outro, mas somos irmãos”¹²⁵. Essa declaração sintetiza o espírito sinodal proposto pelo Papa Francisco de uma Igreja que caminha junto, reconhecendo a pluralidade de carismas e práticas pastorais como riquezas, e não como ameaças à unidade.

¹²⁵ CNN BRASIL. Padre Júlio Lancellotti visita Frei Gilson: “Estamos unidos”. CNN Brasil, São Paulo, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/padre-julio-lancellotti-visita-frei-gilson-estamos-unidos/>. Acesso em: 02/05/2025.

A disposição de ambos para o encontro revela que mesmo em contextos de alta exposição midiática e possíveis tensões ideológicas, é possível testemunhar a comunhão sem uniformidade, fortalecendo o que Francisco chama de “cultura do encontro” (*Evangelii Gaudium*, n. 220)¹²⁶.

Do ponto de vista comunicacional, esse episódio exemplifica a superação da lógica polarizante frequentemente amplificada pelas redes sociais. A imagem dos dois padres rezando juntos, publicada nas redes e replicada por diferentes veículos de mídia, torna-se um ícone da sinodalidade comunicada, não como discurso abstrato, mas como gesto concreto, publicamente acessível e pastoralmente edificante.

Esse tipo de acontecimento não apenas comunica a unidade desejada pela Igreja, mas também oferece uma contranarrativa ao modelo de influência digital baseado em disputas de autoridade, protagonismos e cancelamentos. Ao preferirem o diálogo ao embate, padre Júlio e Frei Gilson reafirmam que a evangelização nas redes deve ser guiada por uma lógica eclesial e evangélica, e não pelas dinâmicas de visibilidade a qualquer custo.

A sinodalidade, nesse sentido, torna-se critério tanto do conteúdo quanto da forma da presença digital da Igreja, comunicar-se como corpo, escutando as dores, os clamores e as possibilidades de reconciliação que emergem no mundo conectado.

¹²⁶ FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.* n.220. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso 20/03/2025.

CAPÍTULO 3: INFLUÊNCIA NA IGREJA DO BRASIL: PADRES INFLUENCIADORES E SUAS BATALHAS NARRATIVAS

Tendo ampliado sua presença nos ambientes digitais, a Igreja Católica vem reconhecendo a importância dessas plataformas para a evangelização e o diálogo com a sociedade contemporânea.

No ano de 2010, o Papa Bento XVI, redigiu uma mensagem que incentivou os sacerdotes a também utilizarem das plataformas para disseminar a mensagem evangélica, e que cuidassem para que a utilização dela servisse de “testemunho” para as novas gerações.

Hoje, para dar respostas adequadas a estas questões no âmbito das grandes mudanças culturais, particularmente sentidas no mundo juvenil, tornaram-se um instrumento útil as vias de comunicação abertas pelas conquistas tecnológicas. De facto, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento paulino: ‘Ai de mim se não anunciar o Evangelho!’ (*1 Cor 9,16*). Por conseguinte, com a sua difusão, não só aumenta a responsabilidade do anúncio, mas esta torna-se também mais premente reclamando um compromisso mais motivado e eficaz. A este respeito, o sacerdote acaba por encontrar-se como que no limiar de uma «história nova», porque quanto mais intensas forem as relações criadas pelas modernas tecnologias e mais ampliadas forem as fronteiras pelo mundo digital, tanto mais será chamado o sacerdote a ocupar-se disso pastoralmente, multiplicando o seu empenho em colocar os *media* ao serviço da Palavra. (Bento XVI, 2010)¹²⁷

A presença de sacerdotes nas redes sociais pode ser significativamente aprofundada à luz do conceito de guerra híbrida (KORYBKO, 2016) especialmente quando reconhecemos que esse tipo de enfrentamento não se limita aos campos militar ou político, mas estende-se ao território simbólico, comunicacional e religioso. Nesse contexto, não se trata de uma guerra no sentido tradicional, com armas e exércitos, mas de uma guerra simbólica, ou seja, de uma disputa por sentidos, visibilidades, autoridade e legitimidade discursiva. Pierre Bourdieu (2007) contribui para essa compreensão ao afirmar que o campo religioso é um espaço estruturado

¹²⁷ BENTO XVI. Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial Das Comunicações Sociais “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra”. 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html Acesso em:15/01/2025.

de disputas simbólicas, onde diferentes agentes competem pelo anúncio da definição legítima do sagrado. Na lógica das redes digitais, essas diferenças se intensificam, pois as plataformas amplificam a visibilidade de certos discursos em detrimento de outros, favorecendo o embate entre modelos distintos de autoridade pastoral.

Manuel Castells (2009), por sua vez, aponta que o poder nas sociedades em rede é exercido principalmente por meio do controle dos fluxos de informação e da construção de significados. Assim, o território digital torna-se um campo de batalha simbólico, onde não apenas se comunica, mas uma quase disputa do sentido da fé prático da comunhão e da identidade eclesial.

O que está em jogo, portanto, é o poder de representar o que é "ser Igreja" no espaço público digital, por meio de performances, posicionamentos teológicos e construção de *ethos*. Trata-se de um embate entre visões eclesiais distintas, onde o simbólico assume função estratégica, influenciando a percepção dos fiéis e a configuração da autoridade pastoral no ambiente das redes. Assim, o antagonismo não se expressa por meio da violência direta, mas por meio de narrativas concorrentes, imagens, discursos e práticas comunicativas que visam conquistar adesão, moldar imaginários e disputar o espaço do sagrado.

3.1 - Um homem embatinado: Padre Paulo Ricardo

Um dos principais expoentes da influência na Igreja Católica presente no Brasil, é o Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, sacerdote da Arquidiocese de Cuiabá, que consolidou sua presença no meio digital por meio de discursos apologéticos e de defesa intransigente da doutrina católica tradicional. Sua atuação exemplifica como a internet pode amplificar vozes religiosas, influenciando tanto a formação teológica dos fiéis quanto os debates internos da Igreja.

A notoriedade de Padre Paulo Ricardo está associada à sua habilidade em traduzir conceitos teológicos complexos para um público amplo, utilizando linguagem acessível e recursos audiovisuais modernos. Seu site e seu canal no YouTube oferecem cursos de formação católica, reflexões sobre moral e espiritualidade, além de análises críticas sobre questões sociopolíticas. Sendo fiel a sua proposta de atuação nas plataformas citadas.

"É justamente para instigar essa conversão, primeiro nos sacerdotes católicos, mas também em todos os que seguem Nosso Senhor, que existe

o site do Padre Paulo Ricardo. Ao transmitir com fidelidade a doutrina de dois mil anos da Igreja, queremos levar os que nos visitam ao conhecimento da verdade de Cristo e ensinar os que já estão conosco a ter uma vida de oração, propiciando a formação de uma cultura verdadeiramente católica.”¹²⁸

Com milhões de visualizações e seguidores, sua atuação o posiciona como um dos principais influenciadores católicos do país, exercendo um impacto significativo sobre leigos e membros do clero. Dono de uma média de 2 milhões de seguidores, em suas principais plataformas de atuação, oferece uma abordagem que enfatiza a necessidade de um retorno à ortodoxia católica e uma vez que é tido como um “influenciador de autoridade” (Camargo et al., 2017, p.105) faz com que através de seu nicho, a catequese, ressoem especialmente entre aqueles que percebem um afastamento da Igreja em relação às suas tradições, e sobretudo jovens que recém aderiram a fé católica, indo ao encontro do que pensa Messa (2016).

Penso que influenciador digital é um termo que caberia melhor para identificar aquelas pessoas que fazem parte de um nicho muito específico e, dentro deste grupo, possuem um volume de conexões superior à média das pessoas que pertencem a esse nicho.” (MESSA, 2016, n.p.)¹²⁹

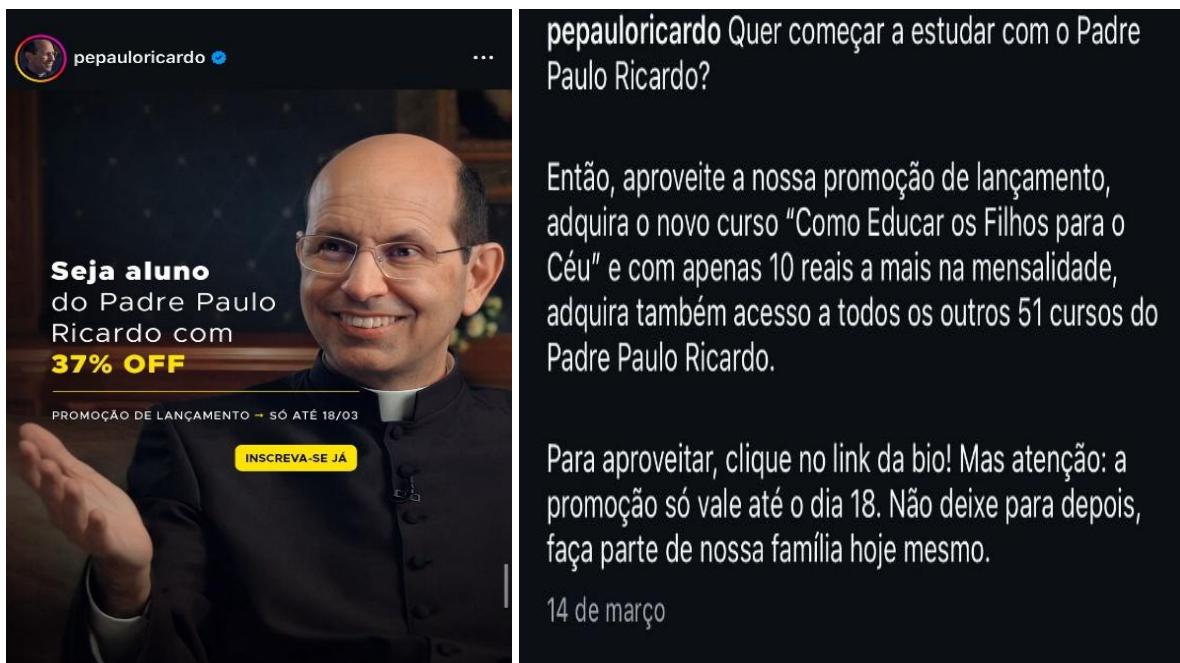
Além de oferecer um conteúdo catequético de aprofundamento espiritual de forma gratuita, o sacerdote ainda se destaca por oferecer diversos cursos. O site intitulado CNP, “Christo Nihil Præponere”¹³⁰, é administrado por um equipe própria, e funciona como uma plataforma de aprendizado digital disponibilizando conteúdo da doutrina católica, sendo o próprio padre que apresenta e expõe o material. E essa nova maneira de acessar informações está provocando uma transformação nos hábitos de consumo. Padre Paulo, assim como outros influenciadores têm sido bem-sucedidos em revitalizar estratégias que se mostraram como opções de

¹²⁸ Disponível em <https://padrepauloricardo.org/nossa-missao#:~:text=O%20site%20do%20Padre%20Paulo,apostolado%20de%20evangeliza%C3%A7%C3%A3o%20na%20internet>. Acesso em 15/01/2025

¹²⁹ MESSA, E. Influenciadores Digitais? #WTF: uma reflexão sobre a falta de visão das agências de publicidade sobre o universo de influência online. **Youpix**, 2016.

¹³⁰ Tradução: A nada dar mais valor do que a Cristo.

comunicação para suas próprias marcas. (Silva & Tessarolo, 2016)¹³¹



(Figura 3. Disponível em <https://www.instagram.com/share/BALJ6aDXJw> acesso em 19/03/2025)

É comum em suas redes sociais encontrarmos propagandas de seus cursos incentivando seus seguidores a adquirirem e realizá-los com diversas promoções e estratégias de marketing.

Contudo, sua influência também gera tensões dentro da Igreja, uma vez que seu discurso muitas vezes se contrapõe a correntes teológicas mais progressistas além de frequentemente criticar movimentos como a Teologia da Libertação, o que favorece maior adesão entre os padres mais novos que tendem a um posicionamento mais clericalista, preocupando a ala progressista pois os "padres novos", alinhados à perspectiva "institucional/ carismática" (MENDES, 2021)¹³², vêm tomando distância da renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora.

Este segmento mais conservador do clero alimenta uma tendência mais vinculada à observância da disciplina, preocupada com a doutrina da Igreja, assim como a dar respostas às necessidades imediatas das pessoas. Está mais voltado

¹³¹ SILVA, Cristiane; TESSAROLO, Felipe. Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Faculdades Integradas Espírito Santense – FAESA. São Paulo, 2016.

¹³² MENDES, VITOR HUGO. Os "padres novos" frente à renovação do Vaticano II e a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Retroceder ou avançar? Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 13, n. 3, p. 1109-1129, set./dez. 2021. Disponível em: file:///C:/Users/padre/Downloads/28677-Texto%20do%20Artigo-35455-62568-10-20211222%20(1).pdf acesso em: 10/02/2025.

para questões eclesiais, à retomada da centralidade da Igreja no mundo, e valoriza o papel e o poder dos presbíteros, enfim, os rituais e símbolos eclesiásticos.

"a adesão ou distanciamento da eclesiologia do Vaticano II, que reconcilia a Igreja com o mundo moderno e a situa no seio da sociedade pluralista, deixando para trás uma Igreja autorreferencial como frisa o Papa Francisco, são reveladoras de identidade ou perfil de um cristão ou mais propriamente de um católico em situação contemporânea" (BRIGHENTI, 2021, p. 126)¹³³

Sua influência na formação de novos presbíteros é de fato notória e há grande preocupação por parte de bispos e de outros sacerdotes, inclusive levando a alguns padres pedirem que se tomassem providencias em relação ao discurso do Padre Paulo.

"o noticiário 'Diário de Cuiabá', publicou uma reportagem de descontinuidade à atuação do padre, intitulado '*Padres pedem a bispo que Padre Paulo se cale. Em carta endereçada a arcebispo, 27 padres pedem que padre seja proibido de pregar*'. Contudo, o texto sinaliza que ocorreu um apoio radical dos fiéis católicos ao padre. Por outro lado, pode-se destacar sua constante atuação no Congresso junto a políticos confessadamente católicos e evangélicos. No fim, a soma de controvérsias, ajudam na mobilização até porque são divulgadas pela mídia religiosa que dão ao padre mais exposição - tudo com anuência do bispo diocesano, Dom Milton Santos. Os apoios recebidos de milhares de fiéis vêm também por sua desenvoltura discursiva que retroalimentam seus perfis e páginas eletrônicas, em um movimento contínuo. Esse circuito beneficia a construção de sua guerra cultural trilhada na leitura restritiva da tradição católica contra quem ameaça a 'família tradicional cristã brasileira'.¹³⁴

Além disso, seu posicionamento político, que se alinha a setores conservadores e de Direita, faz com que seu apostolado digital seja interpretado, por alguns, como uma instrumentalização da fé para fins ideológicos, sobretudo de extrema direita. Esse aspecto levanta questionamentos sobre os limites entre evangelização e ativismo político no contexto da Igreja contemporânea.

Em um cenário nacional que tem sido marcado por polarizações afloradas, fazendo menções de apoio as ideias de Olavo de Carvalho e da performance política

¹³³ BRIGHENTI, Agenor. O novo rosto do clero: Perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis. Vozes, 2021.p. 126.

¹³⁴ PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/606430-padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico-artigo-de-fabio-py> acesso em 04/02/2025.

de Jair Bolsonaro, não poucas vezes o padre sofre retaliações que o acusam de fascista e bolsonarista, mas assim como também ganha adeptos da direita política.

Em outubro de 2015, o até então deputado, Jair Messias Bolsonaro, em sua página do Facebook, mencionou ter participado de uma pregação do padre Paulo Ricardo sobre a família e que em seguida usou da palavra, tratando do tema, família, PT e a Câmara dos Deputados.



(Figura 4. Bolsonaro e Padre Paulo Ricardo, na pág. oficial de Bolsonaro no Facebook, 24/10/2015)

Apesar dessas controvérsias, é inegável que sua atuação responde a uma demanda por conteúdos religiosos que reafirmem os valores tradicionais da fé católica. O crescimento de sua audiência sugere uma insatisfação de parte dos fiéis com as mudanças nos discursos pastorais e uma busca por diretrizes doutrinárias mais rígidas e bem definidas. Nesse sentido, Padre Paulo Ricardo não apenas reflete um segmento da Igreja, mas também contribui para o fortalecimento de uma identidade católica conservadora no Brasil, em oposição a tendências reformistas que emergem em âmbito global.

Assim, podemos perceber que a atuação de Padre Paulo Ricardo exemplifica como os meios digitais estão remodelando a influência de líderes religiosos dentro da Igreja Católica. Seu sucesso revela tanto as oportunidades proporcionadas pela comunicação digital para a evangelização quanto os desafios que emergem da polarização interna e externa no seio da instituição. Diante desse cenário, a Igreja é chamada a refletir sobre como equilibrar a diversidade de vozes no espaço virtual, garantindo que a unidade eclesial não seja comprometida em meio às novas dinâmicas da era digital.

3.2- Frei Gilson, o influenciador da madrugada

No contexto brasileiro, assim como Padre Paulo Ricardo, emerge uma nova figura que ganha grande notoriedade, Frei Gilson, um sacerdote carmelita, que nos seus 38 anos, tem se consolidado como uma das figuras mais influentes nesse cenário. Combinando pregação, espiritualidade e música sacra tem alcançado um público amplo.

Seu crescimento nas plataformas digitais, ganhando destaque no Youtube e no Instagram, reforça ainda mais a constante busca de setores da comunidade eclesial por um catolicismo mais devocional e místico, em resposta às mudanças culturais e religiosas da atualidade. Indo de encontro ao que o Teólogo Karl Rahner prevê, que o “Cristão do século XXI, ou será místico ou não será cristão.”

Atualmente o religioso, tem uma soma média de mais de 1,2 bilhão de visualizações no seu canal no Youtube, e conta com 8,6 milhões de seguidores no Instagram, seu público é bastante variado entre homens e mulheres nas mais diversas faixas etárias.

Embora sua atuação nos ambientes digitais tenha começado já a algum tempo, primeiramente através da música e logo depois por suas pregações, destaca-se sua forte influência a partir das lives que realiza durante o período da quaresma dentro da espiritualidade católica, onde propôs em rezar o rosário nas madrugadas dos quarenta dias.

Iniciando no ano de 2022, ele obteve uma enorme adesão de fiéis do Brasil inteiro, e desde então o número de público que acompanha em tempo real só tem aumentado. Recentemente, o Frei atingiu uma marca de mais de 1 milhão de pessoas que acompanharam o religioso simultaneamente.

Essa quantidade acabou repercutindo na internet. A ideia de um religioso, vestindo seu hábito, e propondo um momento de espiritualidade, envolvendo bispos, cantores e outros influenciadores dos mais diferentes nichos, demonstra, como a figura desse religioso também se torna uma mediação, sendo ele inclusive o que tem a palavra primeira, antes mesmo que os bispos, que na hierarquia da igreja, possui maior autoridade, é sobre isso que Sbardelotto reflete

Sua capacidade de engajamento nas redes não depende apenas de sua experiência pessoal de fé, de sua formação teológica, de seu ofício eclesiástico, mas principalmente do modo como se apropria das lógicas digitais para reforçar sua autoridade religiosa. Mesmo quando ladeado por um bispo convidado a participar de suas transmissões, a autoridade é ele: tudo passa pela (inter)mediação do frei. É ele quem “concede a palavra” à

autoridade episcopal – e os bispos convidados aceitam essa “submissão discursiva”. (Sbardelotto, 2025)¹³⁵

A notoriedade de Frei Gilson decorre de sua capacidade de integrar diferentes formas de comunicação para transmitir mensagens de caráter espiritual e catequético.

Seu discurso enfatiza a necessidade de uma vida de oração intensa, a valorização dos sacramentos e a fidelidade à doutrina católica. No campo musical, sua produção articula elementos da tradição litúrgica com sonoridades contemporâneas, tornando-se um recurso eficaz para aproximar fiéis, especialmente jovens, da experiência religiosa. Essa abordagem amplia seu alcance e reforça a relevância da música como instrumento de disseminação do evangelho, algo que tem raízes na própria história da Igreja, mas que ganha nova dimensão na era digital, vale ressaltar que no Spotify, ele tem 1,7 milhões de ouvintes mensais.

Entretanto, a crescente influência de Frei Gilson nas redes sociais levanta questões sobre a midiatização da fé e a personalização da figura sacerdotal. A lógica algorítmica das plataformas digitais favorece conteúdos que geram forte engajamento emocional, o que pode conduzir à criação de uma relação entre líder e seguidores mais centrada na figura do influenciador do que na comunidade eclesial.

No entanto, sua abordagem não é unânime dentro da Igreja, sendo alvo de críticas por parte de setores que defendem uma pastoral mais contextualizada e alinhada com as diretrizes do Papa Francisco, especialmente no que concerne à evangelização em territórios específicos, como a Amazônia. Nesse sentido, o posicionamento oficial da prelazia de Itacoatiara, ilustra essa tensão ao afirmar:

Em resposta ao Ofício 02/2023, informamos que não desejamos ter aqui na área da Prelazia do Frei Gilson. Sua forma de "evangelização" não está de acordo com o nosso caminho de Igreja na Prelazia. Temos já sérios problemas com o Devocionismo, com uma espiritualidade desencarnada, que o "estilo" Frei Gilson representa. Na Prelazia seguimos as orientações do Sínodo para a Amazônia em seu Documento Final e na Exortação Apostólica Querida Amazônia do Papa Francisco e do Documento Final do Encontro da Igreja Católica na Amazônia realizado em Santarém, no mês de junho de 2022, que aponta uma evangelização encarnada e libertadora. Já temos em toda a Prelazia, graças a Deus, a devoção a Nossa Senhora, que aliás é muito forte. Entre outras formas de devoção mariana temos em

¹³⁵ SBARDELOTTO, Moisés. As Escolhas Políticas do Frei Gilson. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/649584-as-escolhas-politicas-do-frei-gilson> Acesso: 15/04/2025

nossas Paróquias o Terço dos Homens, o Terço das Mulheres e o Terço da Família.¹³⁶

Há ainda, a manifestação de que o frei estaria atrapalhando a espiritualidade da Igreja em vivenciar o período quaresmal, deixando de lado, o que as autoridades eclesiás orientam como é o caso no Brasil, onde a CNBB, orienta seus fiéis a uma reflexão de conversão social durante os quarenta dias, dentro de um tema proposto na Campanha da Fraternidade, com toda essa discussão, quem perde é a igreja conforme destaca Denis Cândido da Silva¹³⁷.

“Justifica-se toda disputa? Tem sentido criar tantas “facções” eclesiás? Nessa disputa toda, quem perde é a própria Igreja. Quem está na vivência cotidiana nas pastorais e movimentos, sabe do que estou falando. A vivência comunitária em nossas paróquias está se tornando insuportável. O problema é muito mais profundo do que simplesmente a perda de poder ou público.” (da Silva, 2025)¹³⁸

Além disso, seu perfil conservador em questões morais e litúrgicas contrasta com setores mais progressistas da Igreja, evidenciando as tensões internas que atravessam o catolicismo contemporâneo.

Outro aspecto relevante de sua atuação é o impacto sobre a identidade católica no Brasil. A ênfase na piedade popular e na espiritualidade mística responde a uma demanda crescente por um cristianismo que ofereça respostas espirituais diante da secularização e das incertezas da modernidade.

Ao mesmo tempo, sua postura mais rígida em relação a temas doutrinários reforça a polarização interna na Igreja, alimentando o debate sobre os rumos do catolicismo no país. Enquanto alguns veem sua influência como um resgate da tradição e da ortodoxia, outros alertam para o risco de um fechamento ao diálogo com as transformações da sociedade contemporânea. Além de suas discussões acaloradas no interior, a influência do frei, acabou causando repercussão externa.

O fato de nas suas últimas lives, ter ultrapassado a marca de 1 milhão de visualizações simultâneas as 04 horas da madrugada, despertou o interesse e

¹³⁶ Disponível em: <https://gaudiumpress.org/content/bispo-veta-presenca-de-frei-gilson-e-instituto-hesed-na-prelazia/> acesso em 21/02/2025

¹³⁷ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/649690-esquecamos-um-pouco-frei-gilson-contemplemos-mais-francisco-artigo-de-denis-candido-da-silva>. Acesso em: 20/03/2025

¹³⁸ SILVA, Denis C. Esqueçamos um pouco frei Gilson. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/649690-esquecamos-um-pouco-frei-gilson-contemplemos-mais-francisco-artigo-de-denis-candido-da-silva>. Acesso em: 20/03/2025

críticas advindas do sistema político partidário brasileiro, que como já comentamos anteriormente, se encontra nos auges de polaridade.

Em seu perfil oficial no Twitter, o jornalista Helder Maldonado, criticou fortemente a atitude das pessoas em acompanharem a live na madrugada, e leva o discurso do frei a ser considerado como apoiador da direita partidária, escreveu: “Acordar cedo para lavar uma calçada, estudar ou ir correr no parque ninguém quer. Aí morre burro, sedentário e com a casa sebosa e a culpa é do capeta ou do Lula. Detalhe: esse careca é padreco vinculado ao Brasil Paralelo. Compreenderam o sucesso?”¹³⁹

O fato é que recentemente numa entrevista, o frei ao indicar uma produção intitulada como “Oficina do Diabo”, acabou por divulgar a plataforma de streaming da Brasil Paralelo, tida por muitos como produtora de conteúdo de viés conservador, o que soa no cenário tão polarizado como de direita. Mas vale ressaltar que em seu site de apresentação, a plataforma esclarece que não pertence a nenhum dos lados.¹⁴⁰

Frei Gilson, ao usar de sua influência para indicar a produção acima citada, se afirma ainda mais com um influenciador digital, que promove além de suas ideias também uma determinada marca. Essa propaganda gerou muitos acessos para a plataforma de streaming em questão.

Por seu poder de fazer circular discussões e influenciar decisões, eles passam a ser patrocinados por empresas e marcas para produzir publicidades em seus conteúdos, se profissionalizando como “influenciadores digitais”. Em tese, qualquer sujeito com acesso às tecnologias digitais pode criar conteúdo na internet e, eventualmente, tornar-se um influenciador. Entretanto, muitos daqueles que conseguem visibilidade nesse meio têm mais recursos financeiros e reproduzem padrões culturais e estéticos hegemônicos. (RIBEIRO, 2021, v. 21, p. 271-281)¹⁴¹

¹³⁹ Twitter de Helder Maldonado (@heldermaldonado) às 11:31 dia 07/03/2025. Disponível em: <https://x.com/heldermaldonado/status/1898018732921720872> Acesso em 07/04/2025.

¹⁴⁰ “A Brasil Paralelo não é de direita ou de esquerda, nem liberal nem progressista. A Brasil Paralelo é apartidária e preocupa-se exclusivamente com a busca da verdade. Em cada produção, os fatos são o foco principal.” Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/a-brasil-paralelo-e-de-direita-a-resposta-e-nao-entenda>. Acesso em 15/02/2025

¹⁴¹ RIBEIRO, S. Sobre Repovoar Narrativas: o Trabalho dos influenciadores Digitais a Partir de uma Abordagem Sociotécnica. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 21, p. 271-281, 2021

Se consolidando com um formador de opinião, nessa mediação vai aos poucos se tornando um indivíduo que no meio da malha social, influencia os outros indivíduos na tomada de decisão, como se achava na década de 50, na teoria “two step flow” que entendia a comunicação como um processo que se dá num fluxo em dois níveis: dos meios (doutrina da Igreja) aos líderes (no caso em questão o Frei), e dos líderes às demais pessoas (seguidores). (Araújo, 2015, p.128)¹⁴²

Toda a repercussão de um “simples frei” conseguir mais de 1 milhão de pessoas em sua live, gerou grande alvoroço e apimentou as tensões entre a esquerda e a direita, como já mencionamos anteriormente. Com uma tentativa de justificar e até de cancelar Frei Gilson, divulgou-se pregações antigas do frei que sofreram distorções e cortes descontextualizados. Uma delas foi uma pregação realizada durante um encontro promovido pela comunidade católica Canção nova para mulheres.

Essa dimensão, por sua vez, deixa traços evidentes no discurso do frei. Defender que “a mulher nasceu para auxiliar o homem”; afirmar que “é claro que Deus deu ao homem ser o chefe”; justificar tais afirmações afirmando que “isso está na Bíblia”; chamar as pessoas que evitam expressões racistas de “geração do mimimi, do dodói”; rezar durante a última campanha presidencial para que Maria liberte o Brasil do “flagelo comunista” são atos de fala que permitem, empiricamente, situar o frei não apenas em um espectro teológico-eclesiástico, mas também político (mesmo que não explicitamente partidário). (Sbardelotto, 2025)¹⁴³

A direita partidária, através de vários parlamentares, dentre eles o ícone da direita no Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro, fizeram comentários e publicações em defesa do religioso.

¹⁴² ARAÚJO, C. A. A Pesquisa Norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.). Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 119-130.

¹⁴³ SBARDELOTTO, Moisés. As Escolhas Políticas do Frei Gilson. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/649584-as-escolhas-politicas-do-frei-gilson> Acesso: 15/04/2025



(Figura 5. Apoio ao frei Gilson, todas do dia 09/03/2025 nas páginas oficiais do Instagram de @jairmessiasbolsonaro@tarcisiogdf@nikolasferreiradm)

A Frente Parlamentar Católica, em sua página oficial do Instagram, emitiu uma nota em defesa da liberdade de expressão religiosa, diante de todo o ocorrido.

"O Brasil é um país democrático, onde a liberdade de crença e culto é um direito fundamental assegurado pela Constituição Federal. Isso inclui a possibilidade de sacerdotes e ministros religiosos pregarem os princípios da fé que professam, sem que sejam perseguidos ou silenciados por suas convicções. Reafirmamos nosso compromisso com a defesa da liberdade de expressão e da liberdade religiosa, assegurando que qualquer cidadão - seja leigo, sacerdote ou líder religioso - possa professar e ensinar sua fé sem medo de censura ou represália. O respeito à diversidade de opiniões e crenças é um pilar essencial para a convivência harmônica em nossa sociedade democrática."¹⁴⁴

A atuação de Frei Gilson no cenário digital evidencia as complexas dinâmicas que envolvem a evangelização na contemporaneidade, marcada pela interseção entre religiosidade, comunicação e polarização sociopolítica. Seu crescimento exponencial nas redes sociais demonstra o impacto da digitalização da fé e a reconfiguração da autoridade religiosa, fenômeno que desperta tanto adesão quanto resistência dentro da própria Igreja. Se, por um lado, seu modelo de evangelização resgata elementos da piedade popular e mobiliza milhões de fiéis, por outro, levanta questionamentos sobre os desafios de uma espiritualidade midiática e sua compatibilidade com as diretrizes pastorais do magistério eclesial.

¹⁴⁴ INSTAGRAM, Perfil @Frenteparlamentarcatolica, Nota em Defesa da Liberdade de Expressão Religiosa. Disponível em: https://www.instagram.com/share/_bC2kWWa4 acesso em 11/03/2025

As tensões em torno de sua figura refletem disputas mais amplas sobre os rumos do catolicismo no Brasil, especialmente no que se refere à relação entre tradição e renovação pastoral. As críticas oriundas da Prelazia de Itacoatiara e as controvérsias envolvendo setores políticos revelam não apenas um embate teológico, mas também um cenário em que a identidade católica se vê interpelada pelas novas configurações comunicacionais e ideológicas da sociedade.

Nesse contexto, embora o frei não se manifeste de forma explícita um partido, (Sbardelotto, 2025)¹⁴⁵ a apropriação do discurso religioso por diferentes grupos, sejam eles progressistas ou conservadores, reforça a necessidade de um debate mais aprofundado sobre os limites e possibilidades da evangelização no ambiente digital.

Diante desse cenário de fragmentação e disputas internas, a questão da sinodalidade emerge como uma proposta crucial para pensar o futuro da Igreja. A busca por um caminho de maior escuta, participação e discernimento comunitário, como preconizado pelo Papa Francisco, pode oferecer alternativas para equilibrar as diversas sensibilidades presentes no catolicismo contemporâneo.

Como salientamos acima, no cenário digital brasileiro, enquanto figuras como o Padre Ricardo e o Frei Gilson são frequentemente associados a uma postura conservadora dentro da Igreja Católica, há também padres e religiosos que adotam uma abordagem mais progressista em suas comunicações online. Esses influenciadores buscam promover valores como inclusão, justiça social e diálogo inter-religioso. A seguir, destaco alguns desses líderes religiosos:

3.3 - O Ministério comprometido de Padre Júlio Lancellotti

A atuação de figuras religiosas em espaços digitais transformou-se em um fenômeno central para a comunicação religiosa contemporânea. Essa transformação, acelerada pela popularização das redes sociais e pela necessidade de novas formas de presença eclesial no mundo moderno, trouxe à tona líderes cuja visibilidade ultrapassa o ambiente tradicional da Igreja. Um dos principais exemplos dessa dinâmica no Brasil é o Padre Júlio Lancellotti, cuja prática pastoral, voltada para a defesa dos marginalizados, adquire novas camadas de interpretação quando mediada pelos dispositivos digitais.

¹⁴⁵ SBARDELOTTO, Moisés. As Escolhas Políticas do Frei Gilson. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/649584-as-escolhas-politicas-do-frei-gilson> Acesso: 15/04/2025

Com formação em pedagogia e teologia, Padre Júlio Lancellotti atua desde a década de 1980 junto a populações vulneráveis, em especial pessoas em situação de rua. Sua trajetória é profundamente marcada pelos princípios da doutrina social da Igreja, que afirma, desde a encíclica *Rerum Novarum* (1891), a necessidade de atenção às condições de vida dos pobres e trabalhadores. Mais recentemente, suas práticas encontram respaldo nos documentos do Papa Francisco, como *Evangelii Gaudium* (2013) e *Fratelli Tutti* (2020), que convocam a Igreja para uma “revolução da ternura” e para a defesa radical da dignidade humana.

Padre Júlio é conhecido por seu engajamento direto: distribui alimentos, presta assistência social, denuncia práticas urbanísticas excludentes e enfrenta publicamente políticas de criminalização da pobreza. Sua ação pastoral é, eminentemente performativa: ela se dá no corpo a corpo com os excluídos, em espaços públicos e de forma visível.

O advento das plataformas digitais proporcionou ao Padre Júlio Lancellotti novas possibilidades para expandir a visibilidade de seu ministério pastoral. Fazendo uma leitura de sua atuação nas plataformas digitais, à luz de Castells (2015), vamos encontrando um apontamento de que em uma sociedade estruturada em redes de comunicação, "o poder é exercido pela construção de significados na mente das pessoas através dos processos de comunicação" (CASTELLS, 2015, p. 17)¹⁴⁶. Nesse contexto, o uso estratégico de redes sociais como Instagram, Twitter e YouTube por Padre Júlio evidencia como a comunicação digital possibilita a amplificação de vozes que, de outro modo, seriam frequentemente marginalizadas nos meios tradicionais de comunicação de massa.

A atuação digital do sacerdote se insere, portanto, no que Castells denomina "luta pela mente" (CASTELLS, 2015, p. 18)¹⁴⁷, na qual imagens e narrativas são disseminadas em rede para disputar sentidos e construir novas representações sociais. Imagens de Padre Júlio ao lado de populações de rua, vídeos denunciando práticas violentas e injustiças, transmissões ao vivo de missas e pronunciamentos pastorais compõem uma narrativa digital que associa sua imagem pública à defesa intransigente dos direitos humanos e da dignidade dos pobres.

¹⁴⁶ CASTELLS, Manuel. O Poder Da Comunicação. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. Editora: Paz & Terra. 2015. p.17.

¹⁴⁷ Ibid., p.18



(Figura 6. Padre Júlio Lancellotti, junto as pessoas em situação de rua. Instagram. Perfil @padrejulio.lancellotti em 25/02/2025)¹⁴⁸

A comunicação visual é central nesse processo. Conforme Castells destaca, "na sociedade da comunicação em rede, as imagens têm precedência sobre as palavras porque elas evocam emoções" (CASTELLS, 2015, p. 137)¹⁴⁹. Dessa maneira, o uso reiterado de registros visuais — que geram forte impacto emocional no público — se mostra decisivo para a viralização de sua mensagem. Trata-se de uma estética que combina resistência, empatia e denúncia social, favorecendo a mobilização afetiva dos usuários digitais, em consonância com a lógica de ação emocional que estrutura grande parte da comunicação política contemporânea (CASTELLS, 2015, p. 147)¹⁵⁰.

Tal exposição midiática não apenas amplia o alcance do trabalho pastoral de Padre Júlio, mas também o consolida como uma figura pública de projeção nacional e internacional, "aqueles que conseguem criar as redes de comunicação mais

¹⁴⁸ INSTAGRAM. Perfil @padrejulio.lancellotti em 25/02/2025. Acesso em 10/05/2025.

¹⁴⁹ CASTELLS, Manuel. O Poder Da Comunicação. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. Editora: Paz & Terra. 2015. p.137.

¹⁵⁰ Ibid., p.147.

amplas e eficazes têm a capacidade de moldar a consciência pública" (CASTELLS, 2015, p. 147)¹⁵¹. Nesse sentido, o sacerdote não apenas atua no campo pastoral tradicional, mas também no ciberespaço, operando como um ator relevante na dinâmica de poder e contrapoder característica da sociedade em rede (CASTELLS, 2015, p. 55)¹⁵².

Além disso, a lógica emocional que permeia a comunicação digital é fundamental para compreender seu êxito. Como destaca Castells, "as emoções organizadas são fundamentais para a ação coletiva" (CASTELLS, 2015, p. 163)¹⁵³, sendo a raiva, a compaixão e a indignação sentimentos-chave para a mobilização social em redes digitais.

Assim, a prática comunicacional de Padre Júlio exemplifica como a interação entre emoção, cognição e tecnologia de rede pode ser utilizada para impulsionar causas sociais e desafiar as estruturas de poder instituídas. Sua atuação confirma a hipótese de Castells de que "movimentos sociais são reprogramações das redes de comunicação social" (CASTELLS, 2015, p. 243)¹⁵⁴, introduzindo novos valores e propostas de transformação cultural a partir da circulação descentralizada de informações.

A notoriedade de Padre Júlio Lancellotti nas redes sociais consolidou sua associação à chamada "ala progressista" da Igreja Católica. Essa percepção, embora popular, precisa ser analisada com cautela. O progressismo atribuído a Lancellotti não se refere necessariamente a um posicionamento doutrinal heterodoxo, mas à radicalidade evangélica de sua prática pastoral, que prioriza os pobres, denuncia estruturas de pecado social e insiste na misericórdia como princípio teológico fundamental.

Contudo, em um contexto eclesial polarizado, marcado por tensões entre setores mais conservadores e iniciativas que propõem abertura e diálogo (como a sinodalidade promovida pelo Papa Francisco), sua atuação é frequentemente lida em chave política. Setores católicos mais tradicionais acusam-no de "politizar" a fé e de instrumentalizar a Igreja para causas sociais de viés esquerdista. Por outro lado,

¹⁵¹ Ibid.,

¹⁵² Ibid., p. 55.

¹⁵³ Ibid., p.163.

¹⁵⁴ Ibid., p. 243.

grupos progressistas, dentro e fora da Igreja, o veem como símbolo de uma renovação pastoral necessária e urgente.

Ao tensionar as fronteiras entre a ação pastoral e a intervenção social explícita, Lancellotti desafia modelos clericais tradicionais e propõe, em ato, uma Igreja que se arrisca nas "periferias existenciais" (Francisco, 2013, n.20)¹⁵⁵.

Recentemente, o padre criticou implicitamente Frei Gilson ao afirmar, durante uma missa, que "o demônio da madrugada é o frio, a fome e o abandono"¹⁵⁶, sinalizando o embate entre diferentes visões de Igreja: uma voltada ao consolo devocional e outra ao compromisso social.

Porém, Padre Júlio não descarta a importância da religiosidade mais espiritualizada, mas defende que tudo o que se reza tem que levar a uma conversão concreta inclusive nas ações sociais. Disse em uma de suas pregações, disponível em vídeo no Instagram:

"Então a gente tem de rezar sim, mas tem de viver o que reza. Não adianta rezar e depois não servir aos mais pobres, aos fracos e aos pequenos. A gente reza sim, eu vou marcar um terço lá na missão Belém, já que vocês rezam de madrugada também. E saber isso, pode rezar de madrugada, é muito bom, mas quando for 6 horas da manhã, vai levar um café pro irmão de rua. Vai levar um pão pro irmão de rua, que em muitos abrigos, como os da Prefeitura, às 6 horas da manhã os põe todos na rua outra vez. É preciso que a gente seja coerente, a oração nos leva pra Deus, pra gente levar Deus pros irmãos. Senão não adianta, a gente tem de rezar e fazer da oração verdade."¹⁵⁷

As trajetórias de Frei Gilson e Padre Júlio Lancellotti representam expressões distintas, mas igualmente legítimas, da complexidade do catolicismo contemporâneo. Ambas as figuras mobilizam dimensões fundamentais da fé cristã — a espiritualidade e o compromisso social — ainda que em registros pastorais e comunicacionais diversos. Se, por um lado, a liturgia digital e a religiosidade popular ganham novo fôlego nas redes sociais, por outro, permanece o imperativo evangélico

¹⁵⁵ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 03/04/2025. n. 20.

¹⁵⁶ MORATELLI, Valmir. Revista Veja. Padre Júlio Lancellotti Joga Indireta Certeira a frei Gilson. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/padre-julio-lancellotti-joga-indireta-certeira-a-frei-gilson/> acesso em 01/01/2025.

¹⁵⁷ INSTAGRAM, Portal Tudo Acontece, 2025. Padre Júlio Lancellotti e Frei Gilson: Polêmica entre religiosos divide opiniões Disponível em: <https://www.instagram.com/portaltudoacontece/> acesso em 23/03/2025

de encarnar a fé nas realidades concretas da dor humana. A tensão entre essas abordagens não deve ser vista como uma ameaça à unidade da Igreja, mas como sintoma da pluralidade de modos de vivenciar e anunciar o Evangelho no tempo presente.

Nesse contexto, a sinodalidade, proposta pelo Papa Francisco como eixo estruturante da Igreja do século XXI, oferece um horizonte promissor. Ao valorizar a escuta, o discernimento comunitário e a corresponsabilidade eclesial, o caminho sinodal convida à superação de dicotomias estéreis entre tradição e inovação, devoção e compromisso, autoridade e participação. Em vez de acentuar rupturas, essa perspectiva propõe um modelo de Igreja que abrace suas tensões internas como oportunidades de aprofundamento teológico, renovação pastoral e reconciliação fraterna.

Portanto, mais do que escolher entre "likes" ou "pão", a Igreja é chamada a integrar essas dimensões como complementares, reconhecendo que a evangelização no contexto digital e nas periferias urbanas demanda criatividade, coerência e abertura ao diálogo. A coexistência de vozes como as de Frei Gilson e Padre Júlio não precisa ser entendida como ameaça à unidade, mas como expressão da riqueza e da diversidade de carismas que compõem o corpo eclesial. O desafio contemporâneo é transformar essa diversidade em comunhão viva, sustentada por uma escuta recíproca e por um compromisso comum com o Evangelho de Jesus Cristo.

3.4 – Frei Betto

Frei Betto, desde sua juventude, associou sua vocação religiosa à militância social. Atuou na resistência à ditadura militar brasileira (1964-1985), envolveu-se com comunidades eclesiás de base e defendeu a opção preferencial pelos pobres — princípio central da Teologia da Libertação. Sua produção intelectual e sua prática pastoral sempre buscaram articular fé e vida, espiritualidade e compromisso histórico.

Embora seja mais conhecido por suas obras literárias e pela participação ativa em movimentos sociais, Frei Betto também marca presença no ambiente digital, utilizando essas plataformas como espaços de disseminação de suas reflexões sobre fé, política e questões sociais. Sua atuação é consistentemente alinhada à

Teologia da Libertação, corrente teológica que se caracteriza por uma leitura evangélica comprometida com a justiça social e a defesa dos pobres.

Nas redes, Frei Betto compartilha conteúdos variados — artigos de opinião, vídeos, análises sociais e espirituais — que, além de informativos, possuem forte componente crítico e ético. Essa atividade reforça sua imagem pública como intelectual engajado e defensor intransigente dos direitos humanos, projetando-o como uma das figuras centrais da ala progressista da Igreja Católica no Brasil e na América Latina.

A comunicação de Frei Betto se estrutura em torno de uma postura profética, no sentido bíblico do termo: não apenas anunciar a Boa Nova, mas denunciar as estruturas de pecado que atentam contra a dignidade humana. Essa perspectiva fica clara em sua análise crítica da atual situação da Igreja Católica no Brasil, marcada pelo declínio no número de fiéis e pela perda de vitalidade e relevância social.

Ao questionar: "Será que dentro da Igreja Católica ainda há salvação para o Evangelho de Jesus?" (Betto, 2023)¹⁵⁸, Frei Betto propõe uma reflexão profunda sobre os rumos institucionais da Igreja. Ele assinala que, na década de 1950, o catolicismo era professado por 93,5% da população brasileira, número que caiu para 64,6% em 2010, com projeções indicando que, em 2030, os católicos representarão apenas entre 35% e 40% da população. Essa perda de protagonismo, segundo ele, resulta de erros estratégicos cometidos pela hierarquia eclesiástica, tais como o enfraquecimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o abandono da Ação Católica após o golpe militar de 1964.

Seu diagnóstico é contundente: "O clero sempre temeu o protagonismo dos leigos. Devem ser apenas cordeiros cuja lã serve para ser tosquiada pelos pastores" (Betto, 2023)¹⁵⁹. Essa crítica não apenas reflete a distância entre o ideal de uma Igreja participativa e a realidade de um clericalismo persistente, mas também justifica a opção de Frei Betto por uma comunicação que fortaleça a formação de consciência crítica entre os leigos e promova o protagonismo comunitário.

A comunicação de Frei Betto destaca-se pela clareza e pela capacidade de traduzir temas teológicos, sociais e políticos complexos em uma linguagem

¹⁵⁸ FREI BETTO. Carta aos bispos católicos do Brasil. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/650211-carta-aos-bispos-catolicos-do-brasil>. Acesso: 05/04/2025

¹⁵⁹ Ibid.,

acessível, sem incorrer em simplificações indevidas. Seu discurso permanece fiel a valores como solidariedade, fraternidade e justiça, elementos que nortearam as reformas propostas pelo Concílio Vaticano II (1962–1965), especialmente a valorização do laicato e a abertura da Igreja ao diálogo com o mundo contemporâneo.

Além disso, Frei Betto tece uma análise crítica sobre a qualidade da comunicação interna da Igreja Católica. Em suas palavras, muitas celebrações dominicais apresentam-se de forma excessivamente centrada na figura do sacerdote, limitando a participação ativa dos leigos e reproduzindo uma liturgia marcada pelo formalismo e pela distância emocional: "Na hora da homilia, por vezes suportam a pregação aborrecida de um celebrante que nunca fez curso de oratória, não tem conteúdo [...] e adota um discurso moralista" (Betto, 2023)¹⁶⁰.

Em contraste, ele observa que cultos evangélicos conseguem manter a participação ativa dos fiéis, criar redes de apoio mútuo e gerar senso de pertencimento comunitário — aspectos que faltam em muitas comunidades católicas. Essa comparação não visa fomentar rivalidades inter-religiosas, mas sim alertar para a necessidade de repensar práticas pastorais e comunicacionais que restituam à Igreja o vigor de sua missão evangelizadora.

A projeção de Frei Betto nas redes digitais também o insere nos debates polarizados que marcam a sociedade contemporânea e, em particular, a Igreja, inclusive causando aversão em ambientes da sociedade que são considerados mais da ala direita conservadora.

¹⁶⁰ Ibid.,



Gazeta do Povo · Seguir

12 de jun. de 2023 ·

•••

A decisão da instituição de ensino veio após um abaixo-assinado online subscrito por mais de 2 mil pessoas, a maioria pais de alunos, contra o evento. "Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Chisto) é adepto da Teologia da Libertação e é militante de programas pastorais e sociais", diz um trecho do abaixo-assinado.

#GazetadoPovo #FreiBetto



gazetadopovo.com.br

Após pressão de pais, escola gaúcha cancela palestra com Frei Betto

(Figura 7. Após pressão de pais, escola gaúcha cancela palestra com Frei Betto. Post no Instagram. Perfil @gazetadopovo em 12/06/2023)¹⁶¹

Sua defesa de pautas como reforma agrária, direitos das minorias, combate à fome e crítica ao neoliberalismo o torna alvo de críticas de setores conservadores, que o acusam de politizar a fé.

"A religião, como a política, serve para libertar e serve para oprimir. Depende de como é aplicada. Na época de Jesus quem tinha o poder político tinha um poder religioso e vice-versa. A direita descobriu sempre isso, de que a religião é um fator forte de domesticação e mobilização popular. Para nós,

¹⁶¹ INSTAGRAM. Perfil @Gazetadopovo. Após pressão de pais, escola gaúcha cancela palestra com Frei Betto. 12/06/2023. Acesso em 10/05/2025.

progressistas, a religião deveria ser aquilo que foi na prática de Jesus e dos seus apóstolos: um fator de libertação e de despertar a consciência crítica. É preciso levar a sério um trabalho político com a esfera religiosa”¹⁶²

No entanto, essa mesma postura é o que lhe garante reconhecimento nacional e internacional como uma voz profética. Conforme Moltmann, a fé cristã autêntica é intrinsecamente esperançosa e transformadora, e deve se posicionar “não ao lado dos vencedores da história, mas dos vencidos” (MOLTMANN, 1975, p.19),¹⁶³. Frei Betto, ao atuar publicamente em defesa dos marginalizados, encarna essa dimensão da esperança cristã.

Sua notoriedade no ambiente digital, portanto, não é apenas fruto de estratégias de comunicação bem-sucedidas, mas expressão de uma coerência entre sua vida, sua fé e suas opções políticas, características essenciais para a credibilidade de líderes religiosos em tempos de crise de legitimidade institucional.

3.5 - Dom Vicente Ferreira

Com o Magistério do Papa Francisco, considerado um progressista na hierarquia da Igreja Católica, essa ala possui como vimos anteriormente, forte adesão de padres, leigos, e de grande parte do episcopado, um desses é Dom Vicente Ferreira, atual bispo titular da diocese de Livramento de Nossa Senhora, BA que construiu sua trajetória pastoral com forte ênfase na teologia da justiça e na solidariedade com os vulneráveis.

Após os crimes ambientais em Minas Gerais, tornou-se referência nacional na luta por justiça socioambiental, denunciando os impactos da mineração predatória afirmando que “as estratégias de reparação continuam violando territórios, grupos e pessoas em nome do lucro, como se tudo, bondosamente e com muito dinheiro, estivesse sendo feito para a volta de um equilíbrio socioambiental”.¹⁶⁴

¹⁶² BRASIL DE FATO. Frei Betto: A religião, como a política, serve para libertar e serve para oprimir. Disponível em:<https://www.brasildefato.com.br/podcast/bem-viver/2024/04/05/frei-betto-a-religiao-como-a-politica-serve-para-libertar-e-serve-para-oprimir/> acesso: 05/04/2025

¹⁶³ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Leopoldo: Sinodal, 1975. p.19.

¹⁶⁴ MODINO, Luis Miguel. Dom Vicente Ferreira: Brumadinho, Passar “Do Luto De Cada Um À Luta Comum” Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620670-dom-vicente-ferreira-brumadinho-passar-do-luto-de-cada-um-a-luta-comum> Acesso: 06/04/2025



(Figura 8. Fonte: Facebook.com/domvicenteferreira. 23/01/2023)¹⁶⁵

Em entrevista, Dom Vicente, questiona a impunidade e denuncia suas consequências,

"O sentimento de impunidade, o luto individual e coletivo, as divisões provocadas pelas mineradoras, a não participação dos atingidos nos acordos feitos, são alguns dos fatores que impactam e impossibilitam a recuperação da saúde integral da população na bacia do Rio Paraopeba e na represa de Três Marias"¹⁶⁶

Sua atuação é profundamente enraizada na Doutrina Social da Igreja e nos ensinamentos do Papa Francisco, especialmente na encíclica Laudato Si' (2015), que propõe uma ecologia integral. Ferreira não se limita à denúncia: ele propõe alternativas, encoraja a organização comunitária e convoca os fiéis a uma espiritualidade comprometida com a transformação da realidade.

¹⁶⁵ FACEBOOK. Perfil Dom Vicente Ferreira. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=619554460174983&set=pb.100063613026721.-2207520000&type=3&locale=pt_BR acesso em 10/05/2025.

¹⁶⁶ VASCONCELLOS, Ana Carolina. Brasil De Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/24/a-gente-continua-resistindo-por-memoria-justica-e-esperanca-diz-dom-vicente-ferreira/> acesso: 06/04/2025

Dom Vicente muito ativo nas plataformas digitais, comprehende a importância das redes digitais como instrumentos de evangelização e mobilização social. Seus perfis digitais exibem uma estética sóbria, mas profundamente afetiva. Fotografias em comunidades impactadas, vídeos de pronunciamentos em audiências públicas e celebrações litúrgicas em memória das vítimas de desastres compõem sua narrativa digital.

Essa comunicação aproxima-se da lógica do que Jenkins (2006, p.4)¹⁶⁷ denomina "cultura da participação", permitindo que seus seguidores interajam, comentem e partilhem suas postagens, ampliando o alcance de sua mensagem.

A linguagem empregada é acessível e pastoral, evitando tecnicismos, mas sem renunciar a um conteúdo teológico denso e ético. Dessa forma, Dom Vicente se conecta tanto com o público tradicionalmente católico quanto com setores mais amplos da sociedade civil organizada.

A notoriedade digital de Dom Vicente Ferreira não é casual. Ela é fruto de uma atuação pastoral que, ao se alinhar com temas contemporâneos como justiça socioambiental, direitos humanos e solidariedade com os pobres, ressoa fortemente com as agendas sociais emergentes. Em seus discursos, denuncia a disputa pela linguagem e pela visibilidade.

Um ponto que é fundamental é a disputa pela linguagem, pela narrativa, pela visibilidade. Infelizmente, esse sistema hegemônico, capitalista, que está aí, que só pensa no lucro, tem o poder da comunicação em suas mãos.

Por exemplo, a Vale, ela monstra o que está fazendo, mas aquilo que ela não faz, e a dor do povo que sofre com seus crimes, ela não mostra.¹⁶⁸

O bispo também se destaca por um posicionamento claro contra o clericalismo e por uma crítica ao distanciamento da Igreja das realidades sofridas do povo, temas frequentemente abordados pelo Papa Francisco e tratados com profundidade no Concílio Vaticano II (1962-1965).

Em relação à Igreja, Dom Vicente de Paula falou das três conversões profetizadas pelo Papa Francisco: Eclesiológica (*Evangelii Gaudium*), Ecológica (*Laudato Si'*) e Cultural (*Fratelli Tutti*), afirmando existir pessoas, grupos, redes que se empenham nessa direção, citando exemplos disso.

Mas também relatava a existência de grupos fechados, centrados no culto,

¹⁶⁷ JENKINS, H. *Confronting the Challenges of Participatory Culture: media education for 21st century*. Chicago, IL: MacArthur Foundation, 2006. p.4.

¹⁶⁸ MODINO, Luis Miguel. Caravana pela Ecologia Integral. Entrevista com Dom Vicente Ferreira Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617703> Acesso: 06/04/2025

alienados da vida, com uma fé sem a dimensão política, uma espiritualidade da prosperidade, reproduzora do sistema de consumo, o que tem como resultado um cristianismo de consumo.¹⁶⁹

Toda essa situação polarizadora dentro da Igreja causa uma preocupação e até um clima de perseguição político-religiosa e sobre isso,

O bispo chegou a falar de uma perseguição aos que buscam uma Espiritualidade socioambiental-transformadora, imagem do Reino de Deus. Isso se manifesta em um “cisma latente entre nós”. Existem, segundo Dom Vicente de Paula, “tribunais da fé representados por grupos ou influencers do ‘verdadeiro sagrado’, que se julgam legítimos defensores de Deus, da Pátria e da família”.¹⁷⁰

O destaque conquistado por Dom Vicente nas redes sociais também gera tensões dentro da própria Igreja. Parte do episcopado e de setores católicos mais conservadores vê sua atuação com reservas, associando suas posições ao que chamam de "politicização" da fé.

Entretanto, sua crescente popularidade entre movimentos sociais, organizações de direitos humanos e setores progressistas do laicato católico evidencia que sua presença digital corresponde a uma demanda por renovação profética da ação eclesial. Em tempos de polarização religiosa, sua comunicação equilibra fidelidade ao Evangelho com o chamado à transformação estrutural da sociedade.

3.6 - A Disputa pelo Poder Simbólico na Igreja Católica: Uma Leitura a partir de Pierre Bourdieu

No interior da Igreja Católica brasileira contemporânea, a tensão entre setores conservadores e progressistas revela uma dinâmica que vai além das divergências teológicas. Trata-se, como propõe Pierre Bourdieu, de uma verdadeira luta pela apropriação e propagação do poder simbólico — o poder de "constituir o dado ao enunciá-lo, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo e, através dela, a ação sobre o mundo" (BOURDIEU, 2008, p. 122)¹⁷¹.

¹⁶⁹ Ibid..

¹⁷⁰ Ibid., Dom Vicente de Paula Ferreira: Assembleia Eclesial, oportunidade para “escutar a polissemia do Povo de Deus” Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616378-dom-vicente-de-paula-ferreira-assembleia-eclesial-oportunidade-para-escutar-a-polissemia-do-povo-de-deus> Acesso: 06/04/2025

¹⁷¹ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma Teoria da Prática*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Essa disputa simbólica torna-se ainda mais visível nas plataformas digitais, nas quais diferentes agentes eclesiás competem pelo reconhecimento legítimo de quem pode falar em nome da fé católica. Essa competição impacta profundamente não apenas a configuração interna da Igreja, mas também o comportamento dos fiéis e, por consequência, o cenário político brasileiro.

Segundo Bourdieu, o campo religioso é um espaço estruturado de posições em constante disputa, onde diferentes agentes "competem pela autoridade para dizer o que é verdadeiro no domínio da crença" (BORDIEU, 2008, p. 125)¹⁷². No catolicismo brasileiro, os setores conservadores procuram preservar a autoridade da tradição, promovendo uma visão da fé como inalterável e atemporal. Já os progressistas buscam redefinir a Igreja como espaço de acolhimento, transformação social e inclusão.

Essa tensão evidencia-se no modo como ambos os grupos se mobilizam para legitimar suas posições perante a comunidade eclesial e a sociedade mais ampla. Para Bourdieu, o poder simbólico é eficaz porque opera como se fosse natural, dissimulando suas origens sociais: "O poder simbólico é um poder de construir a realidade" (BOURDIEU, 2008, p. 124)¹⁷³.

Assim, a proclamação da fé "imutável" pelos conservadores e a proposta de uma Igreja renovadora pelos progressistas são mais do que discursos teológicos: são como que estratégias ativas de imposição de uma visão legítima da religião.

Um aspecto fundamental dessa luta simbólica é que ambos os grupos — conservadores e progressistas — são formados por agentes legitimados sacramentalmente, como padres e bispos. Conforme Bourdieu, "a força da instituição depende da força dos agentes que a encarnam" (BORDIEU, 2008, p. 116)¹⁷⁴, ou seja, da capacidade de seus representantes em encarnar e difundir a autoridade simbólica que a instituição carrega.

Padres conservadores como Padre Paulo Ricardo e Frei Gilson reforçam a imagem de uma Igreja guardiã da tradição, assumindo posições públicas que defendem hierarquia rígida, moral sexual estrita e resistência a mudanças sociais. Por outro lado, figuras como Padre Júlio Lancellotti, Frei Betto e Dom Vicente Ferreira

¹⁷² Ibid., p.125

¹⁷³ Ibid., p.124

¹⁷⁴ Ibid., p. 116

se destacam por associarem a fé a práticas de justiça social, defesa dos marginalizados e apelo à reforma pastoral.

Esta divergência é, segundo Bourdieu, típica dos campos em disputa, nos quais "os agentes investem suas crenças na manutenção ou transformação do campo" (BOURDIEU, 2008, p. 128)¹⁷⁵.

A luta simbólica entre conservadores e progressistas influencia diretamente o comportamento dos fiéis. Cada narrativa procura moldar práticas religiosas e posturas políticas, mobilizando sentimentos de pertença, medo, esperança ou indignação. Como afirma Bourdieu, o poder simbólico "age sobre aqueles que lhe conferem poder pela crença" (BOURDIEU, 2008, p. 123)¹⁷⁶, operando através da internalização inconsciente das estruturas simbólicas.

Assim, não é surpreendente que haja uma correlação entre o engajamento dos fiéis em causas sociais, a adesão a movimentos populares, ou, por outro lado, o fortalecimento de visões políticas alinhadas ao conservadorismo, conforme o tipo de liderança religiosa que predomina em seus espaços de referência.

No ambiente digital, a disputa se acentua ainda mais: redes sociais amplificam a capacidade dos agentes religiosos de construir suas bases de apoio e disputar a autoridade simbólica em tempo real, num processo dinâmico de constante legitimação e resistência.

A partir da teoria de Pierre Bourdieu, torna-se evidente que a tensão entre setores conservadores e progressistas da Igreja Católica brasileira não se limita ao campo da teologia. Trata-se de uma disputa pelo monopólio do poder simbólico, pela capacidade de definir o que é a verdadeira fé católica e quem possui legitimidade para proclamá-la.

Compreender essa dinâmica é importante para interpretar as mudanças em curso na Igreja e seu impacto no tecido social e político do Brasil contemporâneo. Essa afirmação pode ser iluminada pelo conceito de religião como ator público formulado por José Casanova. Para ele, a secularização não eliminou o papel político das religiões, mas transformou sua forma de presença no espaço público. Em contextos como no caso o brasileiro, marcado por tensões morais e sociais, a Igreja exerce influência tanto nas políticas públicas quanto nos imaginários coletivos,

¹⁷⁵ Ibid., p. 128

¹⁷⁶ Ibid., p. 123

sendo parte ativa dos debates sobre ética, cidadania e direitos (CASANOVA, 2000, p. 23).

Além disso, Emílio Gentile destaca que religiões, ao se articularem com discursos políticos, podem operar como forças simbólicas estruturantes de projetos de nação ou resistência a eles, especialmente quando se posicionam diante de crises democráticas ou polarizações ideológicas (GENTILE, 2006). A sinodalidade e seu impacto na construção de uma Igreja mais dialogal, inclusiva e comprometida com sua missão pastoral no mundo atual conecta-se diretamente com a proposta do Papa Francisco de uma "Igreja em saída", conforme formulado na exortação *Evangelii Gaudium*. Francisco propõe um modelo eclesial descentralizado, de escuta e participação, afirmando que "o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio" (FRANCISCO, 2013, n. 33).

Assim, o próximo capítulo objetiva a compreensão da sinodalidade como prática comunicacional e método político da Igreja. A essencialidade sinodal oferece um posicionamento frente às transformações do mundo contemporâneo. Trata-se de uma mudança de linguagem, poder e escuta, com efeitos diretos na forma como a Igreja Católica dialoga com a democracia, os movimentos sociais e os desafios ético-políticos do Brasil atual.

3.7 Sinodalidade e comunicação digital: uma síntese pastoral

A sinodalidade, enquanto paradigma eclesiológico emergente, assume relevância central na reconfiguração das práticas comunicacionais da Igreja Católica no contexto digital. Conforme explicitado pelo Papa Francisco no discurso por ocasião do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, "o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio" (FRANCISCO, 2015)¹⁷⁷. Esta afirmação não se limita a uma orientação administrativa, mas reflete uma opção teológica e pastoral profunda, que propõe uma Igreja caracterizada por escuta recíproca, discernimento comunitário e corresponsabilidade missionária.

Aplicada à comunicação, a sinodalidade propõe uma ruptura com o modelo vertical e unidirecional que marcou grande parte da história eclesial, substituindo-o

¹⁷⁷ FRANCISCO, Papa. Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 2022. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em:01/05/2025.

por uma lógica dialógica e polifônica, em consonância com a *Evangelii Gaudium*, quando esta afirma que “mais do que nunca, precisamos de uma Igreja capaz de formar e acompanhar, de escutar e discernir” (EG, n. 171)¹⁷⁸. Tal perspectiva exige compreender o ambiente digital não apenas como instrumento ou canal, mas como verdadeiro lugar teológico, onde a fé é expressa, interpretada e confrontada.

A inserção da sinodalidade na cultura digital requer reconhecer que as redes sociais não funcionam segundo a lógica da transmissão centralizada, mas se estruturam como redes (CASTELLS, 2009)¹⁷⁹, onde múltiplos polos de emissão disputam autoridade simbólica e legitimidade discursiva. Nesse cenário, a presença digital de agentes pastorais e influenciadores católicos não pode ser avaliada unicamente pelo alcance ou engajamento, mas pela sua capacidade de gerar comunhão, favorecer processos de escuta e criar vínculos entre diferentes segmentos da comunidade eclesial.

O desafio pastoral se intensifica quando se considera que a lógica algorítmica que organiza a visibilidade no ambiente digital favorece conteúdos de forte carga emocional, polarização e simplificação discursiva — fatores que, se não forem discernidos, podem contribuir para tensões internas e mesmo para processos de cisma simbólico. Nesse sentido, a sinodalidade oferece um critério hermenêutico para a comunicação eclesial: comunicar de modo que a pluralidade legítima seja acolhida sem que a unidade eclesial seja comprometida, preservando a integridade do “*depositum fidei*”¹⁸⁰ e evitando que a mensagem cristã seja fragmentada ou instrumentalizada por agendas externas à missão da Igreja.

À luz dessa compreensão, três implicações pastorais se destacam:

1. Formação integral para a missão digital: é imprescindível preparar líderes e agentes pastorais com competência teológica, comunicacional e tecnológica, capazes de atuar de forma crítica no espaço digital, conjugando fidelidade ao magistério com sensibilidade às linguagens contemporâneas.

¹⁷⁸ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*. 2013. n.171. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 03/06/2025.

¹⁷⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v. 1

¹⁸⁰ O *depositum fidei* (depósito da fé) é a totalidade da revelação divina confiada por Cristo e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, e que deve ser fielmente guardada, transmitida e interpretada pelo Magistério da Igreja. Esse depósito abrange a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição, constituindo a fonte única e imutável da fé cristã, embora sua compreensão possa crescer no decorrer da história por meio da assistência do Espírito Santo.

2. Construção de ecossistemas comunicacionais sinodais: a comunicação eclesial na era digital deve favorecer a interação entre diferentes instâncias da Igreja — paróquias, dioceses, movimentos, conferências episcopais e o próprio magistério pontifício — de forma articulada, evitando sobreposição de discursos ou dispersão de sentidos.
3. Discernimento comunitário das narrativas digitais: o espaço online precisa ser habitado com uma postura de escuta e discernimento coletivo, identificando e valorizando narrativas que edifiquem a comunhão e combatendo aquelas que fomentam desinformação, sectarismo ou exclusão.

Do ponto de vista teológico, a sinodalidade no contexto digital pode ser compreendida como expressão contemporânea da eclesiologia de comunhão promovida pelo Concílio Vaticano II, que, em *Lumen Gentium* (n. 12)¹⁸¹, reconhece a presença e ação do Espírito Santo não apenas nos pastores, mas em todo o povo de Deus. Essa visão, transposta para o ambiente digital, implica considerar a participação efetiva dos fiéis leigos na produção e circulação de conteúdos como parte integrante da missão da Igreja, desde que em comunhão com a sua identidade doutrinal.

Pastoralmente, trata-se de fazer das redes digitais não um prolongamento da lógica de marketing religioso, mas espaços de encontro e caminhada conjunta. Aqui, a noção de “Igreja em saída” (EG, n. 20)¹⁸² encontra sua tradução concreta na missão digital, que deve ser exercida não a partir de uma postura defensiva ou autorreferencial, mas como abertura à escuta das alegrias, esperanças, tristezas e angústias (cf. *Gaudium et Spes*, n. 1)¹⁸³ dos homens e mulheres que habitam o “continente digital” (BENTO XVI, 2009)¹⁸⁴.

Assim, a comunicação sinodal na era digital não é uma adaptação superficial às novas tecnologias, mas um aprofundamento da identidade missionária da Igreja, que a impulsiona a viver sua vocação de sacramento universal de salvação em todas as linguagens e contextos. A superação do risco de cisma simbólico e da

¹⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 25. ed. São Paulo: Paulus, 2021. p. 121-176

¹⁸² Ibidem 177. n. 20.

¹⁸³ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual. 25. ed. São Paulo: Paulus, 2021,n.1.

¹⁸⁴ BENTO XVI. Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vaticano, 24 maio 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html. Acesso em: 10/05/2025.

fragmentação pastoral passa por reconhecer que a unidade não se constrói pela uniformidade, mas pela integração harmoniosa das diferenças, orientada pelo discernimento comunitário e pela fidelidade ao Evangelho.

Em síntese, a sinodalidade, aplicada ao universo digital, não é apenas uma resposta pastoral às demandas contemporâneas, mas um verdadeiro princípio estruturante para a comunicação eclesial, capaz de transformar as redes sociais de espaços de disputa em lugar de comunhão. Trata-se de recuperar, no ambiente virtual, a experiência das primeiras comunidades cristãs, descritas nos Atos dos Apóstolos, que “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações” (At 2,42), agora reinterpretada à luz das possibilidades e desafios que a cultura digital oferece.

O percurso desenvolvido até então, evidencia a centralidade da sinodalidade como chave hermenêutica para a compreensão da missão e da estrutura da Igreja no mundo contemporâneo. Ao abordar a proposta sinodal de Francisco, articulando os eixos da escuta, da participação e da missão, torna-se possível perceber uma mudança de paradigma eclesial que repercute não apenas em documentos e estruturas, mas sobretudo nas práticas comunicacionais e pastorais.

A análise da presença dos influenciadores católicos, especialmente clérigos, nas redes sociais revelou um campo tensionado entre fidelidade e inovação, entre comunhão e protagonismos individuais. A evangelização digital, quando vivida sob a luz da sinodalidade, pode converter-se em verdadeiro espaço de comunhão e escuta, de proximidade com os fiéis e de acolhida dos que estão nas periferias existenciais. Porém, quando desarticulada dos critérios evangélicos e do magistério, pode favorecer personalismos, polarizações e rupturas simbólicas que corroem a unidade eclesial.

O ambiente digital, longe de ser neutro, impõe seus próprios códigos, acelerando a circulação de discursos e influenciando modos de pertença e autoridade. Por isso, exige formação adequada, discernimento contínuo e uma sólida espiritualidade que ancore o ministério comunicativo na lógica do Evangelho. O exemplo do encontro entre Frei Gilson e padre Júlio Lancellotti, como vimos no final do capítulo anterior, mostrou que é possível conjugar carismas diversos numa mesma comunhão, sendo sinal visível da Igreja que caminha junto, como corpo reconciliado e missionário.

Ao integrar o ethos sinodal nas práticas digitais, a Igreja pode não apenas ampliar sua presença no mundo conectado, mas também testemunhar um novo modo de ser, onde a comunicação não é instrumento de poder, mas expressão da caridade. Como afirma Francisco, “que torna boa e plenamente humana a comunicação é precisamente a escuta de quem está à nossa frente, face a face, a escuta do outro abeirando-nos dele com abertura leal, confiante e honesta” (Francisco, 2022)¹⁸⁵. Essa escuta, tornada cultura, é a base de uma Igreja sinodal que dialoga, acolhe e anuncia com autenticidade.

Sendo assim, a sinodalidade, enquanto horizonte teológico e pastoral, representa uma resposta fecunda aos desafios da contemporaneidade. Sua vivência exige corresponsabilidade, conversão eclesial e compromisso com a verdade do Evangelho. A comunicação digital, como campo missionário emergente, deve ser integrada a esse caminho, não como moda ou técnica, mas como parte da identidade da Igreja do terceiro milênio. Evangelizar de forma sinodal é fazer das redes instrumentos de comunhão, escuta e esperança, iluminando com o Evangelho as novas encruzilhadas da história.

¹⁸⁵ FRANCISCO, Papa. Mensagem para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em:01/05/2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo analisar, de forma crítica e abrangente, as transformações da comunicação eclesial na Igreja Católica diante da cultura digital, investigando como o paradigma da sinodalidade pode servir como resposta teológica, pastoral e comunicacional aos desafios impostos pela modernidade líquida. Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender de que maneira as dinâmicas contemporâneas, caracterizadas pela fragmentação de sentidos, pela multiplicação de disputas simbólicas e pela reconfiguração da autoridade religiosa, impactam a missão evangelizadora e a unidade da Igreja, sobretudo no contexto brasileiro.

O percurso desenvolvido permitiu identificar que a chegada da cultura digital provocou não apenas mudanças estruturais nas formas de comunicar, mas também profundas alterações na maneira como se constrói o pertencimento e a autoridade no campo religioso. O deslocamento da centralidade comunicativa — historicamente concentrada na hierarquia eclesial — para uma dinâmica mais distribuída e interativa, própria das redes sociais, gerou oportunidades inéditas de alcance e proximidade com os fiéis, mas também ampliou riscos de polarização, fragmentação e até de ruptura simbólica, aproximando-se de dinâmicas históricas associadas a cismas.

A análise dos antecedentes históricos, como o Cisma do Oriente, o Grande Cisma do Ocidente e a Reforma Protestante, evidenciou que, embora o contexto atual seja distinto, as tensões internas sempre acompanharam a trajetória da Igreja. No passado, divergências teológicas, políticas e culturais foram intensificadas por disputas de autoridade e falhas de comunicação. No presente, as redes digitais se tornam palco de uma nova forma de disputa, em que a visibilidade e a capacidade de influenciar se tornam recursos de poder simbólico. Aqui, a teoria de Pierre Bourdieu mostrou-se pertinente para compreender como o “campo religioso” se reconfigura, incorporando novas formas de capital simbólico e novas áreas de legitimação.

A emergência de bispo e sacerdotes influenciadores digitais, investigada nesta pesquisa, revelou uma ambivalência: por um lado, eles expandem a presença da Igreja para territórios digitais onde a instituição dificilmente chegaria com seus canais tradicionais; por outro, atuam muitas vezes de forma autônoma e

desconectada das orientações magisteriais, podendo reforçar polarizações e promover agendas particulares. O caso brasileiro é particularmente expressivo, dado o peso das redes sociais no debate público e a pluralidade de discursos que convivem no ambiente católico.

É nesse cenário que a sinodalidade se apresenta como chave hermenêutica e operacional para a Igreja. Entendida como prática de escuta, discernimento coletivo e corresponsabilidade, a sinodalidade oferece um caminho para que a Igreja habite o ambiente digital de maneira coerente com sua identidade e missão. Mais do que uma estratégia organizacional, ela constitui um ethos eclesial capaz de integrar diversidade e unidade, evitando tanto a rigidez autorreferencial quanto a diluição relativista. A leitura à luz de autores como Paul Ricoeur e Dominique Maingueneau mostrou que a comunicação sinodal não se limita à troca de informações, mas envolve reconhecimento mútuo e construção conjunta de sentido, condições indispensáveis para o fortalecimento da comunhão.

A partir da análise documental, constatou-se que o magistério recente, especialmente no pontificado do Papa Francisco, tem insistido na necessidade de uma “Igreja em saída”, aberta ao diálogo e atenta aos sinais dos tempos. Documentos como *“Evangelii Gaudium”*, *“Laudato Si”* e *“Fratelli Tutti”*, além dos textos preparatórios do Sínodo sobre a Sinodalidade, oferecem diretrizes claras para uma presença digital marcada pela escuta, pelo respeito e pela busca da unidade. Ao mesmo tempo, a reflexão a partir de *Communio et Progressio*, *Redemptoris Missio* e *Antiqua et Nova* evidencia que a Igreja reconhece nos meios de comunicação não apenas ferramentas, mas verdadeiros ambientes de evangelização que exigem uma presença consciente e formativa.

Do ponto de vista prático, esta pesquisa aponta para a urgência de que a Igreja desenvolva uma política comunicacional integrada, capaz de articular a atuação institucional e a presença de agentes individuais nas redes. Tal política deveria contemplar: formação continuada de clérigos e leigos para o uso ético, criativo e pastoral dos meios digitais; mecanismos de diálogo e acompanhamento entre influenciadores católicos e a autoridade eclesial, evitando rupturas e promovendo comunhão; Estratégias narrativas que privilegiem a profundidade do conteúdo evangelizador sem perder a linguagem acessível própria das redes sociais; Práticas sinodais aplicadas ao ambiente digital, envolvendo escuta ativa, construção coletiva de pautas e discernimento comunitário das mensagens difundidas.

Não se ignora, contudo, que este estudo possui limitações. O recorte dado à análise de influenciadores digitais no Brasil não esgota a complexidade do fenômeno, que se manifesta de formas diversas em outros contextos culturais. Além disso, a rápida evolução tecnológica torna qualquer diagnóstico parcial e provisório, exigindo atualização constante das análises.

Em síntese, a pesquisa demonstrou que a influência na Igreja Católica, no contexto digital, situa-se “entre o cisma e a sinodalidade”: entre o risco real de fragmentação e a possibilidade concreta de comunhão renovada. O caminho proposto pelo Papa Francisco, centrado na sinodalidade, não é apenas uma resposta pastoral, mas um convite a repensar a própria comunicação da Igreja como extensão do seu ser e da sua missão. Habitar o mundo digital com espírito sinodal significa reconhecer a pluralidade sem perder a unidade, comunicar a verdade com caridade e escutar antes de falar.

Assim, conclui-se que a Igreja, para permanecer fiel ao Evangelho na era digital, precisa conjugar tradição e inovação, autoridade e diálogo, clareza doutrinal e abertura pastoral. O desafio é grande, mas a história da Igreja demonstra sua capacidade de adaptação sem perder a essência. Ao abraçar a sinodalidade como paradigma comunicacional, ela pode não apenas enfrentar os desafios da modernidade líquida, mas também transformar o ambiente digital em um verdadeiro espaço de encontro, comunhão e missão.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BBC NEWS. **Porque maior oposição a Papa Francisco dentro da Igreja Católica vinha dos EUA**.
- BECK, Ulrich. **A SOCIEDADE DO RISCO: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BENTO XVI. **MENSAGEM PARA O 44º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS**. 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html Acesso em: 15/01/2025.
- _____. **MENSAGEM PARA O 45º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS**. 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html Acesso em: 13/02/2025.
- _____. **MENSAGEM PARA O 47º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES**. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html Acesso em: 13/03/2025.
- BÍBLIA. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **METAMORFOSES DA CULTURA JURÍDICA: direito, pós-modernidade e a condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BOLZETTA, Fábio. **LA CHIESA NEL DIGITALE: Strumenti e proposte**. Via Umbria, Tau Editrice 2022.
- BONFIM, Willian. CNBB. **CNBB promove encontro com os padres que evangelizam no ambiente digital em sua sede em Brasília (DF)**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-promove-encontro-com-os-padres-que-evangelizam-no-ambiente-digital>. Acesso em 13/02/2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____, _____. **O PODER SIMBÓLICO**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAGA, J. L. **MEDIATIZAÇÃO COMO PROCESSO INTERACIONAL DE REFERÊNCIA**. Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática, 5(2). <https://doi.org/10.5902/2175497790408> Acesso em: 15/02/2025.

BRASIL DE FATO. SÃO OS COMUNISTAS QUE PENSAM COMO OS CRISTÃOS. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/11/11/papa-francisco-comunistas-pensam-como-os-cristaos/> Acesso em: 05/05/2025.

BRIGHTENTI, Agenor. O NOVO ROSTO DO CLERO: Perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis. Vozes,2021.

_____, _____. **SINODALIDADE COMO REFRÃO: UM NOVO MODO DE SER IGREJA PARA UMA NOVA SOCIEDADE.** Perspectiva Teológica, v. 54, n. 1, p. 133-154, jan./abr. 2022.

CASANOVA, José. PÚBLICAS RELIGIÕES NO MUNDO MODERNO. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

_____, _____. **PÚBLICO E RELIGIOSO: modernidade e laicidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

CASTELLS, Manuel. A SOCIEDADE EM REDE. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, v. 1.

_____, _____. **COMUNICAÇÃO E PODER.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CNBB. DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL. Brasília. Edições CNBB. 2014.

_____. **CNBB promove encontro com os padres que evangelizam no ambiente digital.** Brasília: CNBB, 29 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-promove-encontro-com-os-padres-que-evangelizam-no-ambiente-digital/>. Acesso em: 13/03/2025.

_____. **DOCUMENTO DE APARECIDA.** São Paulo, Paulinas, Paulus, 2007.

CNN BRASIL. PADRE JÚLIO LANCELLOTTI VISITA FREI GILSON: “Estamos unidos”. CNN Brasil, São Paulo, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/padre-julio-lancellotti-visita-frei-gilson-estamos-unidos/>. Acesso em: 02/05/2025.

Comissão Pontifícia dos Meios de Comunicação Social. **COMMUNIO ET PROGRESSIO:** Instrução Pastoral. São Paulo: Paulinas. 1971.

CONCÍLIO VATICANO II. INTER MIRIFICA. Decreto sobre os meios de comunicação social, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 15 /01/2025.

CZERNY, Michael. UMA IGREJA QUE “CAMINHA JUNTO”: sinodalidade na era do Papa Francisco. Perspectiva Teológica, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022. DOI: 10.20911/21768757v54n1p67/2022.

DÍAZ, Ary Waldir Ramos. ACI Digital. A GUERRA NA UCRÂNIA É “UMA COISA DO DIABO”, DIZ O PAPA FRANCISCO. Disponível em

<https://www.acidigital.com/noticia/56104/a-guerra-na-ucrania-e-uma-coisa-do-diabo-diz-o-papa-francisco>. Acesso em 13/03/2025.

DONINNI, Débora. Vatican News. **PAPA: ATENÇÃO COM O CONSUMISMO; A GENEROSIDADE ALARGA O CORAÇÃO**. 2018. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-11/papa-francisco-missa-santa-marta-consumismo.html> . Acesso em: 07/04/2025.

FACEBOOK. **Perfil Dom Vicente Ferreira**. Disponível em:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=619554460174983&set=pb.100063613026721.-2207520000&type=3&locale=pt_BR Acesso em: 10/05/2025.

FRANCISCO, Papa. **A ESPERANÇA NUNCA DESILUDE**. Paulus.2024.

_____, _____. **Angelus**, 20/12/ 2020. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201220.html . Acesso em: 07/04/2025.

_____, _____. **CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI**. 2020. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso em: 07/04/2025.

_____, _____. **CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SÍ**. 2015. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso: 10/01/2025.

_____, _____. **Coletiva de imprensa no voo de retorno da viagem apostólica à África**. 10 set. 2019. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-menos-filhos-por-causa-do-apego-excessivo-ao-bem-estar.html> . Acesso em: 23/04/2025.

_____, _____. **Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos** - Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html acesso 10/04/2025.

_____, _____. **DISCURSO AOS MEMBROS DA FUNDAÇÃO AVSI PARA O PROJETO "HOSPITAIS ABERTOS" NA SÍRIA**. 2022. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220903-fondazione-avsi.pdf>. Acesso em 05/04/2025.

_____, _____. **Discurso do Santo Padre: Encontro com os Bispos do Chile**. 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html Acesso 01/05/2025.

_____, _____. **EXORTAÇÃO APOSTÓLICA CHRISTUS VIVIT**. Disponível em

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em:20/02/2025.

_____, _____. **EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM**. 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 03/04/2025.

_____. **MENSAGEM AOS PARTICIPANTES NO XIII FESTIVAL DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20231105-messaggio-festival-dottrinasociale.html>
Acesso em 23/02/2025.

_____. **MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 52º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS.** Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 15/01/2025.

_____. **MENSAGEM PARA O 56º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS.** 2022. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso em: 01/05/2025.

_____. **MENSAGEM PARA O 57º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html> Acesso: 20/04/2025.

FREI BETTO. CARTA AOS BISPOS CATÓLICOS DO BRASIL. Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/650211-carta-aos-bispos-catolicos-do-brasil>.
Acesso em: 05/04/2025.

HADAD, Daniel. **El Papa Francisco opinó sobre Nicaragua: “Es como las dictaduras comunistas o hitlerianas, grosera”** Disponível em:
<https://www.infobae.com/america/mundo/2023/03/10/el-papa-francisco-opino-sobre-nicaragua-es-como-las-dictaduras-comunistas-o-hitlerianas-grosera/> acesso em 17/01/2025.

INOCÊNCIO VIII. *INTER MULTIPLICES*. In: DALE, Romeu (org.). Igreja e Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 1973.

INSTAGRAM. Perfil @Frenteparlamentarcatolica. **Nota em Defesa da Liberdade de Expressão Religiosa.** Disponível em:
https://www.instagram.com/share/_bC2kWWa4 Acesso em 11/03/2025.

_____. Portal Tudo Acontece, 2025. **PADRE JÚLIO LANCELLOTTI E FREI GILSON: POLÉMICA ENTRE RELIGIOSOS DIVIDE OPINIÕES.** Disponível em:
<https://www.instagram.com/portaltudoacontece/> Acesso em: 23/03/2025.

_____. Perfil @freigilson_somdomonte. 29/04/2025. Acesso em: 10/05/2025.

_____. Perfil @Gazetadopovo. **Após pressão de pais, escola gaúcha cancela palestra com Frei Betto.** 12/06/2023. Acesso em: 10/05/2025.

_____. Perfil @padrejulio.lancellotti em 25/02/2025. Acesso em: 10/05/2025.

LEÃO X. **INTER SOLlicitudines**. 4 maio 1515. In: DALE, Romeu. Igreja e comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1973.

JOÃO PAULO II. **DISCURSO SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**, 1990. Encíclica sobre a missão da Igreja no mundo atual, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 12/01/2025.

_____. **REDEMPTORIS MISSIO: sobre a permanente validade do mandato missionário**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.

KOLLER, Felipe Sérgio. **A ontologia da alteridade como fundamento de uma Igreja Sinodal: contribuições de Ioannis Zizioulas no quadro do magistério do Papa Francisco**. Encontros Teológicos, v. 37, n. 2, p. 275-294, maio/ago. 2022.

KORYBKO, Andrew. **GUERRAS HÍBRIDAS: das revoluções coloridas aos conflitos. Moscou**: People's Friendship University of Russia (RUDN), 2016.

LEÃO XIII. **QUOD APOSTOLICI MUNERIS: encíclica sobre os erros do socialismo, comunismo e niilismo**. 28 dez. 1878. *Acta Leonis XIII*, vol. I.

LÉVY, Pierre. **A INTELIGÊNCIA COLETIVA: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Loyola, 1998.

LIESEN, Mauricio. **COMUNICAÇÃO: SEUS SIGNIFICADOS E SENTIDOS**. In: MACHADO, Elizeu Clementino de Souza; CATELLI JR., Roberto (Orgs.). Comunicação e Interação Humana. São Paulo: Paulinas, 2008.

LYON, David. **SURVEILLANCE AFTER SNOWDEN**. Cambridge: Polity Press, 2015.

MAINQUEAU, Dominique. **ANÁLISE DE TEXTOS DE COMUNICAÇÃO**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTELETO, Regina Maria. **ANÁLISE DE REDES SOCIAIS: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 72, jan./abr. 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **DOS MEIOS ÀS MEDIAÇÕES: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO DO HOMEM**. Editora Cultrix, 1969.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O MEIO É A MENSAGEM**. Trad. Ivan Pedro de Martins. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MEDEIROS, Fernanda; SILVA, Aline Amaro da; SOUZA, Alzirinha Rocha de; SBARDELLotto, Moisés; GOMES, Vinicius Borges. **INFLUENCIADORES DIGITAIS CATÓlicos: efeitos e perspectivas**. São Paulo: Ideias & Letras; Paulus, 2024.

MELO, José Marques. **COMUNICAÇÃO ECLESIAL: utopia e realidade**. Ed. Paulinas, 2005.

MENDES, VITOR HUGO. **Os “padres novos” frente à renovação do Vaticano II e a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Retroceder ou avançar?**

Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 13, n. 3, p. 1109-1129, set./dez. 2021.

Disponível em: [file:///C:/Users/padre/Downloads/28677-Texto%20do%20Artigo-35455-62568-10-20211222%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/padre/Downloads/28677-Texto%20do%20Artigo-35455-62568-10-20211222%20(1).pdf) acesso em: 10/02/2025.

MENDONÇA, José Tolentino. **A MÍSTICA DO INSTANTE: o tempo e a promessa**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MESSA, E. **Influenciadores Digitais? #WTF: uma reflexão sobre a falta de visão das agências de publicidade sobre o universo de influência online**. Youpix, 2016.

MODINO, Luis Miguel. **CARAVANA PELA ECOLOGIA INTEGRAL. ENTREVISTA COM DOM VICENTE FERREIRA**. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617703> Acesso em: 06/04/2025.

_____, _____. **DOM VICENTE DE PAULA FERREIRA: Assembleia Eclesial, oportunidade para “escutar a polissemia do Povo de Deus”**.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616378-dom-vicente-de-paula-ferreira-assembleia-eclesial-oportunidade-para-escutar-a-polissemia-do-povo-de-deus> Acesso em: 06/04/2025.

MOROZOV, Evgeny. **TO SAVE EVERYTHING, CLICK HERE: The Folly of Technological Solutionism**. New York: PublicAffairs, 2013.

PIO IX. **QUI PLURIBUS: encíclica sobre os erros do tempo**. 9 nov. 1846. *Acta Pii IX*, vol. I, p. 13.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. São Paulo, 2012, p. 16. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf. Acesso em 13/04/2025.

PY, Fábio. **PADRE PAULO RICARDO: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico**. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/606430-padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico-artigo-de-fabio-py> Acesso em 04/02/2025.

RECUERO, Raquel. **REDES SOCIAIS NA INTERNET**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, S. **SOBRE REPOVOAR NARRATIVAS: o Trabalho dos influenciadores Digitais a Partir de uma Abordagem Sociotécnica**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 21, p. 271-281, 2021.

RICOEUR, Paul. **O PERCURSO DO RECONHECIMENTO**. Tradução de Rogério Luz. São Paulo: Loyola, 2005.

SBARDELOTTO, Moisés. **AS ESCOLHAS POLÍTICAS DO FREI GILSON.**
Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/649584-as-escolhas-politicas-do-frei-gilson> Acesso: 15/04/2025.

_____, _____. **COMUNICAR A FÉ. POR QUÊ? PARA QUE? COM QUEM?** Ed. Vozes. 2020.

SILVA, Cristiane; TESSAROLO, Felipe. **INFLUENCIADORES DIGITAIS E AS REDES SOCIAIS ENQUANTO PLATAFORMAS DE MÍDIA.** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Faculdades Integradas Espírito Santense – FAESA. São Paulo, 2016.

SILVA, Fábio Gleiser Vieira. **A IGREJA CATÓLICA E A COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE MIDIATIZADA: Formação e Competência.** 2010. 186f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SOLOVE, Daniel J. **O FUTURO DA REPUTAÇÃO: fofocas, rumor, e privacidade na internet.** New Haven, Connecticut, EUA: Yale University Press, 2007.

SOUZA, Ney de; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. **O CISMA NA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E O NASCIMENTO DA IGREJA ORTODOXA: uma releitura histórica e as tentativas de reaproximação. Caminhos de Diálogo**, v. 2, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/download/28630/25258/62278>. Acesso em: 24/04/2025.

TEMPESTA, Orani. In: Revista Vida Pastoral. **Por uma Igreja Sinodal: Reflexão pastoral.** janeiro-fevereiro de 2023 - ano 64 – n. 349 - p.: 16-23.

Twitter de Helder Maldonado (@heldermaldonado) às 11:31 dia 07/03/2025.

Disponível em: <https://x.com/heldermaldonado/status/1898018732921720872>

Acesso em: 07/04/2025.

VASCONCELLOS, Ana Carolina. Brasil De Fato. **A GENTE CONTINUA RESISTINDO, POR MEMÓRIA, JUSTIÇA E ESPERANÇA”, DIZ DOM VICENTE FERREIRA** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/24/a-gente-continua-resistindo-por-memoria-justica-e-esperanca-diz-dom-vicente-ferreira/>
Acesso em: 06/04/2025.

VATICAN NEWS. **A "Carta ao Povo de Deus": a sinodalidade é o caminho do terceiro milênio**

VEJASP. **PAPA BENTO XVI ESTREIA NO TWITTER E VIRA MEME NA REDE SOCIAL.** Disponível em: <https://vejas.p.abril.com.br/coluna/pop/papa-bento-xvi-estreia-no-twitter-e-vira-meme-na-rede-social>. Acesso em: 02/12/2024.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. **PRAGMÁTICA DA COMUNICAÇÃO HUMANA: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação.** São Paulo: Cultrix, 2002.

WEBER, Max. **A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO.**
Tradução de Mário de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZAMPIERI, Paola. **O "PENSAMENTO" DO PAPA FRANCISCO.** Entrevista com Massimo Borghesi. Tradução: Luisa Rabolini. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/579298-o-pensamento-do-papa-francisco-entrevista-com-massimo-borghesi> Acesso em: 03/04/2025.